

RAPHAEL MENDES

**ASPECTOS COMPARATIVOS DA REGÊNCIA VERBAL EM
PORTUGUÊS E INGLÊS PARA A ELABORAÇÃO DE UM
DICIONÁRIO BILÍNGUE**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Orientador: Prof^a. Dr^a. Claudia Zavaglia
Coorientador: Prof^a. Dr^a. Solange Aranha

São José do Rio Preto
2013

RAPHAEL MENDES

Aspectos comparativos da regência verbal em português e inglês para a elaboração de um dicionário bilíngue

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Tratamento do Léxico da Língua Geral, área de Análise Linguística, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Claudia Zavaglia
Professor Assistente Doutor
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Ariani Di Felippo
Professor Doutor
Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Douglas Altamiro Consolo
Professor Assistente Doutor
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 1º de fevereiro de 2013

AGRADECIMENTOS

Às Prof^{as}. Claudia Zavaglia e Solange Aranha, por apoiar e, sobretudo, direcionar cautelosamente meus primeiros passos de pesquisa acadêmica.

Às Prof^{as}. Melissa Alves Baffi-Bonvino e Vivian Regina Orsi Galdino de Souza, pelas observações acuradas no exame de qualificação, etapa crucial de um curso de mestrado.

Ao Prof. Odair Luiz Nadin da Silva, pelas valiosas sugestões no texto apresentado em sessão de debate no XI Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP, em 2011.

A Sílvia Gomes de Oliveira, Letícia Fonseca Borges e Ana Paula Garcia, pelo companheirismo ao longo dos últimos anos, pelo apoio inestimável em questões extra-acadêmicas, e, sobretudo, pela sincera amizade.

E por fim, à CAPES e à FAPESP, por acreditar no potencial do nosso projeto de pesquisa mediante concessão de bolsa de fomento.

RESUMO

Muitas vezes as gramáticas tradicionais e os dicionários existentes não são suficientes para resolver as dúvidas de estudantes e consulentes relativas a problemas linguísticos específicos. Com base nisso, propusemos um estudo de cunho contrastivo sobre uma temática pouco explorada, mas de grande relevância para a gramática e para a lexicografia: a regência verbal. Nos dicionários, esse tipo de informação gramatical é, em geral, tratado de forma imprecisa ou sequer aparece, o que pode dificultar a compreensão e/ou a produção em língua materna ou estrangeira. Dessa forma, este trabalho trata da apresentação da conclusão de um projeto de pesquisa que propôs: i) um estudo comparativo entre a língua portuguesa do Brasil e a língua inglesa, em suas variantes britânica e americana, a partir da reflexão sobre as semelhanças e diferenças observadas entre os dois sistemas no que diz respeito aos verbos regidos por preposição, e ii) a elaboração de verbetes para um dicionário bilíngue de regência verbal na direção português-ínglês, tendo como base os resultados da análise contrastiva. Para que os objetivos da proposta fossem alcançados, procedemos a uma análise de aspectos gerais sobre regência encontrados na literatura existente, para, então, privilegiarmos um tipo específico de regência. As constatações das análises geral e específica alicerçaram a idealização de um modelo de organização microestrutural que contemplasse a regência verbal de uma dada categoria semântica. Particularmente, as conclusões da análise específica também mostraram que uma mesma noção semântica pode ser expressa por meio de preposições variadas. Os verbetes que compõem a nossa proposta de dicionário, cujo usuário ideal é o aprendiz que precisa se expressar em língua inglesa, foram selecionados a partir de uma nomenclatura prévia, desenvolvida em projeto anterior. Com isso, acreditamos que os resultados obtidos possam consolidar-se como um olhar sobre o fenômeno gramatical da regência verbal em termos comparativos, bem como contribuir para as necessidades específicas de consulentes interessados no aperfeiçoamento da produção textual em língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: regência verbal, equivalência, lexicografia bilíngue.

ABSTRACT

Traditional grammars and the dictionaries available are often inaccurate to solve the doubts of students and users concerning particular linguistic issues. Based on that, we proposed a contrastive study on a theme not properly explored, but highly relevant to grammar and lexicography: verbal regency. Generally speaking, in dictionaries, this type of grammar information is inaccurately shown or not even brought, which can hinder mother or foreign language comprehension and/or production. Thus this work presents the conclusion of a research project that aimed at: i) a comparative study between Brazilian Portuguese and British and American English on the similarities and differences observed in these languages concerning verbs followed by prepositions, and ii) the elaboration of entries to a Portuguese-English dictionary of verbal regency, based on the results of the comparative analysis. In order to achieve our goals, we carried out an analysis of general aspects about regency found in the existing literature, so as to subsequently focus on a specific type of regency. Our findings regarding both the general and the specific analyses based the elaboration of an entry model which could show the verbal regency of a certain semantic category. Furthermore, the conclusions of the specific analysis particularly showed that the same semantic notion can be expressed through a range of prepositions. The entries to be included in our dictionary, whose ideal user is the English learner with language production needs, were selected from the wordlist of a previous project. We therefore believe that the results obtained can be seen as a view on the grammar phenomenon of verbal regency in comparative terms, and can contribute towards the specific needs of dictionary users who want to improve their English textual production.

KEY-WORDS: verbal regency, equivalence, bilingual lexicography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCEG – Collins Cobuild English Grammar

COD – Concise Oxford Dictionary

DHVLP – Dicionário Houaiss de Verbos da Língua Portuguesa

DMRV – Dicionário Multilíngue de Regência Verbal

DPRV – Dicionário Prático de Regência Verbal

DRAE – Diccionario de la Real Academia Española

DRV – Dicionário de Verbos e Regimes

LI – Língua inglesa

LP – Língua portuguesa

NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira

OED – Oxford English Dictionary

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – <i>Exemplos de verbos da língua portuguesa regidos por preposições que retomam prefixos</i>	26
Quadro 2 – <i>Exemplos de verbos preposicionados da língua inglesa</i>	30
Quadro 3 – <i>Exemplos de verbos da língua inglesa regidos por mais de uma preposição na mesma acepção</i>	30
Quadro 4 – <i>As preposições e as partículas adverbiais segundo Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999)</i>	38
Quadro 5 – <i>Significados das principais preposições da língua portuguesa com base em Cunha e Cintra (2007)</i>	40
Quadro 6 – <i>Significados das principais preposições da língua inglesa com base em Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999) e Quirk et al. (1989)</i>	47
Quadro 7 – <i>Definição de lexicografia fornecida pelo DRAE em 1970 e 1984, 1992, 2001</i>	61
Quadro 8 – <i>Características distintivas entre os dicionários britânicos e os norte-americanos</i>	70
Quadro 9 – <i>Modelo do verbete DIZER da macroestrutura do Dicionário Multilíngue de Regência Verbal</i>	80
Quadro 10 – <i>Modelo microestrutural da nossa proposta de dicionário</i>	81
Quadro 11 – <i>Modelo do verbete ENFIAR da macroestrutura da nossa proposta de dicionário</i>	81
Quadro 12 – <i>Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos de preposição</i>	85

Quadro 13 – <i>Exemplos de verbos da língua inglesa intransitivos seguidos de um sintagma preposicional.....</i>	87
Quadro 14 – <i>Exemplos de verbos da língua inglesa intransitivos seguidos de um sintagma preposicional que admitem mais de uma regência na mesma acepção.....</i>	89
Quadro 15 – <i>Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos por objeto direto e sintagma preposicional.....</i>	90
Quadro 16 – <i>Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos por objeto direto e sintagma preposicional que admitem mais de uma regência na mesma acepção.....</i>	91
Quadro 17 – <i>Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos por objeto direto ou sintagma preposicional, aos quais o acréscimo de preposição pode gerar diferenças de sentido.....</i>	92
Quadro 18 – <i>Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos por objeto direto ou sintagma preposicional, aos quais o acréscimo de preposição especifica a noção espacial.....</i>	93
Quadro 19 – <i>Construções sintáticas de verbos bitransitivos do inglês.....</i>	94
Quadro 20 – <i>Exemplos de phrasal verbs seguidos de preposição.....</i>	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – A regência verbal em português e inglês e a semântica das preposições.....	20
1.1 A regência verbal em língua portuguesa.....	20
1.2 A regência verbal em língua inglesa.....	28
1.2.1 Verbos preposicionados e verbos + partícula adverbial (<i>phrasal verbs</i>).....	31
1.3 O valor das preposições em português e em inglês.....	38
1.3.1 O significado das preposições em língua portuguesa.....	39
1.3.2 O significado das preposições em língua inglesa.....	46
CAPÍTULO II – Aspectos lexicográficos e de tradução.....	53
2.1 O dicionário como objeto de estudo.....	55
2.2 A constituição da lexicografia como ciência linguística.....	59
2.2.1 A evolução da concepção de lexicografia.....	60
2.2.2 Os primórdios e a evolução da metalexicografia.....	63
2.3 A evolução da tradição lexicográfica de língua inglesa.....	65
2.4 A noção de equivalência em teorias da tradução e em lexicografia bilíngue.....	72
CAPÍTULO III – Procedimentos metodológicos.....	77
3.1 Etapas da pesquisa.....	78
3.2 A nomenclatura da proposta de dicionário.....	78
3.3 A descrição da microestrutura.....	80

CAPÍTULO IV – Análise de verbos preposicionados.....	84
4.1 Direção inglês-português.....	84
4.1.1 Verbos seguidos de preposições.....	85
4.1.2 Verbos seguidos por objeto direto e sintagma preposicional (V + [SN]_{OD} + SPrep).....	90
4.1.3 Verbos seguidos por objeto direto ou sintagma preposicional (V + [SN]_{OD} ou V + SPrep).....	91
4.1.4 Verbos bitransitivos.....	94
4.1.5 Phrasal verbs seguidos de preposição.....	99
4.2 Direção português-inglês.....	101
4.2.1 A regência que implica a noção de “deslocamento físico”, com ênfase no término do movimento.....	101
CAPÍTULO V – Resultados finais.....	118
CONCLUSÕES.....	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	137

INTRODUÇÃO

É sabido que os sistemas linguísticos diferem uns dos outros tendo em vista fatores de ordem vária: fonológica, morfológica, sintática, semântica. Um dos aspectos que melhor permite-nos distinguir diferentes sistemas linguísticos é o sintático. Mediante a análise sintática, isto é, a investigação de como as palavras se articulam para formar blocos sintagmáticos, de como determinados itens lexicais regem outros itens e regem relações de subordinação denominadas de concordância, é possível detectar as estruturas e combinações típicas de uma dada língua. A sintaxe é de fato tão peculiar às línguas que a aprendizagem de uma língua estrangeira é reveladora de quão difícil é usar com propriedade os mecanismos sintáticos de um idioma, podendo ser sentida, por alguns aprendizes, como mais complexa do que a aquisição do seu léxico ou da sua pronúncia.

Nesse contexto de aprendizagem de outra língua, é natural a confusão entre os conceitos de gramática e sintaxe, sendo esta última apenas uma das diversas perspectivas sob as quais se divide o estudo gramatical de uma língua. Dessa forma, é comum ouvir que o que torna difícil o aprendizado de uma língua estrangeira é ter de dominar a sua “gramática”, o que muitas vezes se refere não ao vocabulário ou à articulação dos sons, mas à estruturação sintática dessa língua.

Dentre os diversos tópicos que se encaixam no âmbito da investigação sintática, a regência e a transitividade verbal constituem pontos que são ao mesmo tempo nevrálgicos e espinhosos. “Nevrálgicos” porque são essenciais ao encaixamento sintático que leva à formação de dada predicação (o que caracteriza a principal função da categoria verbo), e “espinhosos” tendo em vista duas perspectivas: a do aprendiz da língua, materna ou estrangeira, que muitas vezes se mostra desmotivado ao se deparar com uma abordagem mais

aprofundada da estruturação da língua, e a dos linguistas, que não raro analisam esses tópicos, regência e transitividade verbal, de maneira não consensual.

Dessa forma, são bastante relevantes os estudos dedicados à regência dos verbos. Na língua portuguesa, autores como Perini e Fulgêncio (1987), Fernandes (2009), Azeredo (2008), Borba (1996), Ignácio (2005), Vilela (1995), Luft (2011), Said Ali (1998), Rodrigues-Feitosa (2003), entre outros, abordam a questão da relação verbo-preposição. Já na língua inglesa, as gramáticas de Quirk *et al.* (1989) e Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), bem como a *Collins Cobuild* (1990), parecem ser as principais referências sobre o escasso aporte teórico de que dispomos sobre a relação entre verbo e preposição.

A regência dos verbos está diretamente relacionada à sua transitividade tal como considera a gramática tradicional, dado que os verbos são classificados sob diferentes rótulos quanto à sua transitividade a depender do fato de regerem ou não uma preposição para então se ligarem ao seu complemento. Tão relevante quanto estudar a regência verbal no interior de uma única língua é investigar esse tópico interlinguisticamente, ou seja, discutir aspectos contrastivos da regência verbal entre dois sistemas linguísticos. Uma análise comparativa de tal tópico pode constituir-se em um tema de investigação revelador das peculiaridades sintáticas das línguas, que, além das diferenças, evidentemente, podem apresentar semelhanças também.

A abordagem da regência verbal em um estudo comparativo pode ser, portanto, um objeto de pesquisa suscitador de significativo interesse. E é esse interesse que nos impulsionou a desenvolver este projeto, fundamentado na proposta de fornecer uma visão contrastiva do funcionamento dos mecanismos de regência verbal nas línguas portuguesa e inglesa, e de elaborar, subsequentemente à análise comparativa, uma proposta de dicionário especial de regência verbal na direção português-inglês para produção em língua inglesa. Com

o desenvolvimento de nossa pesquisa, acreditamos contribuir para os estudos de natureza contrastiva já existentes, e também para o surgimento de futuras propostas de cunho lexicográfico dedicadas à questão da regência, máxime obras bilíngues, uma vez que no mercado editorial atual não é grande a oferta de dicionários voltados para essa temática.

Segundo Zavaglia e Silva (2006), os dicionários especiais, como os de regência verbal, por exemplo, não são os mais conhecidos e empregados. O tipo de dicionário mais comumente utilizado para esse tipo de inserção de informação, quando existente, é o dicionário de língua geral. Embora sua função básica seja a de registrar e definir os signos lexicais que se referem a conceitos elaborados e cristalizados na cultura de determinada língua, os dicionários são, sem dúvida, uma autoridade no que diz respeito a questões linguísticas de natureza vária, e não apenas no fornecimento de informações conceituais sobre determinada palavra. Quando o consulente recorre a ele, pode estar, entre outros propósitos, em busca de informações gramaticais, tais como o gênero da palavra, sua forma plural, sua categoria gramatical, a preposição regida por ela etc.

Ainda assim, a informação gramatical que acompanha as unidades linguísticas nos dicionários costuma ser pouco detalhada, em especial no caso dos dicionários bilíngues, possivelmente porque o interesse do público-alvo desses dicionários se reduza apenas à busca de equivalentes semânticos. Dessa forma, a maioria desse tipo de dicionário oferece somente algumas informações a respeito das unidades descritas, como a categoria gramatical à qual pertencem e suas formas flexionadas, não se estendendo à indicação das preposições adequadas.

A pesquisa de Lemmens (1996) confirma a tese sobre as dificuldades de se descreverem as informações gramaticais contidas nos dicionários, sobretudo no tocante ao uso das preposições. A informação parece constar no dicionário de forma implícita, inserida nos

exemplos, e isso explica o fato de que somente 50% dos consulentes percebe sua presença. Além disso, quando essa metade sabe que há informações gramaticais no dicionário, não consegue distinguir de que tipo são elas. A gramática do verbo, por exemplo, é desconsiderada por um grande número de usuários. Para os aprendizes iniciantes, as dificuldades são ainda maiores no sentido de saber extrair as informações gramaticais sobre a palavra.

Por outro lado, a referida pesquisa também revela que a grande maioria dos alunos considera a “combinação com outras palavras” um aspecto muito importante a ser incluído nos dicionários, o que inclui a questão do regime preposicional dos verbos. Torna-se evidente, portanto, a autoridade dos dicionários no que diz respeito ao fornecimento de informações linguísticas, a ponto de substituírem as gramáticas da língua, cuja função específica é justamente abordar questões linguísticas.

Ainda segundo Lemmens (1996), varia de 80 a 100% o percentual de alunos que buscam informações gramaticais no dicionário, mas as fontes de consulta são criticadas por eles, que alegam escassez de informação explícita sobre quais preposições devem ou não devem ser usadas. Há que se ponderar, entretanto, que, com as mudanças e constantes inovações no cenário multimidiático dos últimos anos, os alunos buscam também, e talvez preferencialmente, informações gramaticais em ferramentas de busca e de tradução na WEB.

Ainda assim, seria de grande utilidade a existência de dicionários específicos que abordassem o tema da regência verbal, já que os dicionários de língua geral, na maioria das vezes, não incluem informações sobre o regime preposicional da categoria verbo. E parece haver uma necessidade crescente do público usuário desse tipo de obra de referência no mercado brasileiro, máxime se bilíngue ou multilíngue.

A preferência pelo dicionário bilíngue ao monolíngue no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira é constatada por Zavaglia e Silva (2006). Isso se deve, em geral, à falta de clareza dos dicionários monolíngues, aos quais geralmente se recorre com o propósito de checar usos sintáticos e/ou contextuais. É com base nesse fato que defendemos a pertinência da elaboração de dicionários bilíngues ou multilíngues especiais para a descrição de problemas específicos da língua. Dentre uma gama de dificuldades linguísticas, escolhemos abordar a questão dos verbos que regem preposições, uma vez que o uso incorreto de uma preposição pode acarretar prejuízos na compreensão dos enunciados.

A escassez de obras lexicográficas dedicadas ao contraste bi ou multilíngue no âmbito da regência verbal é um fator que, sem dúvida, dificulta o aprendizado e a aquisição de uma língua estrangeira, visto que em grande parte dos casos os aprendizes não sabem como resolver o problema da presença ou não de uma preposição, ou a preposição adequada quando de fato necessária. Utilizar apropriadamente uma preposição regida por um verbo é fundamental e implica a aplicação correta das relações semântico-sintáticas dos verbos na produção textual. O emprego preposicional equivocado pode alterar consideravelmente o sentido dessa categoria gramatical tão decisiva na construção de um enunciado.

Nos dicionários, a informação sobre a regência de um verbo em geral está contida nos exemplos ou abonações, quando existentes. No caso dos aprendizes de língua estrangeira, a dificuldade é maior, pois seu domínio do idioma nem sempre é suficiente para a compreensão dos enunciados dos exemplos, o que explica grande parte das construções errôneas envolvendo os verbos e as preposições por eles regidas ou não. É frequente a estratégia de pensar numa dada construção de regência tal como ela se apresenta na língua materna, e reproduzi-la na língua estrangeira, o que pode levar a equívocos tradutórios tanto do ponto de vista sintático-estrutural quanto do semântico.

Com a proposta de elaboração de um dicionário bilíngue português-inglês, para produção em língua inglesa, que trate adequadamente da regência dos verbos, com uma boa visualização do tipo de preposição regida a depender do valor semântico, acreditamos estar colaborando para a produção de obras mais consistentes dessa natureza. O traço semântico privilegiado dos verbos contemplados em nossa proposta lexicográfica é o de “deslocamento físico”, com ênfase no ponto final do movimento.

O **capítulo I** deste trabalho, intitulado **A regência verbal em português e inglês e a semântica das preposições**, discute a abordagem feita pelos autores de língua inglesa e língua portuguesa sobre o fenômeno gramatical da regência. Ademais, consideramos importante a inclusão de uma síntese dos principais traços semânticos das preposições de maior frequência de ambas as línguas envolvidas no trabalho.

Em **1.1, A regência verbal em língua portuguesa**, apresentamos o posicionamento teórico de distintos gramáticos sobre a natureza da relação verbo-preposição na nossa língua, sem deixar de esclarecer a diferença conceitual entre valência, transitividade e regência verbal, conceitos que por vezes se confundem dada a proximidade de suas definições.

No item **1.2, A regência verbal em língua inglesa**, fornecemos a contraparte da língua inglesa sobre o fenômeno estudado, pontuando e discutindo como os principais linguistas tratam da relação verbo-preposição nessa língua. É crucial destacar, entretanto, que esta relação não é vista da mesma forma como a entendem os gramáticos de língua portuguesa, o que evidencia diferenças naturais entre os dois sistemas linguísticos.

O subitem **1.2.1, Verbos preposicionados e verbos + partícula adverbial (*phrasal verbs*)**, dá destaque às diferenças entre duas categorias de verbos da língua inglesa que se assemelham estruturalmente, mas que não devem ser confundidas por apresentarem

comportamento sintático-semântico bastante peculiar: os verbos seguidos de preposição e os *phrasal verbs*.

Sendo a preposição um constituinte essencial no fenômeno gramatical estudado, julgamos fundamental fornecer, no item **1.3, O valor das preposições em português e em inglês**, uma síntese dos principais matizes semânticos das preposições mais usuais das línguas envolvidas no contraste. Nas subdivisões **1.3.1, O significado das preposições em língua portuguesa**, e **1.3.2, O significado das preposições em língua inglesa**, além da elucidação propriamente dita do significado das preposições, pontuamos algumas considerações de importantes autores de ambas as línguas sobre o estatuto das preposições.

O **capítulo II**, cujo título é **Aspectos lexicográficos e de tradução**, é dedicado à interface entre lexicografia e tradução. São abordadas noções teóricas elementares do âmbito da lexicografia, para que posteriormente seja discutida sua relação com aspectos de tradução.

Defender o dicionário como objeto de estudo linguístico é a nossa proposta no item **2.1, O dicionário como objeto de estudo**, em que são discutidas também algumas questões teóricas sobre a constituição dos dicionários e a metodologia utilizada em sua elaboração.

No item **2.2, A constituição da lexicografia como ciência linguística**, tratamos especificamente da evolução da concepção de lexicografia (subitem **2.2.1**), assim como de seu componente teórico, a metalexicografia (subitem **2.2.2**).

Já o item **2.3, A evolução da tradição lexicográfica de língua inglesa**, fornece um panorama geral da produção de dicionários em língua inglesa desde os seus primórdios, com enfoque nas lexicografias britânica e norte-americana.

Finalmente, o capítulo II se encerra com o item **2.4, A noção de equivalência em teorias da tradução e em lexicografia bilíngue**, no qual damos destaque à projeção inevitável de questões essenciais de tradução no fazer lexicográfico bilíngue.

O **capítulo III, Procedimentos metodológicos**, informa as etapas seguidas nesta pesquisa. Esclarecemos os procedimentos para a escolha dos verbos que foram objeto de análise, bem como os critérios para a elaboração de verbetes de um dicionário bilíngue na direção português-inglês.

O **capítulo IV**, intitulado **Análise de verbos preposicionados**, consiste no estudo comparativo de alguns verbos da língua portuguesa e da língua inglesa que são acompanhados de preposição. Para fins didáticos, optamos pela separação dos verbos em duas direções: inglês-português (item **4.1**) e português-inglês (item **4.2**).

Em **4.1.1, Verbos seguidos de preposições**, fazemos considerações gerais sobre a relação verbo-preposição com alguns verbos do inglês, com o propósito de estabelecer semelhanças e diferenças com seus correspondentes em português.

Por outro lado, os subitens **4.1.2, Verbos seguidos por objeto direto e sintagma preposicional (V + [SN]_{OD} + SPrep)**, e **4.1.3, Verbos seguidos por objeto direto ou sintagma preposicional (V + [SN]_{OD} ou V + SPrep)**, são dedicados, além do cotejo, a questões sintáticas importantes que envolvem esses dois grupos de verbos.

Determinados verbos que admitem mais de um objeto recebem atenção especial no subitem sobre **Verbos bitransitivos (4.1.4)**, mediante discussões estruturais fundamentais.

Em **4.1.5, Phrasal verbs seguidos de preposição**, mostramos que alguns verbos dessa categoria tão peculiar à língua inglesa também podem exigir uma preposição para se ligarem a um complemento.

O último item desse capítulo, **4.2**, composto apenas pelo subitem **4.2.1**, intitulado **A regência que implica a noção de “deslocamento físico”, com ênfase no término do movimento**, propõe uma discussão sobre verbos preposicionados que implicam, em alguma(s) de suas acepções, a noção de “deslocamento físico”, com ênfase no ponto final do

movimento, com a finalidade de estabelecer um contraste interlinguístico no que diz respeito à relação verbo-preposição na expressão de tal noção.

No **capítulo V**, mostramos os resultados desta pesquisa, como objetivo final daquilo que nos propusemos a estudar. Assim, apresentamos 50 verbetes da nossa proposta de dicionário, como amostra da organização lexicográfica que idealizamos para os verbos preposicionados em questão.

Com base nas dificuldades que se têm em esclarecer dúvidas sobre regência verbal quando se consultam gramáticas e dicionários, em especial quando a dúvida está relacionada à comparação entre dois sistemas linguísticos, acreditamos que a análise proposta neste trabalho, bem como os verbetes dela resultantes, possa contribuir com as necessidades pontuais de estudantes e consulentes.

CAPÍTULO I

A REGÊNCIA VERBAL EM PORTUGUÊS E INGLÊS E A SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES

Muitas dificuldades que o falante de uma língua tem com relação ao uso adequado dos verbos centram-se, muitas vezes, em dúvidas sobre regência.

Os estudos voltados especificamente para a relação entre o verbo e a(s) preposição(ões) por ele exigida(s) são escassos, e com frequência a questão da regência verbal encontra-se diluída, podendo até mesmo ser confundida com a transitividade verbal. Com base nisso, os próximos itens são dedicados a pontuar questões relativas à regência verbal das línguas portuguesa e inglesa, bem como a esclarecer os principais traços semânticos das preposições mais usuais dessas línguas.

1.1 A regência verbal em língua portuguesa

A gramática tradicional subcategoriza os verbos segundo sua recusa ou exigência de complementos (os *intransitivos* recusam qualquer espécie de objeto; os *transitivos* [diretos ou indiretos] exigem um objeto [direto ou indireto] e os *de ligação* exigem um predicativo do sujeito).

Perini e Fulgêncio (1987) discutem a possibilidade de construir outro modelo de classificação dos verbos quanto aos complementos com os quais coocorrem, sejam eles

obrigatórios ou opcionais, pois acreditam que é justamente na inflexibilidade das noções de “exigência” e “recusa” que repousa a insuficiência da posição tradicionalista. De fato, verbos que admitem apenas opcionalmente um objeto não poderiam ser enquadrados nesse esquema de classificação, por ora terem sentido completo, ora não, como o verbo *comer* nas frases: *Pedro comeu a banana* (“comer” é transitivo) e *Pedro já comeu* (“comer” é intransitivo). Nesses casos, propõe-se que o verbo *comer* seja considerado como “usado transitivamente” na primeira frase e “usado intransitivamente” na segunda. Com isso, a transitividade ou intransitividade de um verbo estaria intimamente ligada aos contextos em que o verbo pode ocorrer. Nesse sentido,

[...] não obstante o grande número de restrições, a hipótese da coocorrência livre de verbos e complementos, em forma modificada, ainda é útil para ajudar a descrever o comportamento sintático dos verbos. E veremos também que as noções tradicionais de “exigência” e “recusa” igualmente merecem ser conservadas, dentro de um novo contexto. O novo contexto a que nos referimos é o que leva em conta a dimensão *marcado/não-marcado*. Essa oposição, para dar uma ideia muito grosseira, procura capturar o fato de que certas coisas são mais “normais” na língua do que outras; desse modo, vimos que o “normal” (isto é, o não-marcado) em português é os verbos exigirem sujeito; já o caso marcado é o dos verbos como *chover*, que admitem opcionalmente um sujeito (PERINI e FULGÊNCIO, 1987, p. 73-74).

Já Fernandes (2009), quanto à presença de um objeto indireto, classifica verbos acompanhados de um complemento preposicionado, seja circunstancial ou essencial à ação verbal, como *verbos relativos*, e verbos construídos com dois complementos indiretos, como *verbos birrelativos*. Por outro lado, Azeredo (2008) também se utiliza da denominação *verbos relativos* para categorizar os verbos que se ligam ao seu complemento mediante preposição, excetuando-se, contudo, os verbos que regem a preposição *a*, que, podendo ser substituídos pelos pronomes átonos *lhe/lhes*, são os únicos rotulados de *transitivos indiretos* pelo autor.

O *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*, coordenado por Borba (1991), seguiu criteriosos procedimentos metodológicos e utilizou sempre dados documentais para descrever exaustivamente cerca de seis mil verbos. Esse número é resultante de uma pesquisa de frequência, realizada na base textual informatizada do Laboratório de Lexicografia da UNESP, câmpus de Araraquara, base esta que compreende documentos dos cinco principais gêneros textuais do português contemporâneo do Brasil (literatura romanesca, jornalística, técnica, dramática e oratória), com cerca de 200 milhões de ocorrências de palavras (BERBER SARDINHA, 2004). Essa obra considera a valência de um verbo, segundo a teoria de Tesnière,¹ para afirmar que a construção com um objeto preposicionado é obrigatória (*Simpatizei muito com a nova secretária*), facultativa ou dispensável (*Paulo cumpriu [com] suas obrigações*).

Diante disso, convém esclarecermos alguns pontos relativos à valência verbal, para, justamente, podermos fundamentar de maneira clara e evidente a nossa proposta de dicionário, que considera apenas a regência de um verbo, embora nos valhamos da teoria das valências para melhor entendê-lo do ponto de vista sintático e semântico.

Borba (1996) dá ao termo *valência* uma conceituação genérica e abrangente, considerando-a uma propriedade que determinada classe de elementos tem de se relacionar com classes específicas de outros elementos, o que faz com que o sentido do termo também inclua o regime dos substantivos, dos adjetivos e de alguns advérbios. Nesse sentido, julgamos esclarecedora a seguinte citação:

Borba (1990, p. XXI) a define [valência verbal] como o “conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos ou constituintes indispensáveis”. Para ser exato, é preciso dizer que existe também a valência de substantivos e de adjetivos (tratada

¹ TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1965.

em Borba, 1996a, p.84-190), de modo que há até mesmo dicionários dedicados especificamente a ela [...] (WELKER, 2005, p. 75-76).

Ainda segundo Welker (2005, p. 75-76), o verbo é o núcleo da frase, pois determina seus outros elementos. Metaforicamente:

Como determinado átomo precisa de um certo número de outros átomos para formar uma molécula (o que é indicado pela valência química), assim um determinado verbo – ou melhor, determinada acepção – exige um certo número de *complementos* (ou *actantes*) para que a frase seja gramaticalmente correta. Mas a valência gramatical dá mais do que o simples número. Enquanto a *regência* só informa se o verbo pede um objeto (direto ou indireto), a valência indica que, por exemplo, *morar* (na acepção mais comum, isto é, *residir*) pede, além do sujeito, um complemento de lugar.

Assim, podemos dizer que os conceitos de valência, regência e transitividade verbais aproximam-se, com a diferença de que o termo valência é mais abrangente e nos permite rediscutir a nomenclatura gramatical tradicional no que tange aos elementos que “completam” o sentido do verbo.

Na sua definição de valência verbal, Borba (1996) a considera como as propriedades sintático-semânticas do verbo, isto é, seu comportamento no âmbito frasal, em oposição às suas características morfológicas (tais como categorias de tempo, modo, número e pessoa). O autor, contudo, é mais específico, e não se restringe à valência verbal quantitativa, isto é, aquela que determina o número de argumentos de um verbo. Dessa forma, a subcategoriza em:

Valência quantitativa, que diz respeito ao número de argumentos dos verbos (no português, 0 a 4 argumentos). Tem valência zero (V_0) os verbos impessoais que se realizam apenas pelo predicado (*trovejar, nevar, chover*); valência 1 (V_1) verbos que exigem apenas um argumento (*andar, sonhar, ajoelhar-se*), em geral o sujeito; valência 2 (V_2) verbos que selecionam dois argumentos (*ver, ir, odiar, gostar*), tais como sujeito e complemento (direto,

indireto ou circunstancial); valência 3 (V_3) os verbos de três lugares (*dar, contar, unir*); e valência 4 (V_4) os verbos de quatro lugares, tais como os de transferência (*levar, transferir*) ou transposição (*traduzir, verter*);

Valência sintática, que evidencia a classe gramatical dos argumentos, que em sua maioria se expressa por substantivos e pronomes, mas também pode englobar orações (conjuncionais e reduzidas) e também alguns advérbios modais; e

Valência semântica, que está relacionada às propriedades semânticas dos verbos, isto é, à elucidação de seus traços semânticos, o que implica em restrições seletivas quanto às unidades lexicais com as quais o verbo se liga (os seus argumentos).

No que concerne à regência verbal, o autor a define como “mecanismo que atua no esquema superficial controlando o uso, a distribuição e o estatuto das preposições com relação aos verbos da língua” (BORBA, 1996, p. 48).

Posição teórica semelhante é a de Ignácio (2005, p. 92), para quem a regência é entendida como “a propriedade que têm os verbos de exigirem complementos, preposicionados ou não, classificados como Objetos (Diretos ou Indiretos).” Para o autor, a classificação dos verbos pela tradição gramatical, em especial os que exigem preposição, é questionável. Um exemplo recorrente é o caso dos verbos preposicionados cujos complementos, embora expressem uma circunstância, são nitidamente necessários para que se complemente sua estrutura significativa:

Um verbo que exija um complemento de lugar ou de tempo, por exemplo, classifica-se, segundo a *NGB* (Nomenclatura Gramatical Brasileira), como **intransitivo**, como é o caso dos verbos de movimento (“ir”, “vir”, “chegar” etc.), que pressupõem um complemento de lugar, e verbos que pressupõem complemento de tempo e, às vezes, de tempo e lugar concomitantemente (“durar”, “ficar” etc.), em construções como:

- a) *Fomos a Brasília.*
- b) *Chegamos a São Paulo.*
- c) *A guerra durou dez anos.*
- d) *Paulo ficou duas horas no ponto do ônibus.*

Fica evidente a impropriedade em dizer-se que tais verbos sejam **intransitivos**. Note-se que o verbo “ficar”, no exemplo d), exige dois complementos: um de **tempo** e outro de **lugar**. Antes da simplificação feita pela NGB, alguns autores, percebendo a obrigatoriedade desses complementos, chegaram a classificar os verbos em questão como **transitivos circunstanciais**, critério adotado atualmente por alguns dicionaristas como Aurélio e Houaiss (IGNÁCIO, 2005, p. 92) (Grifos do autor).

A Vilela (1995) também não basta a classificação dos verbos de acordo apenas com sua transitividade. Lembra-nos que o sentido de verbos transitivos não é completado somente por objetos, diretos ou indiretos, mas obviamente também pelos próprios sujeitos que na verdade acabam por determinar a construção dos enunciados. Os objetos, por sua vez, têm a função de explicitar os traços estruturais já previstos (*A cortina azul destoou do ambiente*).

O autor faz uma distinção entre objeto preposicionado obrigatório e objeto preposicionado circunstancial. Segundo ele, deve-se observar se a preposição é vazia de conteúdo ou portadora de significado. No primeiro caso, a preposição estará introduzindo um complemento nuclear (*Ela não resiste aos doces de coco*) e, no segundo, um complemento periférico, geralmente um adjunto adverbial de tempo, de meio ou de modo (*Rezarei por você*).

A classificação dos verbos de Luft (2011), por sua vez, baseia-se na noção de padrões oracionais e, observando as estruturas verbo-nominais, ele denomina *transitivos indiretos* os verbos que apresentam complementos introduzidos por preposição e pontua o significado de *regência* segundo a sua origem de *reger*, “governar, comandar, dirigir”. Para ele, o termo *regência* equivale ao termo *subordinação*, uma vez que, em um enunciado como *Ele come demais*, o verbo subordina o seu complemento (no caso, o verbo *come* subordina o advérbio *demais* e, por isso, é a palavra regente ou subordinante, e *demais*, a palavra regida ou subordinada). O autor propõe, portanto, dois tipos de regência:

[...] em um sentido restrito, e mais habitual, regência é a subordinação especial de complementos às palavras que os prevêm na sua significação [...]. Regência em sentido restrito é a necessidade ou desnecessidade de complementação implicada pela significação de nomes e verbos. [...] Na acepção ampla de regência, o verbo (não sendo de ligação: *ser*, *estar* e semelhantes) rege todos os termos da oração; na acepção restrita, rege os complementos (LUFT, 2011, p. 5-6).

Outra observação relevante feita por Luft (2011, p. 14-15) concentra-se na seguinte citação:

Caso interessante de regência preposicional é o de verbos portadores de prefixos: um condicionamento morfossemântico entre prefixos e preposições. O prefixo da palavra regente volta sob forma de preposição: *acorrer a*, *conviver com*, *derivar de*, *embarcar em*, *peregrinar por* etc.

Tais prefixos são oriundos, como se sabe, de preposições latinas. Na língua portuguesa, esse “condicionamento morfossemântico” se explica pela relação de compatibilidade entre a noção semântica contida no prefixo e a noção expressa pela preposição que o retoma.

Além dos exemplos listados por Luft (*op. cit.*), a língua portuguesa evidencia-nos diversos outros, tais como:

Quadro 1. Exemplos de verbos da língua portuguesa regidos por preposições que retomam prefixos.

<u>assistir</u> a	<u>implicar</u> em
<u>compactuar</u> com	<u>incluir</u> em
<u>compartilhar</u> com	<u>interpor</u> entre
<u>contemporizar</u> com	<u>perpassar</u> por

De acordo com Said Ali (1998), há verbos que precisam de um objeto indireto, termo preposicionado, além do objeto direto obrigatório, para completarem seu sentido (como *dar*,

entregar, pedir). São chamados *transitivos*, assim como os verbos que se completam apenas com um substantivo sem preposição (como *fazer, querer*), ou com o uso ocasional da preposição *a* (como *amar, encantar*). Quanto aos verbos que exigem exclusivamente o objeto indireto para estarem semanticamente completos, o autor os denomina *intransitivos relativos*. Nesse caso, pode-se tratar de objetos indiretos necessários ou apenas acessórios, circunstanciais, quando estes se confundem com as diversas circunstâncias expressas por advérbios.

Por sua vez, Rodrigues-Feitosa (2003), para a elaboração do *Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa*, analisou obras consagradas de gramáticos e de dicionaristas e verificou, além de discrepâncias relativas aos propósitos de cada obra, inúmeras divergências, tanto no que se refere à descrição gramatical da sintaxe da regência verbal quanto no uso das preposições introdutoras de complementos indiretos, nas abonações apresentadas. Rodrigues-Feitosa (*op. cit.*) atesta que, muitas vezes, um complemento verbal preposicionado é considerado ora essencial, ora circunstancial, porque a própria concepção de objeto indireto difere: a descrição tradicional não utiliza limites precisos para distinguir complemento verbal, adjunto adverbial ou predicativo.

De fato, podemos constatar que há diferenças de classificação entre os estudiosos: complementos do verbo *morrer em* (chegar ao fim de uma trajetória), por exemplo, são classificados como circunstanciais pelo Aurélio (2010) e como essenciais pelo Houaiss (2009). Por isso, Rodrigues-Feitosa (2003) preferiu denominar os verbos com complementos indiretos obrigatórios simplesmente de *verbos preposicionados* e explicita que as preposições que anunciam a possível presença de um objeto indireto são, sobretudo, *a, para* e *de*, mas ainda pode-se encontrar *em, com* e *contra*.

A nosso ver, regência verbal, em um sentido mais amplo, é a necessidade imprescindível de elementos nominais de um verbo para que se complemente sua estrutura significativa. Ressalte-se, pois, a importância de se considerar aquilo que o verbo prevê na sua significação ou o que se encontra implícito em seus traços semânticos para estudarmos sua regência.

Em uma acepção mais estrita de regência, os traços semânticos do verbo determinam a presença ou a ausência de complementos, assim como as próprias mudanças e variações de regência. Assim, são eles que selecionam esta ou aquela preposição, cujas características de significado se combinam e se relacionam com aquelas dos verbos que as regem.

1.2 A regência verbal em língua inglesa

Quanto à língua inglesa, a nomenclatura terminológica referente à transitividade verbal se assemelha ao português. Quirk *et al.* (1989) adotam, em linhas gerais, os termos *intransitive* (intransitivo), *transitive* (transitivo) e *ditransitive* (bitransitivo). Essa nomenclatura também está presente em gramáticas como a de Swan (2005) – que inclusive diz ter-se baseado na *Gramática abrangente* de Quirk *et al.* (*op. cit.*) –, e a *Collins Cobuild English Grammar* (CCEG, 1990), a qual, diferentemente daquelas, não se baseia apenas na língua-padrão. Ainda assim, como na língua portuguesa, divergências poderão ser observadas na forma como os diferentes autores rotulam a transitividade dos verbos.

Quirk *et al.* (1989), entre outros linguistas, consideram que o objeto indireto corresponde a um sintagma preposicional, mas que, uma vez introduzido por preposição, ele deve ser considerado um *objeto da preposição* (*object of a preposition*), e não mais *objeto*

indireto. Por isso, no exemplo 1 (em que ambas as sentenças significam *Enviamos ao Jack uma cópia da carta*):²

Exemplo 1:

(1a) *We sent Jack [O_i] a copy of the letter [O_d].*

(1b) *We sent a copy of the letter [O_d] **to** Jack [O_p].*

(QUIRK *et al.*, 1989, p. 1155)

as sentenças (1a) e (1b) se equivalem semanticamente, mas, segundo os critérios adotados pelos autores, apenas em (1a) teríamos um objeto indireto, enquanto em (1b) o termo chamado de objeto indireto em (1a) recebe outra nomenclatura, qual seja, a de objeto da preposição.

Esses autores consideram outra categoria de verbos: os *verbos preposicionados*, que em inglês não são verbos transitivos indiretos (*look at, wait for, care for, cope with*). Com os verbos preposicionados, o que segue a preposição também se denomina *objeto da preposição* e é considerado o complemento da preposição, e não mais do verbo. Dessa forma, Quirk *et al.* (1989) acreditam estar evitando a opacidade no uso da tradicional nomenclatura “intransitivo” e “transitivo”.

Segundo a CCEG (1990, p. 140), tais verbos são seguidos de uma determinada preposição quando usados com uma determinada acepção. São também exemplos:

² O objetivo das traduções propostas nos exemplos ao longo deste trabalho é apenas o de possibilitar a compreensão global do enunciado, e foram todas feitas por nós.

Quadro 2. Exemplos de verbos preposicionados da língua inglesa.

believe in	qualify for
bet on	refer to
invest in	relate to
long for	suffer from
object to	tire of
pay for	yearn for

Há ainda verbos que admitem mais de uma regência preposicional em se tratando da mesma acepção:

Quadro 3. Exemplos de verbos da língua inglesa regidos por mais de uma preposição na mesma acepção.

bow to/before	hunger after/for
depend on/upon	improve on/upon
feed on/with	profit by/from

Os verbos preposicionados não devem ser confundidos com os *phrasal verbs*, categoria peculiar das línguas germânicas em que uma forma verbal é seguida de um item gramatical que, embora possa assumir a função de preposição em outros contextos ou estruturas gramaticais, nos *phrasal verbs* se trata de partículas adverbiais. Segundo Olivi (1989) e Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), essa categoria de verbos se caracteriza pelo fato de que a forma verbal constitui com as partículas adverbiais um único bloco semântico, que não necessariamente está relacionado ao seu significado composicional, isto é, ao significado do verbo e da partícula adverbial tomados isoladamente. Ao contrário, os verbos regidos por preposição mantêm com ela uma relação de autonomia semântica, sendo o papel das preposições o de um elo gramatical entre verbo e complemento.

Linguistas têm discutido várias propostas para a distinção entre os *phrasal verbs* e os verbos preposicionados. No subitem a seguir, apontamos os principais critérios já propostos para tal distinção, com a ciência de que as discussões sobre o estatuto dessas duas categorias de verbos da língua inglesa são muito mais complexas e não são consensuais entre os autores que as têm analisado.

Retomando Quirk *et al.* (1989, p.1159), “podemos, entretanto, dizer que o verbo REGE a preposição, no sentido de que a preposição é selecionada em razão do verbo, ao invés de uma escolha semântica independente” (grifo do autor, tradução nossa).³ Em outras palavras, para os autores, falar em regência verbal, independentemente do sistema linguístico, não diz respeito a uma escolha semântica aleatória; é, sim, a constatação de que é sempre o verbo que seleciona a preposição, numa relação de subordinação que implica o surgimento de um determinado sentido. Eles corroboram essa tese mencionando o caso dos verbos *accuse* (acusar) e *blame* (culpar), que, apesar da similaridade semântica, regem distintas preposições: *accuse of* e *blame for*.

1.2.1 Verbos preposicionados e verbos + partícula adverbial (*phrasal verbs*)

É consensual entre alguns dos principais gramáticos da língua inglesa, tais como Quirk *et al.* (1989) e Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), que a preposição é uma exigência do verbo, faz parte de sua regência e está ligada ao sintagma subsequente, enquanto a partícula adverbial se liga ao verbo, formando com ele uma estreita unidade sintático-semântica.

³ “We may nevertheless speak of the verb GOVERNING the preposition, in the sense that the preposition is selected by reason of the verb, rather than by independent semantic choice.”

Ainda assim, reconhecer quando se trata de um verbo preposicionado ou um *phrasal verb* nem sempre é algo preciso, de forma que os autores propõem testes que auxiliam nesse reconhecimento. É preciso esclarecer, contudo, que tais testes não são de caráter definitivo, nem são consensuais entre os linguistas. A seguir, listamos e explicamos alguns desses principais critérios de distinção.

1) Talvez o critério mais reconhecidamente tradicional e que parece ser consensual em Quirk *et al.* (1989), Olivi (1989) e Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), é o critério sintático envolvendo a mobilidade da partícula adverbial. Nos *phrasal verbs*, ela pode vir anteposta ou posposta ao complemento, quando o *phrasal verb* é transitivo:

Exemplo 2:

(2a) *She switched on the light.*

(2b) *She switched the light on.*

[Ela acendeu a luz.]

(QUIRK *et al.*, 1989, p. 1157)

enquanto com os verbos preposicionados, essa mobilidade não existe, já que a preposição sempre antecede o objeto:

Exemplo 3:

(3a) *She came by a fortune.*

(3b) **She came a fortune by.*⁴

⁴ O símbolo (*) indica que a sentença é agramatical.

[Ela conseguiu uma fortuna.]

(QUIRK *et al.*, 1989, p. 1157)

Segundo Olivi (1989, p. 56), “o movimento da partícula em construções verbo + partícula adverbial tem sua importância por caracterizar, como nenhuma outra peculiaridade, esse tipo de construção verbal”. É de se compreender, por isso, que esse seja um ponto bem mais complexo e que apresente restrições diversas. Em outras palavras, há uma série de fatores que interferem nessa pretensa fluidez da posição sentencial da partícula adverbial.

No caso dos *phrasal verbs* transitivos, quando o complemento estiver em forma de pronome pessoal, a partícula adverbial deve vir posposta a ele. Assim, se o sintagma nominal *the light*, do exemplo 2, fosse substituído pelo pronome *it*, a sentença 4b seria agramatical:

Exemplo 4:

(4a) *She switched it on.*

(4b) **She switched on it.*

[Ela a (a luz) acendeu.]

(QUIRK *et al.*, 1989, p. 1157)

Já no caso de objetos diretos que correspondem à informação nova no discurso, ou então que são sintagmas complexos, sua inserção entre o verbo e a partícula poderia interferir na unidade semântica formada por eles, ou ainda dificultar a compreensão do enunciado (CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999):

Exemplo 5a:

?*He poured a brand new can of green paint that was on sale out.*⁵

[Ele derramou uma lata novinha de tinta verde que estava à venda.]

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 435)

Portanto, se o objeto direto não está em forma de pronome pessoal e corresponde a um sintagma longo, o natural é que ele ocupe a posição final na frase, após a partícula, visto que se trata da posição mais comum para a informação que é nova no discurso:

Exemplo 5b:

He poured out a brand new can of green paint that was on sale.

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 435)

Outra restrição notável ocorre no caso dos *phrasal verbs* mais idiomáticos, isto é, construções cristalizadas, com alto grau de estereotipação, em que a mobilidade da partícula é bloqueada, devendo ela permanecer junto ao verbo (devido à relação estreita entre eles); além disso, nenhum outro elemento pode ser inserido entre os constituintes da construção. Assim, justifica-se a agramaticalidade da sentença 6b:

Exemplo 6:

(6a) *I really had to screw up all my courage to face the director.*

(6b) **I really had to screw all my courage up to face the director.*

[Tive realmente que tomar coragem para encarar o diretor.]

⁵ O símbolo (?) indica que a sentença não soaria usual na língua.

(OLIVI, 1989, p. 55)

Ressalte-se ainda que há alguns *phrasal verbs* que, semelhantemente ao comportamento das construções verbo + preposição, não admitem a separabilidade entre forma verbal e partícula:

Exemplo 7:

(7a) *I came across an interesting article last night.*

(7b) **I came an interesting article across last night.*

[Encontrei um artigo interessante ontem à noite.]

Exemplo 8:

(8a) *I came across it last night.*

(8b) **I came it across last night.*

[Encontrei-o (o artigo) ontem à noite.]

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 428)

2) Outro critério proposto para o reconhecimento de verbos preposicionados e de *phrasal verbs* diz respeito à inserção de advérbios entre o verbo e a partícula ou preposição. Eles podem ser inseridos entre um verbo e a preposição regida por ele:

Exemplo 9:

(9) *We turned quickly off the road.*

[Saímos da estrada rapidamente.]

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 429)

mas nunca entre um verbo e uma partícula adverbial:

Exemplo 10:

(10) **We turned quickly off the light.*

[Apagamos a luz rapidamente.]

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 429)

3) O terceiro critério diz respeito à passivização das sentenças, que só pode ocorrer com a presença de *phrasal verbs*:

Exemplo 11:

(11) *The light was turned off.*

[A luz foi apagada.]

Exemplo 12:

(12) **The road was turned off.*

[*A estrada foi saída.]

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 430)

4) Outro teste importante na distinção entre verbos preposicionados e *phrasal verbs* evidencia que somente as preposições podem anteceder um pronome relativo, porque, como

destaca Olivi (1989), elas estão mais ligadas ao sintagma nominal que a seguem, às vezes substituído por um pronome relativo:

Exemplo 13:

(13a) *The report which he **talked about**.*

(13b) *The report **about** which he **talked**.*

[O relatório sobre o qual ele falou.]

(OLIVI, *op. cit.*, p. 28)

Em contrapartida, esse teste revela o alto grau de coesão entre a partícula adverbial e o verbo, e, por isso, Olivi (1989) considerada a sentença 14b agramatical:

Exemplo 14:

(14a) *The work which he **carried on**.*

(14b) **The work **on** which he **carried**.*

[O trabalho que ele continuou.]

(Olivi, *op. cit.*, p. 28)

Para concluir, julgamos importante retomar a consideração de Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999, p. 430-431) sobre o fato de que, em se tratando da distinção entre construções com preposições e com partículas adverbiais, é fundamental levar em conta que ambas, preposições e partículas adverbiais, são os extremos de um *continuum*, de forma que uma pode se especializar em uma função sintática ou outra e vice-versa, mas podem, também, exercer papéis diferentes a depender do contexto sintático-semântico. Um item como *through*,

por exemplo, pode, em alguns contextos, ser considerado uma preposição, enquanto em outro, pode ter um comportamento adverbial de modo a integrar uma unidade sintático-semântica com um verbo, ou seja, uma única unidade lexical, em termos lexicológicos. Com fins didáticos, transcrevemos abaixo o elucidativo esquema proposto pelas autoras (CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 431):

Quadro 4. As preposições e as partículas adverbiais segundo Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999).

Usados mais como preposições -----		Usados mais como partículas	
with, of,	to, in, on,	through, around, over,	up, out, down,
for, from	about, by	off, across, along	away, back

Com base nisso, acreditamos ter evidenciado algumas das diferenças tanto terminológicas quanto teóricas no tratamento dado em relação à questão da transitividade e da regência verbais nas línguas portuguesa e inglesa. No próximo item, dedicamo-nos a expor os significados mais usuais das principais preposições das línguas envolvidas no cotejo deste trabalho.

1.3 O valor das preposições em português e em inglês

Dada a natureza do nosso trabalho, consideramos relevante o esclarecimento dos principais matizes semânticos que as preposições mais comuns das línguas envolvidas no contraste podem expressar.

1.3.1 O significado das preposições em língua portuguesa

No capítulo sobre preposições do 2º volume da *Gramática do português culto falado no Brasil*, Ilari *et al.* (2008) fornecem uma descrição exaustiva não apenas dos significados, como também dos usos e contextos sintáticos das preposições mais frequentes da língua portuguesa. Os autores incluem também, nesse capítulo teórico, o estudo de muitas das principais locuções prepositivas da nossa língua.

Com base nas descobertas quantitativas da pesquisa do professor Carlos Franchi, iniciada em 1990 e tendo o Projeto NURC⁶ como *cópus*, eles constataram que as preposições do português tem uma frequência de uso bastante desigual: 31% correspondem a **DE**, 27% a **EM**, 12% a **PARA**, 10% a **A**, 8% a **COM**, 5,5% a **POR** e 1,7% a **ATÉ**. As outras preposições não apresentaram frequência superior a 1% das mais de 5000 ocorrências do *cópus*.

Ilari *et al.* (2008) questionam a abordagem tradicional da preposição, que, segundo eles, resume-se à enumeração dos seus significados, sem um olhar crítico sobre a variedade de sentidos que cada preposição assume em diferentes contextos. Nas suas próprias palavras, a ruptura com a perspectiva tradicionalista significa “guiar-se pelo princípio de que os vários sentidos de uma preposição não estão em relação de homonímia, mas em relação de polissemia, ou seja, que uns devem ser tomados como ‘extensões de sentido’ de outros” (ILARI *et al.*, 2008, p. 626).

Embora consideremos o ponto de vista desses autores bastante coerente, isso não nos impede de reconhecer como válidas as tentativas de sistematização das preposições realizadas

⁶ Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC). Esse projeto, que se iniciou em 1969, vem se desenvolvendo nas capitais brasileiras Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, tendo como objetivo a descrição dos padrões reais de uso na comunicação oral adotados por falantes com escolaridade de nível superior.

pela gramática tradicional. Dessa forma, por uma finalidade didática, e por não julgarmos pertinente, para os propósitos do atual estágio de nossa pesquisa, realizar uma descrição exaustiva das preposições, consideramos de grande utilidade pedagógica a síntese sobre os principais valores das preposições de língua portuguesa oferecida em Cunha e Cintra (2007, p. 576-592), a qual adaptamos a seguir. Trata-se das preposições tradicionalmente denominadas de *essenciais* (*a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob e sobre*), em oposição àquelas consideradas *acidentais*, as quais podem funcionar como preposições, mas que, em geral, pertencem a outras classes gramaticais (*afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão e visto*).

Quadro 5. Significados das principais preposições da língua portuguesa com base em Cunha e Cintra (2007).

A

- direção a um limite; coincidência, concomitância;

ANTE

- anterioridade relativa a um limite;

APÓS

- posterioridade relativamente a um limite próximo;

ATÉ

- aproximação de um limite com insistência nele;

COM

- adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade;

CONTRA

- direção a um limite próximo, direção contrária;

DE

- afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem;

DESDE

- afastamento de um limite com insistência no ponto de partida;

(Obs.: Comporta-se linguisticamente como um intensivo de **DE**.)

EM

- superação de um limite de interioridade, alcance de uma situação dentro de; posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de;

ENTRE

- posição no interior de dois limites indicados, interioridade;

PARA

- tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva;

(Obs.: Distingue-se de **A** por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento.)

PERANTE

- posição de anterioridade relativamente a um limite, presença, confronto;

(Obs.: Comporta-se linguisticamente como um intensivo de **ANTE**.)

POR

- percurso de uma extensão entre limites, através de, duração; resultado do movimento de aproximação a um limite;

SEM

- subtração, ausência;

SOB

- posição de inferioridade em relação a um limite;

SOBRE

- posição de superioridade em relação a um limite, com contato, com aproximação, ou com alguma distância; tempo aproximado.

Cunha e Cintra (2007) reconhecem que as preposições apresentam grande variedade de usos, que se manifesta e se distingue no discurso, sem, no entanto, deixar de acreditar que é possível estabelecer uma significação fundamental para cada uma delas. A esse respeito, é preciso esclarecer também que os autores afirmam que essa significação será sempre aplicável aos campos espacial, temporal e nocional, hipótese corroborada inclusive por Ilari *et al.* (2008), que afirmam também que: i) os sentidos básicos das preposições estão ligados à sua origem etimológica, e ii) a extensão dos sentidos básicos é que dá origem aos seus outros sentidos, conforme evidencia a transposição de esquemas espaciais para temporais ou outros.

Sendo a descrição de Ilari *et al.* (2008, p. 710-768), assim como a de Neves (2011, p. 603-718), bastante completas e voltadas para os diversos contextos de uso, interessa-nos, então, complementar a síntese fornecida por Cunha e Cintra (2007, p. 576-592). Para isso,

abaixo propomos o elencamento de significados adicionais aos já fornecidos pelos autores tradicionais, uma descrição um pouco mais detalhada sobre a semântica das preposições mais frequentes da língua portuguesa, listadas no início deste item.

Em relação à preposição **A**, ela veicula também:

- a noção de “espaço estático” (a oito mil metros de altitude), “tempo estático” (às duas horas), “tempo distributivo” (dois vírgula nove por cento ao ano), e “tempo dinâmico” (do meio-dia à uma e meia);
- a ideia de “percurso”, trazendo à tona as noções de “destinatário” ou “beneficiário” (obrigado a você);
- noções de “instrumento” (andar a cavalo) e “modo” (pintando à mão).

É importante destacar ainda que o objeto direto de um verbo pode vir precedido por **A** (objeto direto preposicionado), principalmente:

- a) quando o objeto direto é expresso em forma de pronome pessoal tônico (*ajudar a nós*); e
- b) quando o objeto direto precede o verbo (*A homem pobre não se rouba*).

A preposição **ATÉ**, que tipicamente traduz a noção de “limite espacial”, também está ligada à noção de “limite temporal” (*até esse ano*).

O uso dessa preposição também é frequente para indicar “circunscrição” em correlação com sintagmas iniciados por **DE** ou **DESDE**. Estas últimas sinalizam o termo limite inicial, ao passo que **ATÉ** ou **A** sinalizam o termo limite final (*do Rio até Brasília; desde a adolescência até a morte*).

Já **COM** pode introduzir ainda:

- o “modo” como se dá uma ação (*com muito calor humano*) e suas noções próximas de “meio”, “instrumento” e “matéria”;

- expressões com as noções de “parte-todo” ou “conteúdo-continente” (*um colégio imenso com um parque lindo*);
- a atribuição de propriedades (*um caminhão com oito metros de largura*);
- noções como “causa”, “condição” ou “estado resultante” (*Com a política atual, jamais a religião vai poder voltar a ser o que era antes*).

Não surpreendentemente, a preposição **DE**, sendo a mais frequente do português (Ilari *et al.*, 2008), desmembra-se em uma infinidade de matizes semânticos. Entre outros casos, é empregada:

- em sintagmas com substantivos relacionais (*filho da diretora, chefe da equipe*);
- em nominalizações que partem de sentenças com verbos transitivos (*a plantação de cana-de-açúcar*), intransitivos (*sobrevivência da espécie*) e ergativos (*mudança de governo*);
- em construções partitivas (*um terço dos presentes*). A esse propósito, é oportuna a constatação dos autores de que essa preposição é o principal recurso utilizado na língua portuguesa para veicular a relação “parte-todo”;
- com verbos psicológicos (*gostar de, cansar de, depender de, lembrar-se de*). Nesse caso, os autores argumentam que o esquema imagético da noção “origem” é o que explica o fato de ser **DE** a preposição que acompanha certos verbos psicológicos que indicam a causa de um estado de espírito;
- indicando a noção “assunto” (*falar de dinheiro*), que, juntamente com “origem”, constitui um dos principais sentidos etimológicos de **DE**, isto é, seu uso nas origens latinas.

Ainda, essa preposição pode:

a) introduzir expressões adverbiais cristalizadas de “circunstanciação” (*de ponta a ponta; de cabo a rabo; da cabeça aos pés*);

b) relacionar adjetivos e infinitivos, para compor expressão intensificadora de adjetivos (*lindo de morrer*), ou para sinalizar infinitivo de sentido passivo (*difícil de entender*).

A preposição **EM** emprega-se também:

- para veicular as noções de “espaço temporal” (*no dia dezenove de setembro de mil novecentos e trinta e cinco*);

- em construções verbais com a ideia de “ligação”, em que a motivação semântica da preposição não é clara (*preocupar-se em, acreditar em, mandar em, pensar em*). Tal ideia, de acordo com Ilari *et al.* (2008), é dada pelo próprio verbo que rege a preposição, sendo esse uso de **EM** denominado pelos autores de “regência cristalizada”.

No que se refere aos usos adicionais de **PARA**, esse item:

- veicula a noção de “espaço temporal” (*prometido para março*);

- mantém o uso residual do dativo latino, que introduz o “interessado”, “experienciador”, “beneficiário” ou “destinatário” (*merenda para alunos, o importante para eles*);

- estabelece relações de “especificação” (*subiu para sessenta por cento*).

Neves (2011) observa que **PARA** também ocorre em um complexo prepositivo com a preposição **COM**, em que é introduzido o argumento de um substantivo ou de um adjetivo que representa a meta (*respeito para com um ser humano; má para com ela*).

Finalmente, **POR**, além das noções tradicionais de “percurso” e “duração”, pode indicar também “meio” (*se ligava à cidade pelo bonde*), “instrumento” (*suspensão por molas*

helicoidais), “agente” (*o meio de transporte preferido por mim*), “distribuição” (*uma vez por semana*), “troca” (*três bananas por um tostão*), bem como “inclinação”, no sentido de “ser favorável a, tender a” (*gosto pelo teatro*).

Nota-se ainda que, quando introduz o agente, é comum que essa preposição seja substituída por **DE** (*estimado de todos*).

1.3.2 O significado das preposições em língua inglesa

No que se refere à língua inglesa, consideramos o capítulo intitulado “Prepositions” da gramática de Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999) uma importante referência teórica sobre o significado das principais preposições dessa língua, ainda que o propósito das autoras não pareça ser o de fazer uma descrição exaustiva, mas sim o de fornecer uma sistematização parcial. Adicionalmente, em Quirk *et al.* (1989, p. 655-716), também podemos encontrar uma síntese esclarecedora da semântica dessa classe de palavras.

De acordo com Francis e Kučera (1982, apud Celce-Murcia e Larsen-Freeman, 1999, p. 423), as preposições mais frequentes do inglês são: **OF, IN, TO, FOR, WITH, ON, AT, BY** e **FROM**, em ordem decrescente. Trataremos, a seguir, de apresentar os matizes semânticos prototípicos dessas e de outras preposições frequentes, abordadas nas duas obras acima referidas.

Quadro 6. Significados das principais preposições da língua inglesa com base em Celse-Murcia e Larsen-Freeman (1999) e Quirk *et al.* (1989).

ABOUT (aproximadamente, por perto, quase, sobre)⁷

- movimento espacial em qualquer direção; tempo aproximado; assunto;

ABOVE (acima)

- posição superior;

ACROSS (de um lado para o outro, sobre, ao longo de)

- percurso; orientação;

AGAINST (contra)

- oposição, conflito; contato superficial;

ALONG (por, ao longo de)

- percurso;

AROUND (cerca de, ao redor, em volta de)

- posição estática, posição dinâmica; tempo aproximado;

AT (em, a)

- ponto de orientação no espaço; posição positiva; destino, direção; localização temporal; recipiente, meta; estímulo; padrão; reação;

BEFORE (antes de, diante de)

- posição espacial; posição temporal;

⁷ As traduções propostas às preposições da língua inglesa resultam de consultas aos dicionários bilíngues *Oxford Escolar* (2007) e *Cambridge Dictionary of American English* (2005).

BEHIND (atrás de)

- destino, direção relativos;

BELOW (abaixo de, debaixo de)

- posição inferior;

BETWEEN (entre)

- ponto intermediário em relação a duas entidades; duração;

BY (por, junto a, de, antes de, segundo, com)

- conexão, proximidade; localização temporal; meio, instrumento; agente;

DOWN (abaixo)

- movimento com referência à direção do percurso (direção negativa);

FOR (para, por, durante)

- duração; causa, razão, motivo; propósito, intenção; recipiente, meta; apoio; padrão;

FROM (de, desde, por)

- separação de um ponto de orientação; tempo inicial; causa, razão, motivo; origem; substância; material; fonte;

IN (em)

- localização no interior de; posição positiva; destino, direção; localização temporal; medida em relação ao futuro;

INTO (em, dentro de, para)

- posição positiva; destino, direção;

OF (de)

- partitivo; qualidade; quantidade; posse; origem; assunto; material; fonte; ingrediente;

OFF (de, a)

- origem ou posição negativa; separação de contato com uma superfície;

ON (em, sobre)

- contato superficial; posição positiva; destino, direção; localização temporal; assunto;

ONTO (em, sobre, a)

- posição positiva; destino, direção;

OUT OF (fora de)

- separação de contato com uma superfície interna; origem ou posição negativa; material; fonte; ingrediente;

OVER (sobre, por cima de, mais de, durante)

- posição relativa; destino, direção relativos; percurso; orientação; quantidade; duração total;

THROUGH (através de, por, durante, por meio de)

- percurso; penetração; duração;

THROUGHOUT (por todo)

- duração;

TO (a, para, até)

- destino, direção; tempo final; posição positiva; recipiente, meta; reação;

TOWARD(S) (em direção a)

- na direção de;

UNDER (sob, embaixo de, menos de)

- posição relativa; destino, direção relativos; percurso; quantidade; condição;

UP (acima)

- movimento com referência à direção do percurso (direção positiva); orientação;

WITH (com)

- conexão, associação, acompanhamento; ponto de orientação; modo, maneira; meio, instrumento; agente; apoio; posse; material; ingrediente;

WITHOUT (sem)

- ausência; meio, instrumento.

O capítulo de Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), com seu objetivo didático aparente, apresenta discussões coerentes a respeito da natureza das preposições. Assim como outros linguistas, as autoras defendem a polissemia das preposições, atentando ainda para o fato de que cada língua “constrói” seus entornos semânticos de maneiras diferentes.

Referindo-se à dificuldade de sistematizar o significado das preposições, sem que se leve em conta o contexto em que elas são utilizadas pelos falantes, as autoras retomam o conceito de “protótipos” da semântica, acreditando que as tentativas de se estabelecer os sentidos das preposições levam apenas aos seus significados mais prototípicos.

Além disso, defendem que tal conceito se aplica ao fato de que os matizes semânticos das preposições são extensões das relações espaciais que elas determinam, sendo, portanto, “localizar objetos no espaço” o sentido prototípico de grande parte das preposições, do qual outros derivam. Dessa forma, “ancorar o significado das preposições em relações espaciais é o primeiro passo para ajudar os alunos a aprender a lidar com domínios em que o seu sentido é mais abstrato” (CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 405, tradução nossa).⁸

Assim, as autoras concluem que há, sim, alguma sistematicidade na semântica das preposições, mas no sentido de que o significado essencial de algumas delas é estendido, a partir de esquemas espaciais, para a representação de outras noções. Como exemplo, elas fazem referência ao estudo de Dirven (1993, apud Celce-Murcia e Larsen-Freeman, 1999, p. 407), que conclui que: i) as extensões de sentido de uma preposição ocorrem metaforicamente a partir da noção de espaço físico em direção a domínios mais abstratos via esquemas temporais, e que ii) a relação com o sentido original é facilmente recuperável.

O estudo desse autor, segundo Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999), mostra como a preposição **AT** estende-se de “ponto no espaço” (*at the station*), para “ponto no tempo” (*at six o'clock*), e então para noções menos concretas, como “estado” (*at work*), “domínio” (*good at guessing*), “modo” (*at full speed*), “circunstância” (*at these words [he left]*) e “causa” (*irritation at*), sendo que em todas essas noções a ideia de “ponto de referência” pode ser de alguma forma recuperada. Nota-se, assim, que se trata de um estudo claramente elucidativo da natureza polissêmica das preposições.

A partir do exposto, acreditamos ter podido fornecer um panorama geral sobre a semântica das preposições mais usuais do português e do inglês, além de tocar em alguns pontos que suscitam discussões teóricas mais profundas a respeito de seu significado. No

⁸ “[...] anchoring the meaning of prepositions in spatial relationships is the first step to helping students learn to deal with areas where the meaning is more abstract.”

capítulo seguinte, trataremos de alguns aspectos teóricos importantes para uma pesquisa no âmbito da lexicografia, para então procedermos à nossa visão analítica comparativa da regência verbal das línguas portuguesa e inglesa.

CAPÍTULO II

ASPECTOS LEXICOGRÁFICOS E DE TRADUÇÃO

O modelo mais tradicional de dicionário é composto por verbetes, blocos de informações encabeçados por uma entrada, que corresponde a uma lexia ou lema. O conjunto dessas entradas ordenadas, comumente denominado de nomenclatura e disposto de forma vertical, recebe o nome de macroestrutura. A outra estrutura que compõe o dicionário é denominada microestrutura, e está organizada de forma horizontal após os lemas. Tem como eixos básicos a definição da unidade lexical que constitui a entrada e a ilustração contextual.

A classificação estanque das obras lexicográficas não tem sido bem-sucedida, dado que as características de um dicionário quase sempre são comuns a mais de uma tipologia. Acrescente-se a isso o fato de que a classificação em tipos e subtipos está diretamente relacionada a fatores como o enfoque adotado pelo lexicógrafo e as restrições institucionais dos meios de publicação.

Ainda assim, as tentativas de autores como Haensch *et al.* (1982) e Welker (2004) de organizar e sistematizar os distintos produtos lexicográficos têm finalidade didática louvável. De maneira geral, pode-se dizer que há diversos tipos de dicionários, que variam essencialmente quanto ao formato, à extensão ou ao conteúdo: os dicionários de bolso, que trazem um número reduzido de entradas; os enciclopédicos, que combinam uma descrição enciclopédica com a linguística; os dicionários de língua geral ou parcial (estes últimos dedicados a lexemas marcados, tais como regionalismos, coloquialismos, estrangeirismos); dicionários especiais, que recortam um determinado fato linguístico; e os especializados ou

terminológicos, dedicados ao léxico de um determinado campo do conhecimento especializado; entre outros tipos.

Segundo o número de línguas, os dicionários podem distinguir-se em monolíngues e plurilíngues. Estes se subdividem em bilíngues (duas línguas) e multilíngues (mais de duas línguas) (HAENSCH *et al.*, 1982). Em um mundo altamente globalizado, são crescentes as necessidades de transitar entre uma língua e outra. Para tal, os dicionários costumam ser ferramentas essenciais, particularmente os dicionários bilíngues. Entretanto, boa parte dos dicionários bilíngues existentes deixa a desejar no sentido de auxiliar em uma eficaz produção em língua estrangeira, principalmente quando se trata de solucionar problemas específicos da língua, isto é, questões pontuais relacionadas a determinado fenômeno linguístico. Nesse sentido, os dicionários bilíngues especiais podem consolidar-se como valiosos instrumentos de consulta, inclusive de grande interesse comercial, uma vez que são produzidos com uma função específica e atendem às necessidades informacionais de um determinado público usuário (DURAN e XATARA, 2007).

Em se tratando da regência verbal, essa informação gramatical, se presente, costuma estar diluída em exemplos e abonações dos dicionários gerais, dificultando, portanto, a resolução de dúvidas pontuais do consulente. Essas dúvidas se tornam ainda mais complexas no caso do usuário em busca de informação para produção em língua estrangeira, pois muitas vezes ele ainda não tem um domínio mínimo do idioma, e pode, por isso, proceder a equívocos, decalcando para a língua estrangeira uma estrutura de sua língua materna ou fazendo uso incorreto das preposições que se seguem ou não a determinados verbos.

Assim, como o consulente pode se frustrar com a imprecisão dos dicionários de língua geral, ressalte-se a relevância de um dicionário bilíngue que contemple, de maneira inequívoca, a indicação da preposição correta tanto na língua materna quanto na língua-meta.

No nosso caso, acreditamos que a nossa proposta de verbetes para um dicionário especial bilíngue de regência verbal possa colaborar para as necessidades específicas de consulentes que precisam se expressar com propriedade em língua inglesa.

Nas próximas seções, discutiremos aspectos teórico-metodológicos da lexicografia pertinentes à etapa prévia da confecção dos verbetes propriamente dita, ou seja, aspectos teóricos importantes para embasar a prática lexicográfica.

2.1 O dicionário como objeto de estudo

Em sua definição do termo *dicionário*, Zavaglia (2009) discorre sobre os procedimentos metodológicos rigorosos envolvidos em sua elaboração. Para a autora, uma obra recebe tal nomenclatura quando “apresenta uma relação de unidades lexicais organizadas e classificadas segundo critérios e princípios definidos, dependendo do seu objetivo ou escopo de criação e/ou uso” (ZAVAGLIA, 2009, p.17). Fica evidente, portanto, que o registro e o repertoriamento do léxico podem ser entendidos como uma técnica, uma metodologia.

Entretanto, na sua distinção entre *dicionarista* e *lexicógrafo*, a referida autora não deixa de reconhecer o caráter científico da compilação de dicionários. Um dicionarista não precisa necessariamente fazer uso de critérios científicos e embasamento teórico, ao passo que um lexicógrafo deve recorrer a noções linguísticas para descrever satisfatoriamente seu objeto de estudo. A propósito, reside aí a principal diferença entre eles: enquanto ao dicionarista cabe a mera tarefa de realizar um produto, o lexicógrafo tem um objeto de estudo de fato. Assim sendo,

[...] o lexicógrafo carece de conhecimentos teóricos em relação ao seu objeto de estudo, tais como o saber (i) descrever com coerência e de forma sistemática as relações sintáticas existentes entre as unidades léxicas, (ii) identificar e descrever relações semânticas entre elas e ainda (iii) fazer a descrição contextual e situacional entre os itens lexicais (ZAVAGLIA, 2009, p. 9).

Em outras palavras, se o estudo dos itens lexicais passa por suas relações morfossintáticas e semântico-pragmáticas no interior da língua, isto é, se ele requer conhecimentos linguísticos (que, a propósito, evidenciam sua interface inevitável, ou melhor dizendo, sua interdependência com outras ciências da linguagem), a lexicografia extrapola os limites da prática metódica de compilação lexical.

Para ser reconhecido e estudado como o produto lexicográfico denominado *dicionário*, esse objeto precisa ser observado sob o ponto de vista de seus dois principais vieses: aquele que o caracteriza como produto linguístico e o que o torna um produto comercial. Essa posição é corroborada por Quemada (1987, apud Souto e Pascual, 2003, p. 58), para quem o dicionário pode ser definido, de um lado, como um instrumento cultural e didático sistematizado, e de outro, como um produto técnico-comercial.

Em relação ao viés linguístico dos dicionários, Lara (2004) atenta para o fato de que, mesmo após séculos de tradição e evolução da prática lexicográfica, ele tem sido negligenciado, e uma das razões para tal está intimamente ligada à vertente comercial dos dicionários. Segundo esse autor, o dicionário não tem recebido o tratamento linguístico devido: i) por não ser uma descrição fiel de uma realidade verbal metódica e estaticamente estudada em uma determinada população, ii) por ter um cunho normativo explícito ou implícito, e iii) por ser uma obra de caráter utilitário e mercantil.

A diretriz normativa talvez seja um dos principais entraves para que se considere o dicionário como um registro de manifestações da língua passível de observação e análise teórica, pois ele “descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua – a língua culta e

escrita”, e “só circunstancialmente registra os padrões subcultos, ou desviantes da norma padrão, tais como os usos dialetais, populares, gíriáticos” (BIDERMAN, 2001, p. 86).

Acrescente-se a isso o fato de que o termo *dicionário* às vezes é confundido com enciclopédia, vocabulário ou léxico (DAPENA, 2002), o que contribui para uma imprecisão da noção do que de fato é um dicionário, e para uma dificuldade em definir o seu lugar no interior das ciências da linguagem. Dessa forma, explica-se o fato de que as teorias da linguagem ainda possam subestimá-lo como objeto de estudo.

Por outro lado, Lara (2004) afirma que uma grande parte dos lexicógrafos também não se ocupou de reivindicar sua prática como uma ciência linguística, nem de considerar sua obra como um fenômeno verbal digno de teorização. Até meados da década de 1970, a atenção ao dicionário se reduzia à questão do método. No entanto, devemos enxergá-lo em sua realidade, isto é, como um produto linguístico de fato, e não apenas como o resultado da aplicação de métodos lexicográficos.

A dificuldade de se enxergar o dicionário como objeto de estudo parte, na verdade, da própria dificuldade em defini-lo satisfatoriamente. Para autores como Dapena (2002) e Souto e Pascual (2003), embora o conceito de dicionário ainda seja impreciso, há, entretanto, uma característica essencial e comum a todo produto lexicográfico sob esse rótulo: sua finalidade pedagógica e prática como instrumento de consulta. Em outros termos, cabe aos dicionários responder a necessidades concretas, como resolver dúvidas dos usuários sobre as palavras, da maneira mais rápida, eficaz e precisa possível. Ainda nesse sentido, Souto e Pascual (2003) ressaltam também que a imprecisão conceitual do dicionário se deve à coexistência de múltiplas definições, que, por sua vez, advém da sua natureza heterogênea:

A realidade cotidiana do manejo e da consulta aos dicionários coexiste com a dificuldade de formular uma definição satisfatória, integradora e rigorosa desses repertórios; sua

heterogeneidade, os objetivos variados com que são elaborados, as diversas necessidades a que atendem e seus diferentes suportes explicam, entre outros fatores, as múltiplas definições que acompanham o termo dicionário (SOUTO e PASCUAL, 2003, p. 57, tradução nossa).⁹

Na sua definição do fazer lexicográfico, Dapena (2002) considera que a elaboração de dicionários, cujo objetivo é a compilação do léxico de uma ou várias línguas, traz à tona a interface da lexicografia com outras ciências da linguagem, em especial as que se ocupam em alguma medida do estudo das palavras (como a lexicologia, a semântica e a gramática). Fica evidente, portanto, que, para o autor, não é apropriado negar à lexicografia o estatuto de ciência.

Posição semelhante é a de Lara (2004), para quem o dicionário deveria ser concebido como:

- fenômeno verbal complexo;
- obra representante da memória social do léxico;
- instrumento de informação para as sociedades;
- ferramenta de tradução e entendimento entre os falantes de duas ou mais línguas;
- referência normativa dos falantes de uma língua e de seus diferentes dialetos; e
- discurso culto, referido ao estado em que se encontra uma determinada comunidade

linguística, e integrante e representante do seu contexto político, social, cultural, religioso, científico e ideológico.

Dessa forma, o dicionário se torna um “fato linguístico”, e, sobretudo, um “produto linguístico”, nas palavras de Biderman (2001), resultante de atos verbais que fazem parte do patrimônio cultural coletivo e que reflete os usos sociais da língua. O paradigma ideal para

⁹ “La realidad cotidiana del manejo y la consulta de los diccionarios coexiste con la dificultad de formular una definición satisfactoria, integradora y rigurosa de estos repertorios; su heterogeneidad, los variados objetivos con que se elaboran, las diversas necesidades a que atienden y sus distintos soportes, explican, entre otros factores, las múltiples definiciones que acompañan al término diccionario.”

explicar esse fato é aquele que reconhece no dicionário seu caráter fenomênico complexo, dotado de especificidade verbal e simbólica:

Esse ponto de vista é o de uma semântica pragmática radical, que retorna ao centro dos fenômenos da significação e não se apressa em encontrar-lhes uma representação formal; que reconhece como igualmente verdadeiro para a ciência o discurso elaborado, aquele que não parte de simples “intuições” do falante, mas de sua atividade intelectual racional e reflexiva; que não ignora o peso da historicidade e a normatividade nos fenômenos verbais, nem os declara “ilegítimos”; que não segrega o verbal do social, nem os converte em “componentes” de uma interdisciplina que deixa à correlação estatística a necessidade de explicar suas interações (LARA, 2004, p.144).

Constitui-se, assim, uma *teoria do dicionário* de fato. Assim como o fonema, o morfema, a palavra, a sintaxe, o texto, o discurso têm suas teorias, porque são fenômenos verbais que requerem uma descrição e uma explicação, o dicionário, uma vez concebido como fenômeno linguístico digno de estudo, igualmente requer sua teoria. Nesse caso, não há como negar o estatuto de ciência à lexicografia, pois, como em toda ciência, seu objeto é estudado tanto da perspectiva teórica como da prática.

2.2 A constituição da lexicografia como ciência linguística

Nos subitens a seguir, será dada ênfase aos “caminhos” percorridos pela lexicografia desde os seus primórdios até a sua constituição em uma ciência da linguagem. Em outras palavras, explicaremos como tal conceito, visto em princípio como uma mera prática metodológica, passou a ser aceito e entendido como uma ciência.

2.2.1 A evolução da concepção de lexicografia

Como gênero didático moderno, o dicionário surge no período do Renascimento na Europa. Fernández (2003) constata que, no início, sua vertente pedagógica estava relacionada à renovação dos métodos de ensino do latim, propiciando a edição depurada dos autores clássicos, considerados modelos do bom uso da língua. Ao longo das décadas, com o surgimento de novas tecnologias, adquire maior implantação social, tornando-se instrumento necessário para o aprendizado de línguas clássicas e modernas, bem como para favorecer os intercâmbios culturais e comerciais entre os povos da Europa. Em especial o dicionário monolíngue, juntamente com a gramática e a ortografia, passa a ser fundamental na consolidação da norma culta das línguas nacionais após a queda do feudalismo.

Somente a partir da segunda metade do século XX, o dicionário começa a despertar o interesse dos linguistas, que passam a vê-lo como um objeto de estudo do ponto de vista metodológico e uma fonte de dados para fundamentar empiricamente suas teorias lexicais. Ao mesmo tempo, a prática lexicográfica vai sendo influenciada pelos avanços da linguística e pelas novas tecnologias da informática.

Dessa forma, de acordo com Fernández (2003), as mudanças no domínio da lexicografia levam a considerá-la não apenas uma atividade prática de repertoriamento lexical. Atualmente, ela inclui uma vertente teórica, o que contribui para o seu estatuto científico. Com isso, torna-se necessário estabelecer os limites dessa disciplina frente a outras disciplinas afins, bem como o lugar que ocupa no interior das ciências da linguagem.

Em geral, a lexicografia costumava ser definida como “arte ou técnica de fazer dicionários”, e essa concepção prevaleceu até a metade do século XX (SEABRA e WELKER, 2011). No entanto, é nítido que tal concepção considera apenas sua vertente prática (isto é,

elaborar repertórios lexicais) e nega seu caráter científico, tornando-a uma disciplina auxiliar a outras que têm seu próprio âmbito teórico-metodológico, baseado em um conhecimento científico da linguagem.

Uma concepção tradicionalista de lexicografia pode ser encontrada em Casares (1992, apud Fernández, 2003), que, ao fazer uma distinção entre *lexicologia* e *lexicografia*, afirma que, enquanto a lexicologia estuda a origem, a forma e o significado das palavras do ponto de vista geral e científico, a lexicografia, por sua vez, tem um enfoque primordialmente utilitário, definindo-se como uma mera arte de compor dicionários. Essa visão considera a lexicologia como a contraparte teórica e científica da lexicografia. Dessa forma, a lexicografia, então, não poderia ser considerada uma ciência, pois não dispõe de um aparato teórico-metodológico próprio.

Entretanto, já na década de 1970, é possível notar o surgimento de uma concepção mais ampla de lexicografia. Fernández-Sevilla (1974, apud Fernández, 2003), por exemplo, considera a existência de uma corrente teórica para a lexicografia, relativamente autônoma, embora não distinga claramente esse componente teórico da prática lexicográfica pura.

As mudanças na concepção de lexicografia também podem ser evidenciadas nas definições desse conceito, em décadas distintas, apresentadas, por exemplo, no *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAE):

Quadro 7. Definição de lexicografia fornecida pelo DRAE em 1970 e 1984, 1992, 2001.

DRAE (1970)	DRAE (1984, 1992, 2001)
lexicografia. Arte de compor léxicos ou dicionários, ou seja, de coleccionar todas as palabras de um idioma e descobrir e fixar o sentido e emprego de cada una delas.	lexicografia. 1. Técnica de compor léxicos ou dicionários. 2. Parte da linguística que se ocupa dos principios teóricos em que se baseia a composición de dicionários.

Distingue-se, assim, entre uma *lexicografia teórica* e uma *lexicografia prática*. *Teoria lexicográfica* ou *metalexigrafia* passam a ser denominações para o componente teórico da lexicografia (SEABRA e WELKER, 2011), que os lexicógrafos começam a empregar para diferenciá-lo tanto da prática concreta ou confecção de dicionários, como da lexicologia (âmbito científico afim, mas claramente diferenciado por seus objetivos e métodos). Esse componente teórico deve se ocupar, para Fernández (2003):

- dos princípios metodológicos que regem a prática ou confecção de dicionários;
- do estudo científico dos dicionários do ponto de vista descritivo (crítica, uso e estatuto sociocultural do dicionário) e do ponto de vista histórico (estudo evolutivo dos diferentes tipos de dicionários e dos métodos empregados para sua confecção, no contexto das ideias linguísticas da cultura de cada período);
- do aperfeiçoamento da prática;
- da explicação de como o conhecimento adquirido pelos lexicógrafos lhes permite realizar seu trabalho de forma adequada etc.

Assim, é a existência do componente metalexigráfico, isto é, a vertente teórica da lexicografia, que possibilita a conversão do trabalho do lexicógrafo em ciência linguística, fazendo com que a lexicografia deixe de ser vista meramente como uma “arte” ou “técnica”.

Ainda de acordo com Fernández (*op. cit.*), o âmbito científico da lexicografia, similarmente a outros da mesma natureza, apresenta traços inerentes aos domínios da linguística aplicada, pois:

- tem como finalidade prática a confecção de repertórios lexicais;
- é um campo interdisciplinar na medida em que, para alcançar seus propósitos, apresenta interfaces com outras especialidades linguísticas e não linguísticas;

- nas últimas décadas do século XX, desenvolveu um corpus de conhecimentos teóricos, resultante dos avanços da teoria linguística e de seus próprios enfoques em seu objeto de estudo.

Essa visão de lexicografia como uma ciência da linguística aplicada se deve à constatação de que seus princípios e parâmetros são impostos menos por ideias e correntes da linguística teórica e mais pelas necessidades dos usuários e pelas possibilidades e limitações materiais do trabalho prático.

2.2.2 Os primórdios e a evolução da metalexicografia

O nascimento da teoria lexicográfica moderna se teria dado entre os anos 1960 e 1970, na França, sendo os principais autores dedicados ao estudo da metalexicografia: Robert-Léon Wagner, Bernard Quemada, Georges Matoré, Jean Dubois, Claude Dubois e Josette Rey-Debove. A partir dessas datas, o panorama dos estudos metalexicográficos se ramifica e se propaga por diversos países da Europa, originando diferentes tendências na investigação.

Na Alemanha, a Herbert-Ernst Wiegand se deve uma das maiores tentativas de delimitar o terreno da metalexicografia no interior das ciências linguísticas; destacam-se também, tanto na teoria quanto na prática lexicográficas, Günther Haensch e Reinhold Werner.

A partir dos anos 1970, houve uma forte aproximação entre lexicografia e linguística teórica. Com isso, as obras teóricas pioneiras passam a influenciar de maneira decisiva na renovação do trabalho lexicográfico e na consolidação de uma corrente teórica para a lexicografia.

Nos anos 1980, o Congresso Internacional de Lexicografia leva à constituição da EURALEX.¹⁰ Em outros países da Europa e da América, a lexicografia (teórica e prática) se torna uma ciência que atrai a atenção dos especialistas em linguística e consegue espaço nas universidades.

Nos países hispânicos, entre os principais autores dedicados à lexicografia teórica está Julio Fernández-Sevilla. Considerado o precursor da lexicografia teórica na Espanha, é autor de *Problemas de lexicografía actual* (1974), em que são enfocados, pela primeira vez, da perspectiva da linguística moderna, aspectos centrais para a metalexicografia, tais como a especificidade do âmbito científico da lexicografia e sua relação com matérias afins, o conceito de dicionário, as relações entre lexicografia e geografia linguística, o vocabulário científico e técnico nos dicionários etc. Em 1982, surge *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lingüística práctica*, de Günther Haensch, Lothar Wolf, Stefan Ettinger e Reinhold Werner, um importante manual dos princípios da teoria lexicográfica.

Já nos 1990 e início do século XXI, há uma grande difusão dos estudos metalexigráficos. Fernández (2003) constata que o dicionário, sua história, seus métodos, seus destinatários, bem como suas múltiplas possibilidades didáticas como instrumento para o aprendizado de línguas ou para a interação comunicativa, têm atraído a atenção dos linguistas, que o enxergam como um objeto multidimensional, passível de ser abordado sob enfoques e interesses múltiplos.

Dessa forma, os avanços da lexicografia a partir das últimas décadas do século XX impedem que ela seja considerada uma tarefa meramente prática, subsidiária da lexicologia. Ao contrário, vista como uma ramificação da linguística aplicada, compreende a atividade prática de coleta e seleção do material lexical e a redação de repertórios lexicográficos (em

¹⁰ European Association for Lexicography.

geral dicionários), mas também a teoria geral que orienta o trabalho prático e as investigações que têm por objeto o dicionário.

Em suma, a lexicografia moderna tem legitimado o seu componente teórico e o seu estatuto científico, contribuindo para o abandono gradativo da visão de que o fazer lexicográfico se reduz a uma sistematização de métodos e procedimentos.

2.3 A evolução da tradição lexicográfica de língua inglesa

A tradição lexicográfica de língua inglesa é de particular interesse para o nosso trabalho. Assim, apresentaremos, com base em Allen (1986), Béjoint (2010), Dolezal (1986), Jackson (2002) e Osselton (1986), uma síntese da sua história, tomando como ponto de partida o primeiro dicionário considerado genuinamente de língua inglesa. Por não pretendermos ser exaustivos na descrição da evolução dessa tradição, priorizaremos a história da produção de dicionários na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, que são os dois países expoentes da tradição lexicográfica de língua inglesa, sem deixar de reconhecer a consolidação da lexicografia de outros países falantes de língua inglesa.

Em linhas gerais, Dolezal (1986) divide a história da lexicografia de língua inglesa em duas principais tendências de desenvolvimento: nos primeiros séculos, consistiu na inclusão de palavras eruditas de origem latina; nos anos seguintes, caracterizou-se pelo empréstimo contínuo de termos e definições de diferentes glossários e dicionários.

Embora não seja uma constatação consensual entre os lexicógrafos, essa tradição começa no início do século XVII, com a publicação do primeiro dicionário efetivamente monolíngue de língua inglesa, de Robert Cawdrey. A obra continha uma lista de palavras

consideradas rebuscadas, arroladas numa ordem que não era a alfabética, e apresentava uma microestrutura simples, com as entradas explicadas por meio de alguns sinônimos ou uma pequena glosa. Para Osselton (1986), no entanto, os primórdios da lexicografia inglesa se dão algumas décadas antes, por volta de 1570, com as tentativas de compilação lexical do dicionário de Rawlinson. Trata-se de um manuscrito que é apenas um fragmento, mas que, se tivesse sido concluído, se teria tornado uma obra bem mais abrangente do que o dicionário de Cawdrey.

Até o período do Renascimento, a lexicografia inglesa limitava-se a dicionários e glossários bilíngues. Béjoint (2010) explica que os primeiros dicionários monolíngues tinham uma nomenclatura pequena comparada aos diversos dicionários bilíngues precedentes, e incluíam palavras de difícil apreensão, recém-adquiridas do latim renascentista. O primeiro dicionário monolíngue a incluir palavras de uso corriqueiro foi o *The New World of English Words: or a General English Dictionary*, de Edward Philips, publicado em 1658. Seguiram-se a este outros dicionários, com nomenclaturas cada vez maiores que passaram a incluir também gírias, itens dialetais e termos técnicos. Um importante exemplo é *A New English dictionary: Or, a Compleat Collection of the Most Proper and Significant Words, Commonly Used in the Language; With a Short and Clear Exposition of Difficult Words and Terms of Art*, de John Kersey, de 1702.

Dicionários contendo palavras comuns prevaleceram ao longo do século XVII. Popularizando-se e tornando-se bem-sucedidas obras de referência, passaram por diversas edições, muitas vezes durante décadas. Um importante acontecimento na lexicografia de língua inglesa foi a publicação, em 1755, de *A Dictionary of the English Language, in which the Words are deduced from their Originals, and illustrated in their different Significations by Examples from the best Writers*, de Samuel Johnson.

O dicionário, que continha, de acordo com Béjoint (2010), um prefácio aclamado como uma das melhores expressões dos problemas da lexicografia, uma breve história da língua inglesa e uma gramática, consolidou Johnson como um dos maiores nomes da história da lexicografia da língua inglesa. Além disso, ele é considerado uma obra marcante pelo tratamento linguístico dado aos itens lexicais tanto coloquiais quanto eruditos, aos sintagmas, aos *phrasal verbs*, aos termos técnicos e científicos e aos itens dialetais, bem como pela precisão na abordagem da polissemia dos itens. Por outro lado, isso não significava que a obra não tinha diversas inconsistências, relacionadas à ortografia, às definições ora simples demais ora muito obscuras, bem como às fontes não confiáveis da etimologia dos itens.

O lexicógrafo britânico Johnson, então, é considerado um marco na lexicografia da língua inglesa, provocando mudanças significativas na maneira de se fazer dicionários. Enquanto os dicionários anteriores compilavam palavras consideradas “difíceis” (Béjoint, *op. cit.*) para uso eventual, os publicados posteriormente ao de Johnson tornaram-se tesouros da língua, e como tal, “começaram a ter um papel social e político materializando a língua de um grupo social ou de uma nação” (Béjoint, 2010, p. 76, tradução nossa).¹¹

Além disso, a partir de Johnson, os lexicógrafos tiveram que passar a ter mais critério na escolha e na representatividade da nomenclatura. Começaram a utilizar um *corpus*, isto é, não mais buscavam palavras em outros dicionários, mas sim em textos literários de autores renomados da época (século XVIII), sendo os itens lexicais da nomenclatura, portanto, pertencentes à norma culta. As citações, também extraídas de textos literários, serviam para atestar o uso de determinada palavra.

E finalmente, o surgimento da crença de que os dicionários podiam regular a língua e descrevê-la em sua totalidade – em outras palavras, sua função prescritiva – também

¹¹ “[...] it could begin to play a social and political role by materializing the language of a social group or of a nation.”

colaborou para que o século XVIII e o trabalho de Johnson sejam considerados o início da lexicografia moderna de língua inglesa.

A lexicografia norte-americana também teve Johnson como um precursor, dado que os primeiros dicionários utilizados nos Estados Unidos foram produzidos na Grã-Bretanha. No entanto, quando se fala em primórdios da lexicografia norte-americana, Noah Webster é o nome mais significativo. Publicou, em 1806, *A Compendious Dictionary of the English Language*, primeiro dicionário importante produzido por um norte-americano. O dicionário trazia definições sucintas e nenhuma etimologia, enquanto abundava em informações enciclopédicas, o que se tornou tradição na lexicografia norte-americana. Contudo, para Béjoint (2010), o verdadeiro início da tradição lexicográfica nos Estados Unidos foi a publicação de *An American Dictionary of the English Language*, em 1828, também de autoria de Webster.

Depois deste, uma série de outros dicionários Webster foram publicados e tiveram enorme sucesso comercial. Um dos mais importantes e ambiciosos projetos foi o *Webster's International Dictionary*, de 1890, que, a começar pelo título, manifestava o desejo de se estabelecer como uma autoridade em todas as variantes da língua inglesa, uma característica dos dicionários do século XX. O sucesso comercial dos dicionários Webster pôde ser desafiado apenas por Worcester, que publicou, em 1890, *A Dictionary of the English Language*, considerado por alguns lexicógrafos um dos melhores dicionários de língua inglesa já produzidos.

Ao longo do século XIX, enquanto os dicionários britânicos, sob forte influência de Samuel Johnson, eram esquecidos, a lexicografia norte-americana prosperava e consolidava uma tradição diferente da qual se originou: os dicionários dos Estados Unidos não eram obras

de referência voltadas para a elite apreciar sua literatura, mas sim instrumentos acessíveis a todas as classes.

Já no século XX, a lexicografia britânica consagra-se com o *Oxford English Dictionary* (OED), cuja primeira edição é de 1928. Béjoint (2010) e Jackson (2002) o definem como uma obra de caráter geral (em oposição a dicionários especializados, ou seja, aqueles voltados ao vocabulário de um determinado domínio do conhecimento científico), histórico, descritivo, exaustivo (o mais abrangente dicionário de língua inglesa já produzido), literário e erudito. O OED exerceu e exerce grande influência na Grã-Bretanha, e é usado como fonte de material e modelo de metodologia lexicográfica por dicionários de outros países, também de cunho erudito.

Além do dicionário *Oxford*, diversos outros dicionários, tanto gerais como especializados, foram publicados na Grã-Bretanha durante o século XX, muitos dos quais pertencem à própria linha *Oxford*, como, por exemplo, o *Concise Oxford Dictionary* (COD). Diferentemente do OED, estava baseado em exemplos forjados, e não em citações de fontes autênticas. Em relação à importância do COD, Allen (1986, p.10) afirma que ele deu reconhecimento global à língua inglesa e passou, pela primeira vez, a considerar a influência norte-americana, ainda que permaneça “um dicionário difícil de usar” devido à falta de precisão informacional.

A lexicografia norte-americana do século XX publicou a segunda edição do *Webster's International Dictionary*, sob o título *Webster's New International Dictionary*, em 1934. Em 1961 veio a terceira edição: o *Webster's Third New International Dictionary*. Outros grandes dicionários norte-americanos de língua geral produzidos ao longo do século XX foram *New Standard* (1913) e *American Heritage Dictionary of the English Language* (1969), além de inúmeros dicionários especializados.

Todos os dicionários norte-americanos têm sofrido influência dos dicionários da linha *Merriam-Webster*, assim como os dicionários britânicos são influenciados pelo OED. De maneira geral, as características essenciais que distinguem os dicionários da tradição lexicográfica britânica dos dicionários da tradição lexicográfica norte-americana podem ser resumidas da seguinte forma:

Quadro 8. Características distintivas entre os dicionários britânicos e os norte-americanos.

DICIONÁRIOS BRITÂNICOS	DICIONÁRIOS NORTE-AMERICANOS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ foco no público erudito; ▪ elitismo na forma e no conteúdo; ▪ voltados para o auxílio na leitura, em detrimento da produção e da expressão; ▪ nomenclatura determinada pela visão de especialistas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ foco no público geral; ▪ forma e conteúdo acessíveis; ▪ voltados para a consulta a questões culturais e sobre o uso da língua; ▪ nomenclatura determinada pelas necessidades do público.

Apesar das diferenças entre as duas principais vertentes da lexicografia de língua inglesa, cabe mencionar que, ainda no decorrer do século XX, também surgiram dicionários com a pretensão de mesclar elementos das tradições britânica e norte-americana, tais como os dicionários das linhas *Collins* e *Longman*.

A partir da segunda metade do século XX, por fim, com a ascensão e a consolidação do inglês como língua estrangeira no mundo, dicionários voltados para aprendizes estrangeiros começaram a prosperar. Béjoint (2010) nos fornece sua lista dos “*big five*” (os quais têm tido reedições e a partir dos quais vários outros, da mesma família, se originaram):

- *Oxford Advanced Learner's Dictionary*
- *Longman Dictionary of Contemporary English*
- *Collins COBUILD English Language Dictionary*
- *Cambridge International Dictionary of English*
- *Macmillan English Dictionary*

Nesse sentido, a história da lexicografia de língua inglesa pode ser considerada como uma sucessão de influências, empréstimos e plágio. Para Dolezal (1986), essa tradição lexicográfica mostra que quase não há a noção de autoria nos dicionários: se o dicionário, de língua inglesa ou não, fosse considerado um único texto, os diferentes “autores” seriam os editores, que em geral são membros da genealogia da marca (Webster's, por exemplo). A “autoria” advém do julgamento inerentemente subjetivo de um grupo de editores, cuja função consiste essencialmente na reformulação textual.

Por outro lado, a tradição lexicográfica de língua inglesa é uma prova de que qualquer dicionário é uma expressão parcial do léxico. O dicionário de língua inglesa consiste em textos fragmentados que vêm sendo produzidos a mais de quatro séculos, e dessa forma, assim como outros dicionários, é meramente a expressão do léxico de um falante idealizado.

Tendo exposto a evolução da produção de dicionários nos dois países anglófonos mais influentes, no próximo item nos dedicamos a focar um tipo específico de lexicografia, a lexicografia bilíngue, bem como a sua interface inerente com a tradução.

2.4 A noção de equivalência em teorias da tradução e em lexicografia bilíngue

A elaboração de um dicionário especial bi ou multilíngue é, sem dúvida, permeada por concepções de tradução. Uma noção bastante comum e discutida em lexicografia bilíngue é o conceito de equivalência. Tal conceito constitui-se como um dos principais pontos de interface entre lexicografia e teorias da tradução.

Nos estudos clássicos da tradução, o conceito de equivalência estava calcado numa relação biunívoca entre elementos de línguas diferentes. Oportunamente, no capítulo introdutório de *Tradução: teoria e prática*, Milton (2010) explicita e discute algumas metáforas associadas ao tradutor e ao seu trabalho ao longo da história, muitas das quais são reveladoras de uma concepção conservadora de tradução segundo a qual o conteúdo do original pode ser transferido ao texto traduzido. Para o referido autor, há um elemento comum nessas metáforas: a discussão entre forma e conteúdo. Tais metáforas refletem que a importância da preservação e da transmissão do conteúdo do texto original deveria se sobrepôr à forma como ele chegaria à língua-alvo.

Catford (1983) dedica-se a questionar os limites da possibilidade de tradução e de equivalência total entre línguas. Para ele, a tradução pode se tornar inviável especialmente quando há diferenças linguísticas e culturais difíceis de serem contornadas entre a língua-fonte e a língua-alvo. As diferenças linguísticas são “antes a regra que a exceção, uma vez que a correspondência formal é excessivamente rara” (CATFORD 1983, p.109).

Por outro lado, o que pode causar problemas mais insolúveis à tradução, segundo o autor, são as questões culturais, isto é, quando um traço situacional (e não linguístico) funcionalmente relevante na língua de partida está ausente na cultura da língua de chegada. Na verdade, ele acaba por admitir que a impossibilidade linguística de tradução e a

impossibilidade cultural de tradução estão interligadas numa relação de causa e consequência, sendo o primeiro tipo uma decorrência do segundo:

Em muitos casos, ao menos, o que torna “intraduzíveis” itens “culturalmente intraduzíveis” é o fato de que o uso de qualquer equivalente *aproximado* de tradução no texto da LM [língua-meta] produz uma *associação insólita* na LM. Falar de “impossibilidade cultural de tradução” pode ser apenas outra maneira de falar sobre impossibilidade de tradução das associações: a impossibilidade de encontrar uma associação equivalente na LM. E isso seria um tipo de impossibilidade linguística de tradução (CATFORD, 1983, p.112).

Ainda assim, Catford (1983) não deixa de admitir que as diferenças formais entre as línguas em geral não impedem que se encontrem equivalentes de tradução.

Uma nova visão do conceito de equivalência, desatrelada da noção clássica de biunivocidade interlinguística, surge especialmente com a abordagem desconstrutivista da tradução, na década de 1960. Segundo os preceitos dessa teoria, os textos não devem ser vistos como contendo significados fixos e estáveis neles inscritos, para os quais o tradutor precisa encontrar substitutos de igual valor na língua-alvo. Consequentemente, são desconstruídas as visões de tradução como igualdade de valores ou equivalência, de leitura como atividade que protege os significados, resgatando-os, e de tradutor como operador de uma transferência de significados. A reflexão pós-moderna, ao abordar a tradução como transformação, que faz surgir um novo original, promove um deslocamento em relação ao que o pensamento tradicional sempre considerou como central em se tratando de tradução, a saber, a equivalência.

Rodrigues (2000) relativiza a significação, considerando que não há um significado universal, transcendental. Para a autora, assim como para outros autores pós-modernos, tais como Fish e Derrida, não há um sentido inscrito nos textos e imediatamente recuperável, refletindo única e exclusivamente as pretensas intenções de um autor. Não há, portanto, um

significado que transcenda as circunstâncias e a história, e que esteja alheio à mudança e à diferença. Contudo, esse pensamento não deve autorizar uma linha de raciocínio extremamente oposta: os sujeitos não estão livres de quaisquer coerções, e, dessa forma, não podem atribuir todo e qualquer sentido que lhes seja conveniente. O sentido, na verdade, seria produto da interação de uma série de fatores (intenções do autor, material linguístico, situação contextual e comunicativa etc.), sendo a interpretação, sobretudo, um item essencial dessa equação.

Dessa forma, a ideia da transcendentalidade do sentido está atrelada à questão da equivalência interlinguística, uma vez que a assunção de que há um sentido universal para as palavras e os textos é a aceitação de que possa existir uma correspondência plena e unívoca entre dois itens lexicais de línguas diferentes. Sistemas linguísticos distintos teriam, assim, elementos aos quais seriam conferidos exatamente os mesmos valores. Nesse sentido, a noção clássica de equivalência pressupõe a preservação de conteúdos e valores, sendo ignoradas as diferenças contextuais e temporais. A equivalência formal, nesse caso, seria definida como uma simples passagem de um sistema a outro, “de uma sintaxe que seria o suporte de um conteúdo neutro e objetivo a outra” (RODRIGUES, 2000, p. 211).

No entanto, ainda segundo a autora, a comparação objetiva entre referências de unidades lexicais de línguas diferentes é somente uma crença. Suas discussões sobre a concepção de linguagem saussuriana são reveladoras de seu posicionamento em relação à possibilidade de correspondência plena entre línguas:

De acordo com essa concepção, seria impensável atribuir um mesmo valor a palavras de duas línguas diferentes. A consequência imediata de aceitar essa tese seria a problematização da noção da equivalência e da possibilidade de correspondência de significados entre signos de línguas distintas. Se nada ancora os signos aos referentes e se o próprio sistema estabelece os limites entre os signos, não há como postular que diferentes sistemas organizem seus componentes de modo a espelhar a organização do

outro, não há como supor que um elemento corresponda a outro de um sistema diferente (RODRIGUES, 2000, p.187).

Antes de adotarmos, entretanto, uma ou outra noção de equivalência, consideramos que o que é, de fato, fundamental, é que tal conceito precisa estar adequado aos diferentes âmbitos em que é abordado. Em lexicografia, por exemplo, esse conceito pode ter outro valor. Embora reconheçamos a inviabilidade da noção de equivalência plena entre dois sistemas linguísticos, em lexicografia bilíngue, o uso do termo “equivalente” é frequente e o conceito de equivalência é operacionalizado de maneira diferente da abordagem proposta pelas teorias de tradução pós-modernas. Os chamados “equivalentes” correspondem à entrada apenas parcialmente, pois não há coincidência entre os escopos semânticos de itens lexicais de sistemas diferentes. Assim, não é possível elencar todas as traduções possíveis de um item, em cada contexto específico.

Além disso, como bem aponta Schmitz (2008), os dicionários bilíngues costumam ser alvos de críticas por não fornecer o maior número possível de equivalências, de modo a auxiliar aprendizes e tradutores. Entretanto, isso se justifica na medida em que “a elaboração de todo dicionário é parte de uma prática social de uma determinada comunidade interpretativa”, de modo que não é razoável pensar em um “complô por parte de autores de dicionários em deliberadamente esconder significados” (SCHMITZ, 2008, p. 19). As críticas não devem, contudo, ser ignoradas. Para o referido autor, elas devem servir para catalisar o aperfeiçoamento das obras lexicográficas, e não atuar na direção oposta, desestimulando o uso de dicionários como instrumentos de consulta confiáveis.

Haensch *et al.* (1982) destacam, entre os principais problemas na busca por correspondência interlinguística, o fato de que a palavra da língua de partida pode ser muito polissêmica ou então não pode ser traduzida por outra de mesma categoria gramatical na

língua-alvo. Acrescente-se a isso a possibilidade de equivalência zero, isto é, quando não há um item lexical equivalente em uma das línguas envolvidas no processo tradutório. Ainda assim, é papel da lexicografia bilíngue tentar reduzir e/ou dirimir as barreiras interlinguísticas, sendo considerado “equivalente” uma lexia que contenha a maior quantidade possível de traços semânticos em comum com o item lexical de outra língua. Essa noção de equivalência torna, portanto, o termo adequado à lexicografia bilíngue. Dessa maneira, justifica-se o caráter utilitário de obras lexicográficas dedicadas ao contraste interlínguístico, pois elas propiciam a busca a propostas de equivalências (ainda que parciais).

Assim, a noção de equivalência em teorias pós-modernas da tradução pode conviver perfeitamente com o conceito de equivalente na lexicografia bilíngue, pois se trata de duas abordagens conceituais distintas, mas não mutuamente excludentes, desde que adaptadas aos fins específicos de cada âmbito.

Os aspectos gerais de lexicografia e de tradução discutidos acima contribuem para embasar a nossa prática lexicográfica. No próximo capítulo, explicamos as etapas seguidas para a análise dos verbos submetidos ao cotejo, assim como os critérios para a elaboração da nossa proposta de verbete para um dicionário bilíngue de regência verbal na direção português-ínglês.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pergunta de pesquisa que norteou esta dissertação teve dois eixos principais, relacionados entre si. O primeiro propôs refletir sobre até que ponto podemos estabelecer um contraste entre as línguas portuguesa e inglesa com relação aos seus verbos acompanhados de preposição, com base em aspectos lexicais, sintáticos e semânticos. O segundo, de cunho estritamente lexicográfico, teve a proposta de elencar os equivalentes em língua inglesa mais aproximados para uma nomenclatura pré-selecionada de verbos da língua portuguesa com complementos preposicionados. Em relação a essa proposta de equivalência, primeiramente, foi preciso questionarmo-nos quais seriam os correspondentes das acepções dos verbos da referida nomenclatura, para então investigarmos quais as preposições adequadas para esses equivalentes, se exigidas também.

Podemos encontrar muitos entraves na determinação da transitividade verbal, devido à flexibilidade – ora sintática, ora semântica – que os verbos apresentam. Isso se reflete diretamente na regência, uma vez que a presença ou a ausência da preposição após o verbo determina a natureza de sua relação com os complementos, isto é, sua transitividade. Diante do problema teórico explanado, neste trabalho consideramos *verbo transitivo indireto* todo verbo cujo sentido só se completa por meio de objeto indireto. Em segundo lugar, entendemos por *objeto indireto*: complemento preposicionado que preenche traços semânticos intrínsecos e essenciais ao verbo.

3.1 Etapas da pesquisa

A primeira fase do trabalho consistiu na sistematização da literatura a respeito da regência verbal nas duas línguas envolvidas, com enfoque nos temas que se relacionam à questão da regência, como o significado das preposições e os *phrasal verbs* da língua inglesa; bem como na abordagem teórica em lexicografia e teorias da tradução, com vistas à fundamentação da análise comparativa e à posterior elaboração dos verbetes.

Subsequentemente, procedemos à análise de gramáticas e de dicionários monolíngues, bilíngues e especiais em verbos portugueses e ingleses, a fim de fornecer um olhar sobre as diferenças e semelhanças das construções preposicionadas nas duas línguas envolvidas na pesquisa. Tal estudo comparativo subsidiou a idealização do nosso modelo de organização microestrutural que contemplasse a regência verbal tanto da língua de partida quanto da língua de chegada.

E por fim, chegamos à etapa da elaboração de verbetes propriamente dita, em que optamos por privilegiar um traço semântico específico e recorrente nos verbos da nomenclatura em língua portuguesa.

3.2 A nomenclatura da proposta de dicionário

Para a elaboração da listagem dos verbos que compõem o repertório microestrutural deste trabalho, foi utilizada uma nomenclatura em língua portuguesa do Brasil já recolhida em projetos anteriores de Iniciação Científica [Processos n^{os}: 05/60807-9; 05/60808-5; 05/60806-2], que dizem respeito a um projeto maior intitulado “Dicionário Multilíngue de Regência

Verbal: verbos preposicionados”, do grupo de pesquisa do CNPq "Lexicologia e Lexicografia contrastiva", em andamento.¹² Foram consultados veículos de busca na WEB, sendo o *Google* o principal, com a finalidade de verificar contextos reais de uso e frequência e legitimar os verbos do português e do inglês e sua(s) respectiva(s) preposição(ões), quando existia(m).

Na nossa proposta de dicionário, o traço semântico privilegiado nos verbos contemplados na microestrutura é o de “deslocamento físico”, com ênfase no ponto final do movimento. Além disso, não interessam verbos que apresentem uma baixa frequência.

Levando-se em conta que pode ser considerada frequente uma palavra com, no mínimo, mil ocorrências no universo de 120 milhões de palavras, segundo dados apontados por Berber Sardinha (2004, p. 169), a nomenclatura em português, por se propor a utilizar a base textual do Laboratório de Lexicografia da UNESP de Araraquara, com mais de 200 milhões de ocorrências, teve como parâmetro de alta frequência o índice de duas mil ocorrências. Dessa forma, considerou-se frequente a acepção de um verbo com complemento obrigatoriamente preposicionado que ocorresse, no mínimo, mil vezes, ou seja, que atingisse um índice médio de frequência. O ponto de partida para a seleção desses verbos em português foram os dicionários: *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil* (BORBA, 1991), *Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa* (RODRIGUES-FEITOSA, 2003), *Dicionário de Usos do Português* (BORBA, 2002), *Aurélio – Século XXI* (FERREIRA, 1999) e *Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001).

Além da frequência mínima adotada, convém esclarecer também a visão de público-alvo que norteou a elaboração da nossa proposta. No nosso caso, os verbetes foram particularmente elaborados para atender às necessidades específicas de estudantes brasileiros, aprendizes do inglês como língua estrangeira, que precisam se expressar com propriedade

¹² O projeto encontra-se na fase final de inserção dos equivalentes nas línguas estrangeiras arroladas na microestrutura dos verbetes do dicionário.

nessa língua, ou seja, trata-se de uma proposta de dicionário para a produção em língua inglesa.

3.3 A descrição da microestrutura

Abaixo, apresentamos um modelo de verbete do DMRV (Dicionário Multilíngue de Regência Verbal), no qual nos baseamos para a nossa proposta de verbete:

Quadro 9. Modelo do verbete DIZER da macroestrutura do Dicionário Multilíngue de Regência Verbal.

<p>DIZER</p> <p>1. A, PARA alguém PARA + verbo no infinitivo ou + oração (aconselhar, mandar, ordenar) → Ela disse ao (para o) colega para se retirar (que se retirasse) da reunião.</p> <p>I: <i>tell somebody + infinitive</i></p> <p>2. A, PARA alguém + oração (afirmar, assegurar) → Disseram a (para) minha irmã que você pretendia estudar russo.</p> <p>I: <i>tell somebody, say to somebody</i></p> <p>3. A, PARA alguém + oração (contar, enunciar, expor, exprimir) → Eu disse aos (para os) alunos que a prova seria com consulta.</p> <p>I: <i>tell ∅</i></p> <p>4. algo A, PARA alguém (importar, interessar, significar) → Seu amor já não diz nada a (para) Geórgia.</p> <p>I: <i>mean to</i></p> <p>5. algo A, PARA alguém (advertir, avisar) → Já disse aos (para os) seus pais que não iremos visitá-los no feriado?</p> <p>I: <i>tell ∅, say to</i></p> <p>6. algo DE alguém (repreender; censurar) → Não podem dizer nada de mim.</p> <p>I: <i>say something against someone</i></p> <p>7. algo SOBRE algo (discorrer, dissertar) → Ele tinha muito a dizer sobre a sua experiência.</p> <p>I: <i>say about</i></p>
--

Com base nisso, apresentamos uma amostra da nossa organização lexicográfica para os verbos preposicionados que apresentam o traço semântico referido acima, bem como um modelo preenchido com um verbo preposicionado da nossa análise, com exemplos extraídos de contextos autênticos do *córpus da WEB* para validar e legitimar o uso dos verbos da língua portuguesa e da língua inglesa. Para os exemplos em português, foram utilizados, preferencialmente, sites de domínio “.br”, assim como, para os exemplos em inglês, os domínios “.uk” e “.us”. Com alguns verbos, entretanto, a escassez de exemplos confiáveis levou-nos a extrair contextos autênticos de outros domínios.

Quadro 10. Modelo microestrutural da nossa proposta de dicionário.

ENTRADA 1. **PREPOSIÇÃO EM PORTUGUÊS** (DEFINIÇÃO SINONÍMICA) *Contexto em português* ■ **EQUIVALENTE EM INGLÊS** **PREPOSIÇÃO EM INGLÊS** *Contexto em inglês* 2. **PREPOSIÇÃO EM PORTUGUÊS** (DEFINIÇÃO SINONÍMICA) *Contexto em português* ■ **EQUIVALENTE EM INGLÊS** **PREPOSIÇÃO EM INGLÊS** *Contexto em inglês*

(Endereço eletrônico do primeiro exemplo em português)

(Endereço eletrônico do primeiro exemplo em inglês)

(Endereço eletrônico do segundo exemplo em português)

(Endereço eletrônico do segundo exemplo em inglês)

Quadro 11. Modelo do verbete ENFIAR da macroestrutura da nossa proposta de dicionário.

ENFIAR 1. **EM** (CALÇAR, VESTIR) *O Hokage ficou perto dela, conseguindo **enfiar** a camiseta **nela**, quando ela ficou tonta, ao virar-se muito rápido.* ■ **PUT (STH.) ON (SB.)** *The movie this year is “Who **Put** the Pants **on** Philip” (...).* 2. **EM** (FAZER ENTRAR, INTRODUZIR) *Luxemburgo **enfiou** a faca **no** próprio peito.* ■ **STICK (STH.) INTO (STH.)** *“No...I couldn’t have done it even a couple of weeks ago without worrying that you were going to **stick** a blade **into** your arm”.*

(http://fanfiction.com.br/historia/19108/Fugindo_De_Uma_Ruiva/capitulo/35)

(http://www.moniteau.k12.pa.us/district_newsletter/Summer04%20Moniteau%20NL.pdf)

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/2/28/esporte/4.html>)

(<http://www.dct-breakingoutofthegutter.co.uk/fics/emma/atj/jazz17.htm>)

Foram estabelecidos como principais parâmetros para os verbetes:

1. As acepções dos verbos são numeradas por algarismos arábicos e são definidas sinonimicamente, isto é, por meio de outros verbos de significado aproximado, entre parênteses. Se em dada acepção o verbo em português é usado pronominalmente, isso é explicitado mediante a indicação “pr.”.

2. O símbolo tipográfico ■ introduz o equivalente inglês.

3. Se o equivalente verbal proposto também exige complementos preposicionados, indicamos as devidas preposições. Por exemplo:

DERRAMAR EM (VERTER, ENTORNAR) *Contexto em português* ■ **POUR INTO**

4. Por outro lado, se o equivalente em língua inglesa é um verbo frequente, mas não preposicionado, o símbolo Ø segue-se ao equivalente. É o caso da entrada VIRAR:

VIRAR (pr.) **CONTRA** (INVESTIR, ATACAR) *Contexto em português* ■ **ATTACK Ø**

5. Há também ocorrências de equivalentes que são *phrasal verbs*. Nesse caso, eles podem ou não ser seguidos de preposição, como se observa na entrada DISPARAR (acepção 2) e na entrada TOPAR:

DISPARAR 2. PARA (PARTIR ÀS PRESSAS) *Contexto em português* ■ **RUSH OFF TO**

TOPAR COM 1. (APROXIMAR-SE DE, AVISTAR) *Contexto em português* ■ **COME ACROSS**
Ø *Contexto em inglês* 2. **COM** (DEPARAR, ENCONTRAR) *Contexto em português* ■ **COME**
ACROSS Ø *Contexto em inglês*

6. Ainda, se o equivalente não corresponde a uma unidade léxica verbal, propomos uma tradução parafrásica. Isso pode ser visualizado na acepção 2 da entrada CHEGAR:

CHEGAR 2. **PARA** (PÔR PERTO, APROXIMAR) *Contexto em português* ■ **[BRING (STH.)**
NEAR(ER) TO (STH.)] *Contexto em inglês*

7. E finalmente, caso o equivalente em inglês se refira, por exemplo, apenas a “algo” ou apenas a “alguém”, enquanto o verbo em português referir-se a “algo” e a “alguém”, isso está explicitado mediante a indicação dos pronomes indefinidos “something” (*sth.*) ou “somebody” (*sb.*), como no exemplo de ENVIAR, acepção 1:

ENVIAR 1. **A, PARA** (ENDEREÇAR, EXPEDIR) *Contexto em português* ■ **SEND (STH.) TO**
(SB.), SEND (SB.) (STH.) *Contexto em inglês*

Com a exposição das etapas e critérios seguidos em nossa pesquisa, passamos, no capítulo seguinte, a um estudo de natureza comparativa sobre a regência verbal nas línguas portuguesa e inglesa.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE VERBOS PREPOSICIONADOS

O comportamento dos verbos e sua relação com as preposições podem se constituir em um tópico de significativo interesse para os linguistas. Esse interesse na morfossintaxe e na semântica da relação verbo-preposição nos impulsionou a estudar a regência verbal não apenas no interior de uma única língua, mas sim discutir aspectos contrastivos da regência verbal entre as línguas portuguesa e inglesa. Iniciamos nossa análise com reflexões e considerações gerais sobre a regência desses dois sistemas linguísticos, para então darmos enfoque a um traço semântico específico, qual seja, o de verbos que expressam a noção de “deslocamento físico”, com ênfase no ponto final do movimento.

4.1 Direção inglês-português

A análise proposta a seguir parte de verbos da língua inglesa para o cotejo com seus correspondentes mais esperados do português.

4.1.1 Verbos seguidos de preposições

Quirk *et al.* (1989) consideram uma categoria de verbos denominada *verbos preposicionados*, que em inglês não são verbos transitivos indiretos. No caso dessa categoria, o sintagma que se segue à preposição denomina-se *objeto da preposição* (*object of a preposition*) e é considerado o complemento da preposição, não do *verbo*. Dessa forma, os autores acreditam estar evitando a opacidade no uso da tradicional nomenclatura “intransitivo” e “transitivo”, que muitas vezes gera inconsistências também na língua portuguesa.

São exemplos típicos dessa categoria:

Quadro 12. Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos de preposição.

accuse of (acusar de)
blame for (culpar por/de)
care for (preocupar-se com, importar-se com)
consist of (consistir de)
cope with (lidar com)
differentiate from (diferenciar de)
look at (olhar para)
look for (procurar [por])
react to (reagir a/sobre)
result from (resultar de)

No entanto, os verbos que, em dada acepção, são preposicionados em inglês, não necessariamente o são em língua portuguesa (LP), na mesma acepção: *admit [to]* → *admitir*,

ask for → *pedir*, *listen to* → *ouvir/escutar*, assim como, na direção oposta, há verbos da LP que se ligam aos seus complementos mediante uma preposição, enquanto seus correspondentes mais aceitáveis em língua inglesa (LI) não regem preposições na mesma acepção: *confiar em* → *trust*, *gostar de* → *like*, *precisar de* → *need* etc.

Dos verbos listados no quadro 12, o equivalente em português de *blame for* admite duas regências: *culpar por* e *culpar de*. Contudo, apenas o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (DALP, 2010) admite os dois usos preposicionais, enquanto outros dicionários consultados, a saber, o *Dicionário Houaiss de Verbos da Língua Portuguesa* (DHVLP, 2003) e o *Dicionário Prático de Regência Verbal* (DPRV, 2011), trazem um único uso preposicional após o verbo em questão (respectivamente *culpar por* e *culpar de*). Por outro lado, o *Dicionário de Verbos e Regimes* (DVR, 2009) admite também *culpar em*, na estrutura *culpar [alguém] em [algo]: Culpá-lo no furto, na morte* (FERNANDES, 2009, p. 176).

Além de *culpar*, o equivalente *reagir* também admite mais de uma preposição na mesma acepção, segundo Luft (2011, p. 433): *Reagir a ataques; O artista reage sobre o ambiente social*. A um falante nativo da LP, contudo, *reagir sobre* pode soar um tanto estranho, dado que se trata de uma regência pouco usual. Além disso, não são todos os dicionários especiais de LP que admitem essa dupla regência. O DHVLP traz apenas o primeiro uso preposicional para tal verbo.

Já o equivalente *procurar* é regido facultativamente pela preposição **POR** apenas nas acepções “desejar falar a” (*Procurar [por] um dirigente*) e “indagar, investigar, perguntar (por)” (*Procurar as [pelas] causas de um acidente*) (LUFT, 2011, p. 419). No sentido de “esforçar-se por achar, buscar”, os dicionários consultados não registram uso de preposição após esse verbo, ainda que em LI o correspondente continue sendo *look for*, isto é, com o uso não facultativo da preposição.

A CCEG (1990), gramática que se orienta nos usos efetivos da língua, e não apenas na sua variedade-padrão, denomina alguns verbos preposicionados de intransitivos. Segundo ela, esses verbos intransitivos são seguidos de um sintagma preposicional cujo núcleo é considerado objeto da preposição:

Quadro 13. Exemplos de verbos da língua inglesa intransitivos seguidos de um sintagma preposicional.

<p>appeal to (apelar a/para)</p> <p>consist in (consistir em)</p> <p>differentiate between (diferenciar entre)</p> <p>emerge from (emergir de)</p> <p>hope for (esperar [por])</p> <p>insist on (insistir em/por/para/sobre)</p> <p>react against (reagir contra)</p> <p>result in (resultar em)</p> <p>sympathize with (compadecer-se de, solidarizar-se com, simpatizar com)</p>

A nosso ver, no entanto, não parece adequado chamar os verbos acima de intransitivos, pois o sintagma preposicional que os segue é um elemento gramatical essencial para que se complete o sentido do verbo.

Alguns verbos dessa lista destacam-se por apresentarem algumas particularidades, como é o caso de *apelar*, que é seguido de **A** ou **PARA** de maneira intercambiável apenas no sentido de “invocar ajuda, proteção; pedir auxílio”: *Só me resta apelar a/para Deus* (LUFT, 2011, p.61). Esse verbo, quando usado de maneira informal significando “recorrer a expedientes baixos, como grosseria de ações ou palavras, violência”, ou só admite comumente **PARA**, sendo, portanto, incomum um falante nativo de LP proferir um enunciado como

Vencido, ele começou a apelar à ignorância (LUFT, *op. cit.*, p. 61), ou é usado de maneira intransitiva: *Tudo ia bem, mas quando se falou no caso do desfalque, aí ele apelou* (AURÉLIO, 2010).

No caso do equivalente de *hope for, esperar (por)*, na acepção em questão, a saber, “desejar, ansiar”, o acréscimo de **POR** após o verbo é facultativo: *Esperar [por] um bem* (LUFT, 2011, p. 274).

Em LP, ao verbo *insistir* pode-se seguir uma variedade maior de preposições do que ao seu correspondente em LI, que só admite **ON**:

- *Ele insistiu nas suas declarações.*

- *Insistir por um governo democrático.*

- *Insistia sobre alguns pontos.*

(LUFT, *op. cit.*, p. 336)

No entanto, tal verbo só é seguido de **PARA** se o complemento for uma oração:

- *Insistiu comigo para ajudá-lo.*

- *Insisto para que todos compareçam.*

(LUFT, *op. cit.*, p. 336)

Ainda no grupo de verbos considerados intransitivos pela CCEG, alguns deles podem admitir mais de uma regência na mesma acepção:

Quadro 14. Exemplos de verbos da língua inglesa intransitivos seguidos de um sintagma preposicional que admitem mais de uma regência na mesma acepção.

abound in/with (abundar de/em)
conform to/with (adaptar-se a)
contribute to/towards (contribuir a/para)
engage in/on/upon (engajar-se em)
enthuse about/over (entusiasmar-se com/por)
lust for/after (desejar, cobiçar)
profit by/from (aproveitar, beneficiar-se de, lucrar com)
rave about/over (entusiasmar-se com/por)
rely on/upon (contar com)
spring from/out of (pular de)

Isso se deve ao fato de que algumas preposições têm significado semelhante, como é o caso de **TO** e **WITH** (*conform to/with*), e de **TO** e **TOWARDS** (*contribute to/towards*). Também é nítida a similaridade semântica de **FROM** e **OUT OF** em *spring from/out of*, que são intercambiáveis porque ambas expressam, entre outras possíveis acepções, a ideia de “origem do movimento” (QUIRK *et al.*, 1989, p. 677-678, 698).

Já em LP, essa flexibilidade de regência parece não ocorrer, haja vista que a maioria dos correspondentes liga-se a uma só preposição. Por exemplo, o correspondente em LI de *engajar-se em* admite intercambiavelmente as preposições **IN** (*engaje in*), **ON** (*engaje on*) e **UPON** (*engaje upon*), enquanto o verbo da LP liga-se a uma só preposição. Cabe destacar, todavia, que quando ao verbo *engage* se segue uma oração reduzida, ele só pode ser regido por **IN** (*engage in [doing something]*).

Além disso, nota-se também que os correspondentes em LP não necessariamente são regidos por preposição (por exemplo, *lust for/after* → *desejar, cobiçar*).

4.1.2 Verbos seguidos por objeto direto e sintagma preposicional (V + [SN]_{OD} + SPrep)

Alguns verbos transitivos em LI requerem informação adicional após o objeto do verbo. Essa informação, essencial para que se complete a estrutura significativa do verbo, é geralmente um sintagma preposicional introduzido por uma preposição específica. Por exemplo, em uma frase como:

*The judge based his decision **on** constitutional rights.*

[O juiz baseou sua decisão em direitos constitucionais.]

(CCEG, 1990, p. 143)

o objeto direto *his decision* não é suficiente para completar o sentido do verbo, o que requer a inserção do sintagma preposicional *on constitutional rights* subsequentemente a ele. Seguem esse padrão sintático outros verbos como:

Quadro 15. Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos por objeto direto e sintagma preposicional.

associate with (associar a/com)
dedicate to (dedicar a)
mistake for (confundir com)
prevent from (impedir de)
regard as (considerar como)
remind of (lembrar [fazer lembrar])
view as (ver como)

Nesse grupo também se incluem verbos da LI que admitem mais de uma regência na mesma acepção, o que pode ou não ocorrer em português:

Quadro 16. Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos por objeto direto e sintagma preposicional que admitem mais de uma regência na mesma acepção.

<p>base on/upon (basear em)</p> <p>incorporate in/into (incorporar a/com/em)</p>
--

4.1.3 Verbos seguidos por objeto direto ou sintagma preposicional (V + [SN]_{OD} ou V + SPrep)

Certos verbos em LI podem vir seguidos de um objeto direto ou um sintagma preposicional. Por exemplo, os enunciados a seguir são ambos aceitáveis:

He fought the enemy.

*He fought **against** the enemy.*

[Ele lutou contra o inimigo.]

(CCEG, 1990, p. 154)

Diferentemente do exemplo acima, muitas vezes, a presença ou não da preposição após o verbo pode determinar diferenças sutis no significado da frase:

They hissed the Mayor.

[Vaiaram (com sussuros) o prefeito.]

*Frederica hissed **at** him.*

[Frederica o repreendeu (com sussurros)].

(CCEG, *op. cit.*, p. 155)

É também o caso dos verbos:

Quadro 17. Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos por objeto direto ou sintagma preposicional, aos quais o acréscimo de preposição pode gerar diferenças de sentido.

check (checar, verificar)
check on (confirmar)
gain (ganhar, conseguir)
gain in (ganhar em)
juggle (fazer malabarismo)
juggle with (conciliar com)
sniff (cheirar, fungar)
sniff at (torcer o nariz, desprezar)

No caso de *juggle* (**with**) e *sniff* (**at**), o acréscimo de uma preposição não apenas gera um novo matiz semântico, como faz surgir um significado figurado.

Já verbos como *climb*, *wander*, *cross*, entre outros, que descrevem movimento físico, também podem ser seguidos de um objeto direto ou um sintagma preposicional. A preposição indica necessariamente “lugar”, e seu acréscimo tende a especificar a posição física do sujeito. Por exemplo:

We climbed the mountain.

[Escalamos/subimos a montanha.]

*I climbed **up** the tree.*

[Subi na árvore.]

(CCEG, 1990, p. 155)

Seguem esse modelo, entre outros verbos da LI:

Quadro 18. Exemplos de verbos da língua inglesa seguidos por objeto direto ou sintagma preposicional, aos quais o acréscimo de preposição especifica a noção espacial.

<p>chase after (correr atrás de)</p> <p>climb up (escalar, subir)</p> <p>cross over (atravessar, cruzar)</p> <p>jump over (saltar, pular)</p> <p>leap over (saltar, pular)</p> <p>roam over/through (vagar por)</p> <p>skirt round (margear)</p> <p>walk through (andar/caminhar por)</p> <p>wander through (vagar por)</p>
--

Percebe-se que os correspondentes dos verbos de LI regidos pela preposição **THROUGH**, que traz a noção de “passagem, percurso” (QUIRK *et al.*, 1989, p. 682), em geral se ligam a **POR**, preposição do português de significado semelhante.

4.1.4 Verbos bitransitivos

Alguns verbos bitransitivos da LI admitem duas construções possíveis para o posicionamento sintático dos objetos direto e indireto após o verbo, uma sem e a outra com a necessidade de uma preposição:

Quadro 19. Construções sintáticas de verbos bitransitivos do inglês.

VERBO + OBJETO INDIRETO + OBJETO DIRETO, ou
 VERBO + OBJETO DIRETO + **Preposição** + OBJETO INDIRETO

Na primeira construção, o objeto indireto (normalmente um referente cuja função semântica é a de “beneficiário”) é posicionado imediatamente após o verbo e antes do objeto direto:

He had lent Tim [O_i] the money [O_d].

[Ele emprestara o dinheiro a Tim.]

(CCEG, 1990, p. 159)

Já na segunda, é o objeto direto que se segue ao verbo, enquanto o objeto indireto vem expresso por meio de um sintagma preposicionado imediatamente após o objeto direto:

*He had lent the money [O_d] **to** Tim [O_p].*

A segunda estrutura é geralmente usada quando:

- a) o enunciador quer dar ênfase ao objeto indireto; ou
- b) o objeto indireto é bem mais extenso que o objeto direto. Por exemplo:

*He had taught English **to** all the youth of Ceylon and India.*

[Ele havia ensinado inglês a todos os jovens do Sri Lanka e da Índia.]

(CCEG, *op. cit.*, p. 160)

A alternativa sintática com a preposição também é preferida quando o objeto direto vem expresso em forma de pronome:

*I took the bottle and offered it **to** Oakley (e não *I took the bottle and offered Oakley it*).*

[Peguei a garrafa e a ofereci a Oakley.]

(CCEG, *op. cit.*, p. 160)

Em muitos casos, a segunda construção deixa de ser uma “alternativa” sintática, tornando-se obrigatória. Em outras palavras, com determinados verbos, o objeto indireto somente pode ocorrer após uma preposição:

*I explained the problem **to** Mary (e não *I explained Mary the problem*).*

[Expliquei o problema a Mary.]

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 364)

Seguem esse padrão *announce, confess, deny, describe, donate, introduce, narrate, recommend, refuse, reveal, transmit* etc. Ao contrário, alguns poucos verbos como *cost* e *charge* só admitem a primeira construção.

A seleção da preposição na segunda estrutura, entretanto, não é aleatória. Com verbos como *forward, give, grant, hand, lend, offer, pass, pay, read, rent, sell, send, serve, show, teach, tell* etc., prefere-se **TO**, especialmente quando prevalece a noção de “transferência” do objeto direto de uma pessoa a outra. Por exemplo:

*I had lent my apartment **to** a friend.*

[Eu havia emprestado meu apartamento a um amigo.]

(CCEG, 1990, p. 160)

Em contrapartida, *book, build, buy, cook, design, find, fix, get, keep, make, order, paint, pour, prepare, set, spare* etc. são exemplos de verbos que regem a preposição **FOR** introduzindo o sintagma preposicionado na segunda alternativa sintática com verbos bitransitivos. Isso se explica pelo fato de que esses verbos são geralmente usados quando o sujeito realiza uma ação que beneficia uma outra pessoa, como em:

*He poured more champagne **for** the three of them.*

[Ele serviu mais champanhe aos três.]

(CCEG, *op. cit.*, p. 160)

Há alguns verbos, no entanto, que admitem ambas as preposições nessa construção: *bring, leave, play, sing, take, write* etc. Em geral, a escolha de uma preposição ou outra pode

levar a sentidos distintos. Em *Karen wrote a letter **to** her boyfriend* (Karen escreveu uma carta **ao/para** o namorado), a “carta” em questão é endereçada ao “namorado”, enquanto em *Karen wrote a letter **for** her boyfriend* (Karen escreveu uma carta **para** o namorado), o “namorado” queria enviar a “carta” a alguém, mas foi Karen quem de fato a escreveu, no lugar dele.

Quanto à LP, essas duas estruturas possíveis para verbos bitransitivos não ocorrem em todos os casos especificados na língua inglesa. Em português, a primeira alternativa sintática ocorre geralmente quando o objeto indireto vem expresso em forma de pronome, e é mais usual que o pronome preceda o verbo:

Ele lhe [O_i] emprestara o dinheiro [O_d].

Pensando-se na segunda construção do inglês, isto é, aquela com o uso da preposição, não há uma correspondência estrutural plena com o português, pois o objeto direto pode vir antes ou depois do sintagma preposicionado (que contém o objeto indireto). Portanto, em português, são aceitáveis ambos os enunciados:

*Ele emprestou um livro **ao/para** o irmão; ou*

*Ele emprestou **ao/para** irmão um livro.*

Há que se atentar, no entanto, para a seleção de uma ou outra preposição nesse caso. Como demonstrado nos exemplos de LI acima, às vezes a seleção de uma preposição em vez de outra pode gerar sentidos distintos. Isso pode ser válido também para a LP, em que a escolha de **A** ou **PARA** pode levar (ou não) a sentidos distintos. Em *Karen escreveu uma*

carta ao/para namorado, o sentido pode ser o de que a “carta” em questão é endereçada ao “namorado”, mas se nos ativermos somente à escolha de **PARA**, outro sentido pode ser produzido: o “namorado” queria enviar a “carta” a alguém, mas, em seu lugar, Karen a escreveu, beneficiando-o com tal ação. Nesse segundo caso, há uma ação realizada por um sujeito que beneficia outra pessoa, enquanto no primeiro sentido produzido (em que o uso de **A** e **PARA** é indiferente), há claramente a noção de transferência de um objeto de uma pessoa a outra.

Dessa forma, podemos concluir que, em inglês, para a noção de “transferência”, a preposição prototípica é **TO**, enquanto em português podem ser, indistintamente, **A** e **PARA**; já para veicular a noção de “beneficiamento”, a preposição prototípica em LI é **FOR**, enquanto em LP é somente **PARA**.

Ainda com relação à segunda construção sintática de verbos bitransitivos de LI, ressalte-se, por fim, que Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999) admitem, além de **TO** e **FOR**, também a preposição **OF** como introdutora de objeto indireto, ainda que em pouquíssimos casos:

Joe asked a question of Sally. (= Joe asked Sally a question.)

[Joe fez uma pergunta a Sally.]

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p.361)

Nesse caso, a preposição em questão indica de quem a ação expressa pelo verbo é solicitada.

4.1.5 Phrasal verbs seguidos de preposição

Assim como os demais verbos da LI chamados de *single-word verbs* (verbos de uma só palavra), os *phrasal verbs* também podem requerer uma determinada preposição, que se ligará a um complemento. São exemplos frequentes:

Quadro 20. Exemplos de *phrasal verbs* seguidos de preposição.

break out of (sair de, escapar de)
break up with (terminar com, romper com)
catch up with (alcançar, prender)
check up on (verificar, investigar)
cut down on (reduzir, eliminar)
drop in on (ir visitar)
get along with (dar-se com)
get down to (encarar)
go in for (apreciar, desfrutar)
keep up with (acompanhar, manter o ritmo)
look down on (menosprezar)
look up to (admirar)
pick up on (perceber, retomar)
put up with (suportar, aguentar)
run up against (lidar com, enfrentar)
stand up for (defender, apoiar)
walk away from (desistir de, abandonar, deixar)

Como podemos observar, **AGAINST, FOR, FROM, OF, ON, TO** e **WITH** são algumas das principais preposições que acompanham essa categoria de verbos, e seu estatuto

preposicional é corroborado pelo esquema proposto por Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999, p. 430-431), transcrito no subitem 1.2.1.

No entanto, as autoras consideram que o *phrasal verb* e a preposição que o segue devem ser entendidos como uma unidade, o que poderia levar ao questionamento de seu comportamento preposicional, uma vez que a consolidação de uma unidade sintático-semântica com o verbo é uma característica típica de partículas adverbiais.

Ao mesmo tempo, elas parecem reforçar o estatuto preposicional desses itens que se seguem ao *phrasal verb* quando admitem a possibilidade de inserção de um adjunto adverbial entre *down* e *on*, no exemplo:

Mort has cut down almost completely on his smoking.

[Mort diminuiu o fumo quase por completo.]

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, 1999, p. 428)

Conforme discutido no subitem 1.2.1, um adjunto adverbial não deve ser inserido entre uma forma verbal e uma partícula adverbial, o que parece confirmar que *on*, no exemplo acima, de fato comporta-se gramaticalmente como uma preposição, ao passo que a *down* se atribui, sem dúvida, a função de partícula adverbial.

Ainda neste grupo de *phrasal verbs*, destaque-se, por fim, um caso singular: os *phrasal verbs* idiomáticos transitivos que requerem uma preposição quando o objeto direto pronominal *it* aparece entre o verbo e a partícula adverbial:

She put it over on him.

[Ela o enganou.]

I'll make it up to you.

[Vou retribuir-lhe o favor.]

(CELCE-MURCIA e LARSEN-FREEMAN, *op. cit.*, p. 441)

No item subsequente, daremos ênfase a um tipo específico de regência, qual seja, aquela implicada por verbos que expressam “deslocamento físico” em alguma(s) de suas acepções.

4.2 Direção português-inglês

A análise que se segue parte de verbos da língua portuguesa para o cotejo com seus correspondentes mais esperados do inglês.

4.2.1 A regência que implica a noção de “deslocamento físico”, com ênfase no término do movimento

A proposta a seguir é de um contraste entre as línguas portuguesa e inglesa em relação à regência de verbos preposicionados que implicam, em alguma(s) de suas acepções, a noção de “deslocamento físico”, com ênfase no ponto final do movimento, visando ao estabelecimento de semelhanças e diferenças entre essas línguas no que diz respeito à relação verbo-preposição na expressão de tal noção.

Essa noção semântica pode ser veiculada por mais de uma preposição em ambas as línguas. Postulamos que é provável haver uma equivalência parcial entre as preposições **A/PARA**, do português, e **TO**, do inglês, quanto à indicação do traço estudado, dada a sua similaridade semântica. Acreditamos também que determinada(s) preposição(ões) se destacará(ão), em ocorrências, ao se ligarem aos verbos para a expressão da noção semântica privilegiada.

Quanto aos parâmetros e critérios da análise, esclarecemos que:

1. os verbos analisados foram selecionados da nomenclatura em língua portuguesa do Brasil referida no capítulo 3 deste trabalho;

2. para as propostas de equivalência, a partir da qual procedemos à nossa análise comparativa, os parâmetros também são os mesmos adotados nos equivalentes dos verbetes da nossa proposta de dicionário;

3. as acepções dos verbos da língua portuguesa estão indicadas em parênteses após o verbo;

4. com relação ao traço semântico verbal definido como objeto de análise, o item deslocado, isto é, o referente no mundo extralinguístico que sofre o processo de deslocamento, pode exercer diferentes papéis semânticos:

- **Agente:** (*eu*) *Cheguei à igreja próxima de casa.*

- **Tema:** *Envia flores à/para a noiva todos os dias.*

- **Força:** *As águas barrentas foram até o interior da casa.*

5. os verbos do português que implicam deslocamento físico, nos dados da nossa análise, ocorrem com as preposições **A**, **ATÉ**, **COM**, **CONTRA**, **EM**, **PARA** e **SOBRE**.

São verbos regidos pela preposição **A**:

ADICIONAR A (acrescentar, juntar)	<i>add to</i>
ARRASTAR A (levar, puxar, deslocar)	<i>drag into</i>
ARREMESSAR-SE A (arrojar-se, atirar-se com ímpeto)	<i>throw [oneself] onto</i>
CAMINHAR A (dirigir-se)	<i>walk to</i>
CHEGAR A (surgir em)	<i>arrive at</i>
CONDUZIR A (dar acesso)	<i>lead to</i>
CONDUZIR A (direcionar, levar)	<i>take to</i>
CONFLUIR A (afluir, convergir)	<i>converge on</i>
CORRER A (apressar-se, dirigir-se apressadamente)	<i>rush to</i>
DAR A (presentear)	<i>give Ø [sb.] [sth.], give [sth.] to [sb.]</i>
DAR A (administrar, ministrar)	<i>give Ø [sb.] [sth.]</i>
DAR A (gratificar ou recompensar alguém com)	<i>give Ø [sb.] [sth.], give [sth.] to [sb.]</i>
DAR A (distribuir, entregar)	<i>give Ø [sb.] [sth.], give out [sth.] to [sb.]</i>
DEIXAR A (ceder, doar, ofertar)	<i>leave for</i>
DESTINAR A (reservar)	<i>set aside for</i>
DEVOLVER A (dar ou entregar de volta, restituir)	<i>return to</i>
DEVOLVER A (encaminhar, enviar)	<i>send to</i>
DIRIGIR A (encaminhar, enviar)	<i>send to</i>
DIRIGIR-SE A (encaminhar-se, ir)	<i>make one's way to, towards</i>
DISTRIBUIR A (dar, entregar, repartir)	<i>share out amongst</i>
DOAR A (dar, oferecer)	<i>donate to</i>
EMPRESTAR A (dar como empréstimo)	<i>lend to</i>
ENCAMINHAR A (enviar, mandar, levar)	<i>refer [sb.]/[sth.] to [sb.]/somewhere</i>
ENDEREÇAR A (encaminhar, enviar)	<i>address to</i>
ENTREGAR A (confiar)	<i>entrust to, hand [sth.]/[sb.] over to</i>
ENTREGAR A (dar, passar às mãos)	<i>present [sth.] to [sb.]</i>
ENTREGAR A (devolver, restituir)	<i>return to</i>
ENVIAR A (endereçar, expedir)	<i>send [sth.] to [sb.], send [sb.] [sth.]</i>
ENVIAR A (encaminhar, conduzir)	<i>send to</i>
ESTENDER A (dar, oferecer)	<i>pull out for</i>
EXPEDIR A (enviar)	<i>send out to</i>
GUIAR A (conduzir)	<i>drive to</i>
IR A (dirigir-se)	<i>go to</i>
JOGAR A (arremessar, dirigir, lançar)	<i>throw at</i>
JOGAR A (adicionar, misturar)	<i>add to</i>

JUNTAR A (adicionar, misturar)	<i>add to</i>
JUSTAPOR A (aproximar de, juntar)	<i>juxtapose to/with</i>
LANÇAR A (arremessar, jogar)	<i>pass (the ball) to, launch (the lifeboat) into, throw (the toy) Ø far away</i>
LEVANTAR A (erigir, erguer em homenagem)	<i>erect (a statue) of, in honour of</i>
LEVAR A (conduzir, dar acesso)	<i>lead to</i>
LEVAR A (fazer chegar, estender)	<i>introduce to (for)</i>
MANDAR A (enviar como presente, oferecer)	<i>send to</i>
MANDAR A (enviar, expedir, remeter)	<i>send to</i>
MANDAR A (fazer ir, ordenar que vá)	<i>send [sb.] to</i>
PASSAR A (dar, entregar, transmitir)	<i>pass to</i>
REGRESSAR A (retornar, voltar)	<i>return to</i>
RESTITUIR A (dar de volta, devolver)	<i>return to</i>
RETORNAR A (voltar)	<i>return to</i>
SERVIR A (oferecer comida e/ou bebida)	<i>serve to</i>
SOBREPOR A (colocar sobre, pôr em cima de)	<i>superpose on/over</i>
SUBMETER A (apresentar, aguardando o parecer)	<i>submit to</i>
TORNAR A (retornar, voltar)	<i>return to</i>
TRANSMITIR A (conduzir)	<i>transmit to</i>
TRANSMITIR A (enviar, mandar)	<i>send to</i>
TRAZER A (dar acesso, levar)	<i>lead to</i>
TRAZER A (conduzir, guiar, levar)	<i>bring to</i>
TRAZER A (dar, oferecer)	<i>bring to</i>
VIAJAR A (fazer viagem, percorrer)	<i>travel to</i>
VIR A (chegar, comparecer, encaminhar-se)	<i>come to</i>
VOLTAR A (retornar)	<i>return to</i>
VOLTAR A (devolver, restituir)	<i>return to</i>

Os verbos deste grupo, em geral, ao se ligarem à preposição **A**, parecem indicar, em relação às outras preposições, maior incidência sobre o ponto final do movimento.

Nota-se que uma grande parte dos verbos de deslocamento regidos por essa preposição em português tem seus correspondentes acompanhados pela preposição **TO** em inglês (*give*

to, add to, walk to, lead to, take to, rush to, return to, send to, donate to, lend to, address to, entrust to, drive to, go to, pass to, serve to, submit to, transmit to, bring to, come to etc.).

Alguns verbos em LI, tais como *give*, admitem dois tipos de construção: *give* \emptyset *somebody something* ou *give something to somebody*, sendo a preposição **TO** necessária apenas na segunda. A noção de “meta/ponto de chegada/destino” (QUIRK *et al.*, 1989, p. 675) permanece em ambas, indistintamente se se opta por uma ou outra construção. Entretanto, nem sempre tais estruturas são intercambiáveis em termos sintáticos. Podemos verificar que na acepção “administrar, ministrar” do verbo *dar*, por exemplo, a segunda construção de *give* não é válida. Exemplificando, uma sentença como *O médico deu ao paciente um remédio amargo* poderia não soar comum se fosse vertida para a LI da seguinte forma: *The doctor gave a bitter medicine to the patient*. Por outro lado, nas outras acepções de *dar*, a LI admite o uso intercambiável das duas construções possíveis com o verbo *give*. Dessa forma, para uma sentença como *Deu à criança um videogame pelo seu aniversário*, seria aceitável dizer, em LI, *(He/She) gave the child a videogame for his/her birthday* ou *(He/She) gave a videogame to the child for his/her birthday*.

Assim como ocorre em LP, no inglês, outras preposições se unem a verbos de deslocamento: **INTO** (*drag into*), **ONTO** (*throw [oneself] onto*), **AT** (*arrive at, throw at*), **ON** (*converge on*), **FOR** (*leave for*), inclusive a preposição **AMONG(ST)** (*share out amongst*). Alguns verbos de LI combinam-se com mais de uma preposição: *juxtapose to/with*, *superpose on/over*, o que possivelmente ocorre pela proximidade semântica das preposições intercambiáveis, como **TO/WITH** e **ON/OVER** (do inglês), e **EM/SOBRE** e **A/PARA** (do português).

Em relação aos verbos do português cujos equivalentes em inglês são *phrasal verbs*, convém destacar que estes não devem ser confundidos com os verbos regidos por preposição,

conforme explanado no subitem 1.2.1. São exemplos: *destinar a* (reservar) → *set aside for*, *dar a* (distribuir, entregar) → *give out something to somebody*, *entregar a* (confiar) → *hand something/somebody over to*, *estender a* (dar, oferecer) → *pull out for*, *expedir a* (enviar) → *send out to*. No caso desses verbos da LI, embora possam ocorrer duas partículas acompanhando o verbo (por exemplo, *give + out* [Part. 1] + *to* [Part. 2]), isso não significa que elas têm o mesmo estatuto: a segunda é uma preposição e diz respeito à regência do *phrasal verb*, enquanto a primeira é uma partícula adverbial e estabelece, intrinsecamente com a forma verbal, um significado novo que nem sempre é composicional, ou seja, que não pode ser inferido a partir do significado do verbo e da partícula adverbial tomados isoladamente, o que explica justamente a denominação *phrasal verb*. Em outras palavras, trata-se de *phrasal verbs* que, assim como outros tipos de verbos, também são regidos por preposição (conforme discussão no item 4.1.5).

Ainda outros verbos de deslocamento apresentam peculiaridades a ser mencionadas. No português, o verbo pronominal *dirigir-se a* (encaminhar-se, ir) tem como equivalente em inglês um item que não é monolexical (*make one's way to/towards*). Novamente, aqui parece ser um caso em que a similaridade semântica entre preposições, no caso **TO** e **TOWARDS**, permite o uso de uma pela outra. Entretanto, enquanto a primeira dá ênfase ao ponto final do movimento, a segunda veicula primordialmente a direção desse movimento (QUIRK *et al.*, 1989, p. 677).

Já no caso de *lançar a* (arremessar, jogar), há a exigência de equivalentes distintos em inglês (a propósito, acompanhados de preposições distintas), a depender do seu complemento (*pass [the ball] to*, *launch [the lifeboat] into*, *throw [the toy] Ø far away*). Embora o traço semântico [+ deslocamento físico] esteja presente em *pass*, *launch* e *throw*, o fato de a escolha do verbo ter de adequar-se ao referente no mundo extralinguístico representado pelo

seu complemento diz respeito a questões relativas aos traços semânticos do verbo e do item lexical que funciona como seu complemento.

Quanto aos verbos regidos pela preposição **ATÉ**, são eles:

ARRASTAR ATÉ (levar, puxar, deslocar)	<i>drag into</i>
CAMINHAR ATÉ (dirigir-se)	<i>walk as far as</i>
GUIAR ATÉ (conduzir)	<i>drive as far as</i>
IR ATÉ (atingir, chegar)	<i>reach Ø</i>
VIAJAR ATÉ (fazer viagem, percorrer)	<i>travel as far a</i>

Os verbos deste grupo, ao se ligarem à preposição **ATÉ**, expressam a noção de “aproximação de um limite com ênfase nele”. Embora tenham traços semânticos em comum (como “destino”, “alvo”, “meta”), **A** e **ATÉ** se distinguem no sentido de que somente a segunda preposição veicula insistência na aproximação do limite, enquanto a ênfase da primeira está no ponto de chegada em si. Como o traço semântico verbal privilegiado nesta análise é o de deslocamento físico, é natural que os verbos regidos por **ATÉ** tenham equivalentes com a locução prepositiva **AS FAR AS** (QUIRK *et al.*, 1989, p. 677), que indica, no sentido concreto, justamente “aproximação a um local físico”.

Outras preposições, como **INTO** (*drag into*), também se unem aos verbos da LI para indicar aproximação de um limite. No caso de *ir*, que, para expressar a acepção de “atingir, chegar”, liga-se a **ATÉ** (como em *As águas barrentas foram até o interior da casa*), nota-se que seu equivalente em inglês seria um verbo não preposicionado, o que pode ocorrer com bastante frequência quando se contrastam dois sistemas linguísticos diferentes.

Ressalte-se que há verbos da LP que são seguidos por outra preposição, além de **ATÉ**, na mesma acepção:

- *arrastar* (levar, puxar, deslocar): liga-se também a **A** e **PARA**;
- *caminhar* (dirigir-se): liga-se também a **A** e **PARA**;
- *guiar* (conduzir): liga-se também a **A**;
- *viajar* (fazer viagem, percorrer): liga-se também a **A** e **PARA**.

Abaixo, são elencados os verbos regidos pela preposição **COM**:

COLIDIR COM (ir de encontro a, chocar-se)	<i>crash into</i>
TOPAR COM (aproximar-se de, avistar)	<i>come across</i> ∅
TOPAR COM (deparar-se com, encontrar)	<i>come across</i> ∅
TROMBAR COM (chocar-se, colidir)	<i>bump into</i>

A noção central veiculada por **COM** é a de “adição, companhia, simultaneidade”. Essa noção parece não estar muito vinculada à ideia de deslocamento, o que poderia excluir os verbos seguidos de **COM** do nosso escopo de análise. No entanto, se considerarmos as acepções dos verbos da LP acima, constatamos que há usos desses verbos que podem indicar a ideia de deslocamento físico com ênfase no ponto final do movimento. Dessa forma, é essencial que, na questão da regência verbal, sejam levados em conta o uso e a acepção do verbo que está sendo empregado.

Ainda que **WITH** seja a preposição prototípica da LI que veicula noção similar à de **COM**, verificamos que apenas um dos equivalentes acima se liga a **WITH** (*collide with*). Possivelmente isso se deve ao fato de que as acepções dos verbos da LP acima não estão vinculadas à ideia de adição.

Além disso, nota-se que as duas acepções de *topar com* são expressas, em inglês, por meio de um *phrasal verb* não regido por preposição (*come across*).

Concernente aos verbos regidos pela preposição **CONTRA**, foram extraídos:

ARREMESSAR-SE CONTRA (arremessar-se, atirar-se com ímpeto)	<i>throw [oneself] onto</i>
AVANÇAR CONTRA (atacar, atirar-se, investir)	<i>advance on</i>
DISPARAR CONTRA (arremessar, atirar, lançar)	<i>fire at</i>
DISPARAR CONTRA (acionar o gatilho de arma de fogo, atirar)	<i>fire at</i>
VIRAR-SE CONTRA (investir, atacar)	<i>attack Ø</i>

A noção mais comumente veiculada pela preposição **CONTRA** é a de “direção a um limite próximo, direção contrária”. Essa noção parece estar presente nas acepções dos verbos da LP listados acima. Ainda assim, é possível notar que tais verbos, ao se unirem a essa preposição, não deixam de sugerir também a ideia de deslocamento com insistência no ponto de chegada/limite/meta.

No caso dos equivalentes desses verbos em LI, observa-se, contudo, que nenhum deles se une à preposição que prototipicamente expressa “direção contrária” em inglês, qual seja, **AGAINST**.

Para os verbos deste grupo, a regência verbal em inglês se dá com as preposições **ONTO** (*throw [oneself] onto*), **ON** (*advance on*) e **AT** (*fire at*). O equivalente de *virar-se contra*, por sua vez, não se liga a um complemento mediante preposição.

Destacamos que, neste grupo, também há casos de verbos que, em português, regem, além de **CONTRA**, outras preposições na mesma acepção:

- *arremessar-se* (arrojar-se, atirar-se com ímpeto): liga-se também a **A** e **SOBRE**;
- *avançar* (atacar, atirar-se, investir): liga-se também a **EM** e **SOBRE**;
- *disparar* (acionar o gatilho de arma de fogo, atirar): liga-se também a **EM**.

Os verbos regidos pela preposição **EM** são listados a seguir:

AVANÇAR EM (atacar, atirar-se, investir)	<i>advance on</i>
BOTAR EM (colocar, pôr)	<i>put on</i>
COLOCAR EM (pôr)	<i>put on</i>
DERRAMAR EM (verter, entornar)	<i>pour into</i>
DISPARAR EM (acionar o gatilho de arma de fogo, atirar)	<i>fire at</i>
EMBARCAR EM (entrar para viajar)	<i>embark in</i>
ENFIAR EM (calçar, vestir)	<i>put [sth.] on [sb.]</i>
ENFIAR EM (fazer entrar, introduzir)	<i>stick [sth.] into [sth.]</i>
ENTERRAR EM (cravar ou espetar profundamente)	<i>plunge [sth.] into [sth.]</i>
ENTRAR EM (passar de fora para dentro)	<i>go into</i>
ENTRAR EM (invadir, penetrar)	<i>invade Ø</i>
ESBARRAR EM (ir de encontro a, topar com)	<i>bump into</i>
FINCAR EM (cravar, enfiar, enterrar)	<i>plunge [sth.] into</i>
INJETAR EM (introduzir)	<i>inject into</i>
INTRODUZIR EM (pôr, colocar)	<i>introduce into</i>
JOGAR EM (arremessar, dirigir, lançar)	<i>throw at</i>
MANDAR EM (atacar alguém com algo, desferir em)	<i>strike Ø, punch Ø, kick Ø</i>
METER EM (colocar, depositar, guardar)	<i>put into</i>
METER EM (aplicar com violência, desferir)	<i>bang into</i>
METER EM (fazer entrar, internar)	<i>put into</i>
PÔR EM (depositar, guardar)	<i>put into</i>
PÔR EM (acrescentar a)	<i>put in/on</i>
PÔR EM (usar ou fazer usar, vestir)	<i>put [sb.] into</i>
PÔR EM (colocar)	<i>put on</i>
TOPAR EM (chocar-se com, ir de encontro a)	<i>bump into</i>

Grande parte dos verbos deste grupo, ao ligarem-se a **EM**, indicam “alcance de um limite de interioridade”, uma das ideias essenciais expressas por essa preposição (*embarcar em* [entrar para viajar], *enterrar em* [cravar ou espetar profundamente], *injetar em* [introduzir] etc.). Por outro lado, *avançar em* (atacar, atirar-se, investir), *disparar em* (acionar o gatilho de arma de fogo, atirar), *esbarrar em* (ir de encontro a, topar com), *jogar em* (arremessar, dirigir, lançar), *mandar em* (atacar alguém com algo, desferir em), *meter em*

(aplicar com violência, desferir), *topar em* (chocar-se com, ir de encontro a) parecem relacionar-se mais à noção de “direção” ou “direção contrária”. Já verbos como *colocar* (pôr), *derramar* (verter, entornar) e *pôr* (colocar), unindo-se a **EM**, podem expressar também a ideia de “em contato com, em cima de”, outro traço semântico característico dessa preposição. Consideradas as particularidades das acepções dos verbos desse grupo, ainda assim, permanece em todas a implicação da ideia de deslocamento físico com insistência no ponto final do movimento.

Nota-se que a maioria dos verbos de deslocamento regidos por **EM** em português é acompanhada da preposição **INTO** em inglês, também vinculada, entre outros traços semânticos, à noção de “alcance de um limite de interioridade”: *stick [sth.] into [sth.]*, *plunge [sth.] into [sth.]*, *go into*, *plunge [sth.] into*, *inject into*, *introduce into*, *put into* etc. Apesar do predomínio de equivalentes seguidos de **INTO**, nesse domínio também se incluem verbos de LI regidos por **IN** (*embark in*).

Já no caso dos verbos da LP que parecem veicular a ideia de “direção”, os equivalentes, além de serem seguidos de **INTO** (*esbarrar em* → *bump into*, *meter em* → *bang into*, *topar em* → *bump into*), também apresentam outras regências, como **ON** (*avançar em* → *advance on*) e **AT** (*disparar em* → *fire at*, *jogar em* → *throw at*).

Ao se ligarem a **EM**, verbos como *colocar* (pôr) e *pôr* (colocar) podem indicar “contato superficial”, e não coincidentemente são regidos também por **SOBRE**. Nesse caso, seus equivalentes em inglês se ligam principalmente à preposição **ON** (*colocar em* → *put on*, *pôr em* → *put on*), que é prototípica dessa noção semântica (QUIRK *et al.*, 1989, p. 676).

Cabe mencionar também que os correspondentes em LI dos verbos *entrar em* (invadir, penetrar) e *mandar em* (atacar alguém com algo, desferir em) prescindem de preposições.

Merecem atenção os verbos da LP que são seguidos por outra preposição, além de **EM**, na mesma acepção:

- *avançar* (atacar, atirar-se, investir): liga-se também a **CONTRA** e **SOBRE**;
- *colocar* (pôr): liga-se também a **SOBRE**;
- *disparar* (acionar o gatilho de arma de fogo, atirar): liga-se também a **CONTRA**;
- *jogar* (arremessar, dirigir, lançar): liga-se também a **A** e **PARA**;
- *pôr* (colocar): liga-se também a **SOBRE**.

Na sequência, os verbos regidos pela preposição **PARA**:

ARRASTAR PARA (levar, puxar, deslocar)	<i>drag into</i>
CAMINHAR PARA (dirigir-se)	<i>walk to</i>
CHEGAR PARA (pôr perto, aproximar)	<i>bring [sth.] near(er) to [sth.]</i>
CONFLUIR PARA (dirigir-se)	<i>lead to</i>
CONVERGIR PARA (direcionar-se, voltar-se)	<i>converge on</i>
CORRER PARA (apressar-se, dirigir-se apressadamente)	<i>rush to</i>
DAR PARA (presentear)	<i>give Ø [sb.] [sth.], give [sth.] to [sb.]</i>
DAR PARA (administrar, ministrar)	<i>give Ø [sb.] [sth.]</i>
DAR PARA (gratificar ou recompensar alguém com)	<i>give Ø [sb.] [sth.], give [sth.] to [sb.]</i>
DAR PARA (distribuir, entregar)	<i>give Ø [sb.] [sth.], give out [sth.] to [sb.]</i>
DEIXAR PARA (ceder, doar, ofertar)	<i>leave for</i>
DESTINAR PARA (reservar)	<i>set aside for</i>
DEVOLVER PARA (dar ou entregar de volta, restituir)	<i>return to</i>
DEVOLVER PARA (encaminhar, enviar)	<i>send to</i>
DIRIGIR PARA (encaminhar, enviar)	<i>send to</i>
DIRIGIR-SE PARA (encaminhar-se, ir)	<i>make one's way to, towards</i>
DISPARAR PARA (partir às pressas)	<i>rush off to</i>
DOAR PARA (dar, oferecer)	<i>donate to</i>
EMPRESTAR PARA (dar como empréstimo)	<i>lend to</i>
ENCAMINHAR PARA (enviar, mandar, levar)	<i>refer [sb.]/[sth.] to [sb.]/somewhere</i>

ENDEREÇAR PARA (encaminhar, enviar)	<i>address to</i>
ENTREGAR PARA (dar, passar às mãos)	<i>present [sth.] to [sb.]</i>
ENTREGAR PARA (devolver, restituir)	<i>return to</i>
ENVIAR PARA (endereçar, expedir)	<i>send [sth.] to [sb.], send [sb.] [sth.]</i>
ENVIAR PARA (encaminhar, conduzir)	<i>send to</i>
ESTENDER PARA (dar, oferecer)	<i>pull out for</i>
EXPEDIR PARA (enviar)	<i>send out to</i>
FUGIR PARA (escapar)	<i>run away to</i>
IR PARA (dirigir-se)	<i>go to</i>
JOGAR PARA (arremessar, dirigir, lançar)	<i>throw to</i>
LANÇAR PARA (arremessar, jogar)	<i>pass (the ball) to, launch (the lifeboat) into, throw (the toy) Ø far away</i>
LEVAR PARA (fazer chegar, estender)	<i>introduce to (for)</i>
MANDAR PARA (enviar como presente, oferecer)	<i>send to</i>
MANDAR PARA (enviar, expedir, remeter)	<i>send to</i>
MANDAR PARA (fazer ir, ordenar que vá)	<i>send [sb.] to</i>
MUDAR PARA (pôr em outro lugar, remover, transferir)	<i>move Ø</i>
MUDAR-SE PARA (transferir-se para outra casa ou local)	<i>move to</i>
PARTIR PARA (pôr-se a caminho)	<i>leave for</i>
PASSAR PARA (dar, entregar, transmitir)	<i>pass to</i>
RESTITUIR PARA (dar de volta, devolver)	<i>return to</i>
RETORNAR PARA (voltar)	<i>return to</i>
SAIR PARA (dirigir-se)	<i>leave for</i>
SERVIR PARA (oferecer comida e/ou bebida)	<i>serve to</i>
TRANSFERIR PARA (mudar, passar)	<i>transfer to</i>
TRANSFERIR PARA (despachar, remover)	<i>transfer to</i>
TRANSMITIR PARA (conduzir)	<i>transmit to</i>
TRANSMITIR PARA (enviar, mandar)	<i>send to</i>
TRAZER PARA (conduzir, guiar, levar)	<i>bring to</i>
TRAZER PARA (dar, oferecer)	<i>bring to</i>
VIAJAR PARA (fazer viagem, percorrer)	<i>travel to</i>
VIR PARA (chegar, comparecer, encaminhar-se)	<i>come to</i>
VOLTAR PARA (retornar)	<i>return to</i>
VOLTAR PARA (devolver, restituir)	<i>return to</i>

Dada a grande similaridade semântica entre as preposições **A** e **PARA**, é de se esperar que a grande maioria das acepções dos verbos deste grupo também seja regida pela preposição **A**. A diferença essencial entre essas preposições é que enquanto **A** enfatiza o término do movimento, em **PARA** predomina a ideia de direção do movimento. Assim, a maioria dos equivalentes em inglês das acepções dos verbos deste grupo é a mesma em relação aos equivalentes das acepções dos verbos do primeiro grupo, isto é, aqueles regidos pela preposição **A**.

Contudo, nem todos os verbos seguidos de **PARA** são encontrados no primeiro grupo. São exemplos: *confluir* (dirigir-se), *disparar* (partir às pressas), *fugir* (escapar), *mudar-se* (transferir-se para outra casa ou local), *transferir* (mudar, passar) e *transferir* (despachar, remover), cujos equivalentes em LI são regidos por **TO** (respectivamente, *lead to*, *rush off to*, *run away to*, *move to*, *transfer to* e *transfer to*); *convergir* (direcionar-se, voltar-se), cujo equivalente é regido por **ON** (*converge on*); e *partir* (pôr-se a caminho) e *sair* (dirigir-se), cujos equivalentes são regidos por **FOR** (para ambos, *leave for*). Também merecem destaque os casos de *mudar* (pôr em outro lugar, remover, transferir), cujo equivalente não rege preposição (*move Ø*), bem como o de *chegar* (pôr perto, aproximar), como no exemplo *Chegue a mesa para perto da estante*, cuja equivalência se dá mediante uma tradução parafrásica (*bring [sth.] near(er) to [sth.]*).

Por fim, destacamos os verbos regidos pela preposição **SOBRE**:

AVANÇAR SOBRE (atacar, atirar-se, investir)	<i>advance on</i>
COLOCAR SOBRE (pôr)	<i>put on</i>
DESCER SOBRE (incidir, recair)	<i>fall on</i>
LANÇAR-SE SOBRE (arrojar-se, atirar-se)	<i>throw [oneself] into (studies), throw [oneself] onto (a bed, a person)</i>

PÔR SOBRE (colocar)	<i>put on</i>
SOBREPOR SOBRE (colocar sobre, pôr em cima de)	<i>superpose on/over</i>

Dentre os significados da preposição **SOBRE**, destaca-se a de “posição de superioridade em relação a um limite”. Unindo-se a *colocar* (pôr), *descer* (incidir, recair), *pôr* (colocar) e *sobrepôr* (colocar sobre, pôr em cima de), a preposição **SOBRE** evidencia esse traço semântico. *Colocar sobre*, *pôr sobre* e *sobrepôr sobre*, em especial, sugerem também “contato superficial”. Contudo, com *avançar* (atacar, atirar-se, investir) e *lançar-se* (arrojar-se, atirar-se), parece não haver necessariamente a ideia de uma posição de superioridade; a ênfase parece estar na direção do movimento.

Na LI, de acordo com Quirk *et al.* (1989, p. 676-679), é às preposições **ON** e **OVER** que em geral se associa a noção “posição de superioridade em relação a um limite”, mesma noção central expressa pela preposição **SOBRE** da LP. Por isso, ao analisarmos as preposições que acompanham os equivalentes acima, verificamos a predominância de **ON** (*fall on*, *put on*, *superpose on*) e **OVER** (*superpose over*). O equivalente *superpose*, como se pode constatar, admite ambas as preposições. Além disso, cabe mencionar que o equivalente de *lançar-se* exige preposições distintas a depender do seu complemento (*throw [oneself] into [studies]*, *throw [oneself] onto [a bed, a person]*).

Assim como nos grupos anteriores, constata-se a ocorrência de verbos que, em português, regem, além de **SOBRE**, outras preposições na mesma acepção:

- *avançar* (atacar, atirar-se, investir): liga-se também a **EM** e **CONTRA**;
- *colocar* (pôr): liga-se também a **EM**;
- *pôr* (colocar): liga-se também a **EM**;
- *sobrepôr* (colocar sobre, pôr em cima de): liga-se também a **A**.

Em termos quantitativos, observamos que, das 101 acepções da LP analisadas:¹³

- 62 são regidas pela preposição **A**;
- 5 pela preposição **ATÉ**;
- 4 pela preposição **COM**;
- 5 pela preposição **CONTRA**;
- 25 pela preposição **EM**;
- 53 pela preposição **PARA**; e
- 6 pela preposição **SOBRE**.

Com base na análise dos sete grupos de verbos estudados, bem como na observação dos dados quantitativos acima, podemos constatar que:

1) uma mesma noção ou traço semântico (no caso deste estudo, “deslocamento físico” com ênfase no ponto final do movimento) podem ser expressos por uma gama de preposições ou locuções prepositivas, tanto na LP quanto na LI, ainda que essa amplitude esteja, sem dúvida, intrinsecamente relacionada (e restrita) aos verbos aos quais as preposições se ligam;

2) é possível estabelecer, até certo ponto, uma correspondência interlinguística entre as preposições **A/PARA** e **TO** no que se refere à indicação do ponto final de um movimento, dado que grande parte dos equivalentes dos verbos de LP regidos por **A/PARA** são seguidos de **TO** em LI; e

3) assim como em LP (com as preposições **A** e **PARA**), também parece haver uma preposição em LI que se destaca, quantitativamente, por se ligar a verbos que implicam a noção semântica privilegiada nesta análise, a saber, a preposição **TO**.

¹³ É essencial destacar que a regência de tais acepções, nos dados quantitativos acima, está sendo considerada isoladamente, visto que há uma intersecção entre as acepções de um verbo que se ligam a mais de uma preposição (conforme apontado ao final de cada grupo de verbos regidos por uma determinada preposição).

As reflexões sobre regência verbal acima alicerçaram a realização do objetivo final deste trabalho: a elaboração de verbetes para uma proposta de produto lexicográfico bilíngue na direção português-inglês. Esses resultados são apresentados no próximo capítulo.

CAPÍTULO V

RESULTADOS FINAIS

Apresentamos na sequência uma amostra com 50 verbetes como resultado da nossa proposta de dicionário, contemplando os verbos preposicionados que apresentam o traço semântico privilegiado na nossa análise.

A

ADICIONAR A (ACRESCENTAR, MISTURAR) *Adicione os ovos ao caldo, já frio. Passe por uma peneira.* ■ **ADD TO** *Add flour to the green color bowl.*

(<http://www.amusebouche.com.br/sem-categoria/chawan-mushi-2>)

(http://www.frif.us/How_to_make_Madeleine_Castles.html)

ARRASTAR A, ATÉ, PARA (LEVAR, PUXAR, DESLOCAR) *O Espírito que se arrepende pode se deixar novamente arrastar ao caminho do mal por outros Espíritos ainda mais atrasados (...)// “Eu a arrastei até o sofá”, contou a sogra da jovem baleada. // Isso evita que um corpo de maior peso influencie, arrastando o outro para o centro do colchão.* ■ **DRAG INTO** *I was confident I could, and proceeded to drag the chair into the kitchen.*

(<http://www.geae.inf.br/pt/livros/le/le4-2-6.html>)

(http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/06/a_gazeta/minuto_a_minuto/1278239-jovem-de-21-anos-e-ferida-por-bala-perdida-em-vitoria.html)

(<http://www.orthocrin.com.br/colchoes-e-acessorios/colchoes-de-mola/mola-pocket/colchao-speciale/>)

(<http://www.helium.com/items/1078785-is-sin-a-myth>)

ARREMESSAR (pr.) **A, CONTRA** (ARROJAR-SE, ATIRAR-SE COM ÍMPETO) *A ave estendeu suas imensas asas e arremessou-se ao abismo, como uma flecha recoberta de penas. // Nesta quarta, o desespero do Jorge Wilstermann pode levar a equipe a recrudescer a defesa, fortalecer o ataque e arremessar-se contra o Colorado de forma inédita na*

Libertadores. ■ **THROW (ONESELF) ONTO** *I felt a searing pain in my face and **threw** myself **onto** the ground with my eyes firmly shut.*

(http://fanfiction.com.br/historia/227690/As_Cem_Melhores_Historias_Da_Mitologia/capitulo/18)
 (<http://www.maisnova.fm.br/Noticias/babado/Cochabamba-Inter-encara-o-desespero-boliviano-pela-lideranca-do-Grupo-6-na-Libertadores/73616/>)
 (<http://base.mng.nias.ac.jp/k1/saki.E.html>)

AVANÇAR CONTRA, EM, SOBRE (ATACAR, ATIRAR-SE, INVESTIR) *Um grupo do bairro Novo Horizonte de Lavras **avançou contra** policiais. // Não há outra hipótese, o jeito é colocar a faca entre os dentes e **avançar no** inimigo! // Motorista que **avançou sobre** ciclistas em Porto Alegre deve ir a júri popular.* ■ **ADVANCE ON** *He proposed to **advance on** the enemy's Camp at Yellow Tavern.*

(<http://www.jornaldelavras.com.br/index.php?p=10&tc=4&c=4399&catn=1>)
 (<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=301369>)
 (<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/15/motorista-que-avancou-sobre-ciclistas-em-porto-alegre-deve-ir-a-juri-popular.htm>)
 (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2001.05.0290%3Achapter%3D1.23%3Asection%3Dc.1.23.91%3Apage%3D117>)

B

BOTAR EM (COLOCAR, PÔR) *Quando devo **botar** uma essência **no** bolo? ■ **PUT ON** *It's the kind of loneliness that comes from being **put on** a pedestal all your life and forced into being "different".**

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110731051753AAsKel7>)
 (<http://www.squidoo.com/gettingtoknowmichaeljackson>)

C

CAMINHAR A, ATÉ, PARA (DIRIGIR-SE) *Essa mesma noite Santiago vai **caminhar ao** deserto. // Nós **caminhamos até** a orla do nosso hotel! // Juliana **caminhou para** o altar, ao som de Nella Fantasia, música de Enio Morricone executada por violinos e cellos do grupo do maestro Delfim Moreira.* ■ **WALK TO, AS FAR AS** *From there, you will **walk** about 4 blocks **to** the train station. // How long would it take to **walk as far as** the sun?*

([http://pt.encydia.com/es/O_alquimista_\(novela\)](http://pt.encydia.com/es/O_alquimista_(novela)))
 (http://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g54171-d144260-r128435944-Charleston_Waterfront_Park-Charleston_South_Carolina.html)
 (<http://contigo.abril.com.br/fotos/casamento-juliana-paes-300703?abrefoto=4>)
 (<http://boards.cruisecritic.com/archive/index.php/t-1332083.html>)
 (<http://answers.yahoo.com/question/index?qid=20070729091644AArtUbs>)

CHEGAR 1. **A** (SURGIR EM) *Observadores são impedidos de **chegar a** local de massacre na Síria.* ■ **ARRIVE AT** *Ashley and Mary-Kate Olsen **Arrive at** Charity Event in Fancy Muumuus.* 2. **PARA** (PÔR PERTO, APROXIMAR) *Se fosse eu, eu tentaria **chegar a mesa para** o início da galeria, de forma que o operador tivesse referência do som até lá.* ■ **[BRING (STH.) NEAR(ER) TO (STH.)]** *In shifting a sick person in the bed to the wheelchair, you need to **bring the chair near to** the bed and ensure the wheels are firmly locked.*

(<http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2012/06/observadores-sao-impedidos-de-chegar-local-de-massacre-na-siria.html>)
 (http://www.eonline.com/news/ashley_mary-kate_olsen_arrive_charity/320496)
 (<http://www.somaovivo.mus.br/forum/viewtopic.php?p=11786>)
 (<http://www.paid2bpopular.com/yurtyu/blog/moving-and-handling-people-the-caregiver-way/>)

COLIDIR COM (IR DE ENCONTRO A, CHOCAR-SE) *Carro capota após **colidir com** outro no Setor Marista, em Goiânia.* ■ **CRASH INTO** *More seriously, you could **crash into** an emergency vehicle or strike an emergency worker, causing serious injury or death.*

(<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/09/carro-capota-apos-colidir-com-outro-no-setor-marista-em-goiania.html>)
 (<http://hsmv.state.fl.us/SafetyTips/MoveOverTips.htm>)

COLOCAR EM, SOBRE (PÔR) (...) *e, se os brancos fugissem, o barbeiro não teria dinheiro para **colocar** o prato **na** mesa da família. // Quando a massa tiver esta textura, a pegamos com as mãos e a **colocamos sobre** a mesa.* ■ **PUT ON** *After Mr. Grey goes to work, what does Lee **put on** the bed to ensure that he punishes her when he returns?*

(<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/reacoes-as-cotas-subestimam-o-racismo/>)
 (<http://www.portalcursos.com/Sobremesas/curso/Sobremesa-24.htm>)
 (<http://www.funtrivia.com/en/Movies/Secretary-12106.html>)

CONDUZIR 1. **A** (DAR ACESSO) *O hall de entrada **conduz a** uma área de estar para os clientes e à esquerda é a portaria.* ■ **LEAD TO** *This new button will **lead you to** a new page with pictures from August 1999.* 2. **A** (DIRECIONAR, LEVAR) *Homem atingido no pé após assalto é **conduzido ao** Complexo Policial.* ■ **TAKE TO** *The nearest airports are Charles de Gaulle and Orly. Both are close to rail connections through to the Marne la Vallée Chessy railway station, where a taxi can **take** guests **to** the hotel.*

(<http://www.decolar.com/hoteis/h-307133/serena-nairobi>)

(<http://www.bouceiros.com/main.htm>)

(<http://www.radarnoticias.com/noticias/policia/12812/homem-atingido-no-pe-apos-assalto-e-conduzido-ao-complexo-policia-24-08-2012/>)

(<http://www.channelferries.co.uk/content/radisson-blu-hotel-cheap-disneyland-paris-hotels.html>)

CONFLUIR A (AFLUIR, CONVERGIR) *Milhares de populares começaram a **confluir** à praça de Armas de Santa Cruz para festejar o resultado do referendo que deu apoio esmagador ao estatuto de criação de um governo autônomo numa região da Bolívia (...).*

■ **CONVERGE ON** *County's young musicians **converge on** the Royal Albert Hall for the Last Night of the Schools Prom.*

(<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2008/05/04/ult34u204499.jhtm>)

(<http://www.dursleypeople.co.uk/County-s-young-musicians-converge-Royal-Albert/story-17340281-detail/story.html>)

CONVERGIR PARA (DIRECIONAR-SE, VOLTAR-SE) *As bandeiras de sete nações diferentes **convergem para** estas ilhas, e deixaram suas diversidades nas pessoas, cultura, costumes, arquitetura, arte, música e gastronomia. ■ **CONVERGE ON** (...) hundreds of law enforcement graduates of the Mississippi Law Enforcement Officers' Training Academy (MLEOTA) **converged on** the Capitol City to raise money for the Blair E. Batson Children's Hospital (...).*

(<http://www.discoveramerica.com.br/usa/states/us-virgin-islands.aspx>)

(<http://www.dps.state.ms.us/law-enforcement-officers-converge-on-capitol-city-to-run-for-kids/>)

CORRER A, PARA (APRESSAR-SE, DIRIGIR-SE APRESSADAMENTE) *O repositór Helder da Costa Santos, 33, foi um dos que **correram** à agência da Caixa Econômica Federal, na Avenida Guararapes, no Centro do Recife, em busca de informações sobre o suposto abono. // “Assim que soubemos, **corremos para** o local do acidente, que fica a cerca de 200 km da capital paranaense (...). ■ **RUSH TO** As it happened, a friend of Michael's was horseback riding near the highway when the accident occurred, and he **rushed to** the scene.*

(http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/economia/2012/10/18/internas_economia,402916/boato-sobre-abono-extra-do-pis-gera-correria-a-agencias-da-caixa.shtml)

(<http://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=6330>)

(<http://www.ccel.us/mike.ch28.html>)

D

DAR 1. **A, PARA** (PRESENTEAR) *Em seguida, Lula deu uma camisa ao líder mexicano, Felipe Calderón (...). // Na data em que foi comemorado o dia dos pais, os filhos deram um presente para toda a família (...).* ■ **GIVE Ø (SB.) (STH.), GIVE (STH.) TO (SB.)** *My mum told me in the sixties they had English neighbours who would give them Christmas presents (...). // This business would like to give a car to a senior with perfect attendance.* 2. **A, PARA** (ADMINISTRAR, MINISTRAR) *Então, o médico deu ao paciente uma injeção salina simples (...). // Na noite da sexta-feira Eurides deu o medicamento para o irmão e o colocou para dormir.* ■ **GIVE Ø (SB.) (STH.)** *The doctor may give the patient general anesthesia (...).* 3. **A, PARA** (GRATIFICAR OU RECOMPENSAR ALGUÉM COM) *O técnico Branco deu uma recompensa ao grupo de jogadores Alvinegro, que foi liberado, após o intenso treino de sábado, para curtir, com moderação, a Feijoada do Cacau, no último sábado. // Não querendo que a esposa soubesse, ele deu uma soma em dinheiro para a enfermeira e mandou que ela fosse para a Itália e tivesse o filho por lá.* ■ **GIVE Ø (SB.) (STH.), GIVE (STH.) TO (SB.)** *As a child I was presented with a prize and had to talk to the man who gave me the prize on TV (...). // (...) they didn't want to give a good grade to someone for doing something they decided without any consent (...).* 4. **A, PARA** (DISTRIBUIR, ENTREGAR) *Justiça manda Varig pagar salários e dar tarefas a empregados estáveis. // Elieser deu presentes para crianças doentes no hospital.* ■ **GIVE Ø (SB.) (STH.), GIVE OUT (STH.) TO (SB.)** *She demonstrated techniques, gave us tasks to do and let us get on with them. // We were also told to not give out candies to the kids on the side of the road as kids would skip school in order to get candies.*

(<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2009/07/08/ult34u223971.jhtm>)

(<http://www.surfcupe.com.br/noticias/noticia/?id=91>)

(http://www.asianimage.co.uk/feeds/4779789.A_little_Christmas_never_hurt_anyone/)

(<http://www.wccs.k12.in.us/board/Shared%20Documents/2000/Bd-min%2011-21-00.htm>)

(<http://www.cpb.com.br/htdocs/periodicos/licoes/adultos/2010/li622010.html>)

(<http://www.interjornal.com.br/noticia.kmf?cod=19134178>)

(<http://www.proctology.us/analcancer.php>)

(<http://wp.clicrbs.com.br/castiel/2012/02/22/pros-e-contras-do-paradao-no-catarinense/?topo=67,1,1,,13>)

(<http://www.hospitalbomretiro.com.br/jornalCAPS.html>)

(<http://www.sagazone.co.uk/forums-archives/chat/70970-have-you-been-on-telly/?start=0>)

(<http://archive.foolz.us/jp/thread/2729211>)

(<http://ultimainstancia.uol.com.br/conteudo/noticias/21678/32673.shtml.shtml>)

(<http://www.bigbrothernobrasil.com.br/tag/elieser-deu-presentes-para-criancas-doentes-no-hospital/>)

(<http://www.hyndberry.co.uk/testimonials.html>)

([http://www.tripadvisor.co.uk/ShowTopic-g147290-i64-k1496738-Gifts_for_children-\(Puerto_Plata_Puerto_Plata_Province_Dominican_Republic.html\)](http://www.tripadvisor.co.uk/ShowTopic-g147290-i64-k1496738-Gifts_for_children-(Puerto_Plata_Puerto_Plata_Province_Dominican_Republic.html)))

DEIXAR A, PARA (CEDER, DOAR, OFERTAR) *Deixo meus bens à minha irmã (...). // Jucélia inventou a história do italiano que iria **deixar** a herança **para** ela. ■ **LEAVE FOR** Share the love I leave for you with him.*

(<http://www.colegioleonardo.com.br/upload/1%20serie/Profa.%20Ana%20Ligia%20-%201%20bimestre%20-%201%20serie.pdf>)

(<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/conto-da-carochinha-jucelia-inventou-a-historia-do-italiano-que-iria-deixar-a-heranca-para-ela/>)

(<http://musica.com.br/artistas/the-beautiful-game-musical/m/all-the-love-i-have/letra.html>)

DERRAMAR EM (VERTER, ENTORNAR) *Ainda assim, se O artista levar mesmo o Oscar de melhor filme, no próximo dia 26, não deixará de ser ironia lembrar que, no começo de 2003, vários americanos patrioteiros e enfurecidos **derramaram** vinho francês **na** rua. ■ **POUR INTO** Next, add honey to the green tea mixture and **pour** tea **into** a pitcher.*

(http://cineweb.com.br/blogs/blog.php?id_blog=1&mes=01-2012)

(http://www.ehow.co.uk/how_6878368_increase-circulation-legs-green-tea.html)

DESCER SOBRE (INCIDIR, RECAIR) *E o Espírito Santo **desceu** sobre ele em forma corpórea, como pomba (...). ■ **FALL ON** As I began to speak, the Holy Spirit **fell on** them just as on us at the beginning.*

(http://biblia.gospelmais.com.br/lucas_3:22/)

(<http://www.onelifeonline.org.uk/resources/oneword/2012/4/>)

DESTINAR A, PARA (RESERVAR) *CMN prorroga parcela que bancos são obrigados a **destinar** ao crédito rural. // Já a prefeitura de Águas Lindas teria que **destinar** para a rede de ensino o equivalente a todo o seu orçamento anual. ■ **SET ASIDE FOR** Interest earned from the funds **set aside** for Texas Public Educational Grants may be spent only for grants to students as provided by this subchapter.*

(<http://www.opovo.com.br/app/economia/2012/02/09/noticiaseconomia,2781301/cmn-prorroga-parcela-que-bancos-sao-obrigados-a-destinar-ao-credito-rural.shtml>)

(<http://www.ebc.com.br/educacao/2012/12/simulador-desenvolvido-na-usp-calcula-custo-da-educacao-basica-no-brasil>)

(<http://www.statutes.legis.state.tx.us/Docs/ED/htm/ED.56.htm>)

DEVOLVER A, PARA (DAR OU ENTREGAR DE VOLTA, RESTITUIR) *Devolvi o produto ao vendedor e ele me devolveu o dinheiro. // Mercado de seguros **devolveu** para a sociedade mais de R\$ 72 milhões por dia. ■ **RETURN TO** If full payment is made prior to the deposit of your personal check, we will **return** the check **to** you at the time we receive full payment.*

(<http://www.mercadolivre.com.br/jm/profile?id=74244187&oper=B>)
 (<http://www.jotaseg.com.br/noticias/cabe-pagamento-de-seguro-dpvat-por-acidente-com-trator>)
 (<http://www.articlebigshot.co.uk/?p=7733>)

DIRIGIR 1. **PARA** (ENCAMINHAR, ENVIAR) *Diante dessas dificuldades, optei por **dirigir** minha encomenda **para** algumas pessoas segundo o que denominei critério da presença.*
 ■ **SEND TO** *To return an item, please enclose a note giving the reason for the return, wrap the package securely and **send** the package **to** the address below.* 2. (pr.) **A, PARA** (ENCAMINHAR-SE, IR) *Após a palestra, a delegação **dirigiu-se à** Câmara do Comandante, onde foram efetuadas a foto alusiva ao evento e a assinatura do Livro do Estabelecimento. // **Dirija-se para** uma unidade da Móveis Rainha e leve as medidas de sua casa, fale um pouco de seus sonhos e de suas possibilidades financeiras (...).* ■ **MAKE ONE'S WAY TO, TOWARDS** *He **made his way to** the tomb and walked straight in. // I finally **make my way towards** Hollywood Boulevard.*

(http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300002)
 (<http://www.electricity-club.co.uk/shop/offLine.php>)
 (<http://www.naval.com.br/blog/#axzz2AeSnYXut>)
 (<http://noobox.com.br/>)
 (<http://krisprince.us/?tag=pursuitoflaughter>)
 (<http://jillrobisfangirl.us/?p=59>)

DISPARAR 1. **CONTRA, EM** (ACIONAR O GATILHO DE ARMA DE FOGO, ATIRAR) *Suspeito morre após **disparar contra** batalhão da PM em Santo André. // “Ele não **disparou em** mim por engano não, ele veio para cima de mim (...).* ■ **FIRE AT** *Israeli settlers **fire at** Palestinians.* 2. **PARA** (PARTIR ÀS PRESSAS) *Entreí no carro. E minha mãe **disparou para** a escola e depois ia para o seu trabalho.* ■ **RUSH OFF TO** *Others miss breakfast because parents are too busy in the morning and are unable to feed their children before they **rush off to** work.*

(<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,suspeito-morre-apos-disparar-contra-batalhao-da-pm-em-santo-andre,944118,0.htm>)
 (http://www.diariodaborborema.com.br/2010/08/30/cotidiano1_0.php)
 (<http://www.guardian.co.uk/world/video/2012/may/21/israeli-settlers-fire-palestinians-video>)
 (http://fanfiction.com.br/historia/30545/Duas_Garotas_Um_Problema/capitulo/2)
 (http://menmedia.co.uk/manchestereveningnews/news/s/1591473_manchester-city-sponsor-etihad-backs-school-breakfast-club)

DOAR A, PARA (DAR, OFERECER) *Sociedade civil obtém bons resultados na mobilização de empresários para **doar ao** Fumcad. // Menina corta próprio cabelo para **doar para** amiga com câncer.* ■ **DONATE TO** *Donate to Amnesty International and support our work to protect human rights around the world.*

(<http://www.idis.org.br/acontece/noticias/sociedade-civil-obtem-bons-resultados-na-mobilizacao-de-empresarios-para-doar-ao-fumcad>)

(<http://www.idis.org.br/iscom/historico-programa-doar>

<http://www.tnonline.com.br/noticias/mundo/8,125505,06,06,menina-corta-proprio-cabelo-para-doar-para-amiga-com-cancer.shtml>)

(<http://www.amnesty.org/en/donate>)

E

EMBARCAR EM (ENTRAR PARA VIAJAR) *Para **embarcar em** um cruzeiro que se dirige à Europa, o passageiro deve apresentar um passaporte com validade mínima de seis meses.* ■ **EMBARK IN** *You will then be transferred by car to the port to **embark in** an outboard boat to the Wasai Tambopata Lodge (...).*

(<http://viagem.uol.com.br/album/2012/10/18/primeira-vez-em-um-cruzeiro-veja-dicas-para-uma-viagem-de-sucesso.jhtm?abrefoto=7>)

(<http://www.peru-adventure.us/amazon-eco.html>)

EMPRESTAR A, PARA (DAR COMO EMPRÉSTIMO) *China **emprestou a** Luanda cerca de US\$ 15 mil milhões desde 2002. // Banrisul declara: Não **emprestamos para** estrangeiros.* ■ **LEND TO** *Why Did WaMu Fail? Maybe Because They **Lent Money To** OJ Simpson.*

(http://www.visaonews.com/index.php?option=com_content&view=article&id=8622:china-emprestou-a-luanda-cerca-de-us-15-mil-milhoes-desde-2002&catid=88:financas-pessoais&Itemid=160)

(<http://obairrista.com/geral/2012/02/banrisul-declara-nao-emprestamos-para-estrangeiros/>)

(<http://www.businessinsider.com/washington-mutuals-oj-simpson-loan-fiasco-2009-10>)

ENFIAR 1. **EM** (CALÇAR, VESTIR) *O Hokage ficou perto dela, conseguindo **enfiar** a camiseta **nela**, quando ela ficou tonta, ao virar-se muito rápido.* ■ **PUT (STH.) ON (SB.)** *The movie this year is “Who **Put the Pants on Philip**” (...).* 2. **EM** (FAZER ENTRAR, INTRODUIZIR) *Luxemburgo **enfiou** a faca **no** próprio peito.* ■ **STICK (STH.) INTO (STH.)** *“No...I couldn’t have done it even a couple of weeks ago without worrying that you were going to **stick** a blade **into** your arm”.*

(http://fanfiction.com.br/historia/19108/Fugindo_De_Uma_Ruiva/capitulo/35)

(http://www.moniteau.k12.pa.us/district_newsletter/Summer04%20Moniteau%20NL.pdf)

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/2/28/esporte/4.html>)

(<http://www.dct-breakingoutofthegutter.co.uk/fics/emma/atj/jazz17.htm>)

ENTERRAR EM (CRAVAR OU ESPETAR PROFUNDAMENTE) “*Ele enterrou a espada em seu peito, para não viver sem você.*” ■ **PLUNGE (STH.) INTO (STH.)** *The others just want to smell the blood and fear, know what it's like to plunge a sword into the enemy's guts (...).*

(<http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-animes-inuyasha-quase-amor-351831/capitulo17>)
(<http://www.amazon.co.uk/gp/aw/cr/rRL4XS4OXX6GU6>)

ENTRAR 1. **EM** (PASSAR DE FORA PARA DENTRO) *Vampiros não podem entrar na casa de um humano sem um convite.* ■ **GO INTO** *Two men went into a restaurant. They both ordered the same dish from the menu.* 2. **EM** (INVADIR, PENETRAR) *Segundo a polícia, dois bandidos entraram na loja para fazer o assalto.* ■ **INVADE Ø** *"In the summer, the tourists invade and you can't even get to the shops to buy milk," said Mr. Newkey-Burden, a 31-year-old author.*

(<http://www.anitablake.com.br/universo-anita-blake/seres/vampiros/>)
(http://www.thecourse-online.us/Students/Lateral_Thinking.htm)
(<http://www.vilasoniaonline.com.br/blog/noticias/2008/08/baleada-comerciante-reage-a-assalto-e-esfaqueia-ladrao-na-vila-sonia/>)
(<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1472650/Ugly-grey-depressing-why-Luton-really-is-the-worst-place-in-Britain.html>)

ENVIAR 1. **A, PARA** (ENDEREÇAR, EXPEDIR) *Envie suas cartas ao apresentador. // Informar o número de prestações que deseja pagar, a data para efetuar o pagamento, o endereço para envio da segunda via e enviar a correspondência para um dos nossos endereços.* ■ **SEND (STH.) TO (SB.), SEND (SB.) (STH.)** *This video will make you want to send flowers now to someone you love. // Who Sent Me Chocolates?* 2. **A, PARA** (ENCAMINHAR, CONDUZIR) *Antes da determinação, os familiares dos detentos podiam enviar comida a eles de 15 em 15 dias. // A Cruz Vermelha parou de enviar donativos para a Região Serrana do Rio de Janeiro.* ■ **SEND TO** *You can send up to \$3,000 per day to your beneficiary at BPI, BDO and Metrobank.*

(<http://entretenimento.r7.com/programa-do-gugu/noticias/saiba-como-enviar-cartas-para-o-programa-do-gugu-20101005.html>)
(<http://www.cohapar.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=74>)
(http://www.dailymotion.com/video/xog8sm_send-flowers-to-someone-special_lifestyle)
(<http://www.cmadigital.co.uk/who-sent-me-chocolates/>)
(<http://www.profissaoipm.com.br/2012/10/pr-ma-alimentacao-e-falta-de-medico-teriam-motivado-rebeliao/>)
(<http://mais.uol.com.br/view/99at89ajv6h1/cruz-vermelha-suspende-o-envio-de-donativos-para-o-rj-0402983760E4B10327?types=A>)
(https://www.wellsfargo.com/per/intl_remittance/asia)

ESBARRAR EM (IR DE ENCONTRO A, TOPAR COM) *Estava fazendo uma transferência de alguns grandes arquivos utilizando o WinSCP quando, sem querer, **esbarrei no** teclado e o foco estava no botão “Cancel”.* ■ **BUMP INTO** *He wasn't looking where he was going and he **bumped into** the chair.*

(<http://www.picoloto.com.br/>)

(<http://www.studyonline.co.uk/phrasal-verb-bump-into/>)

F

FINCAR EM (CRAVAR, ENFIAR, ENTERRAR) *Bope pretende **fincar** bandeira **em** favelas ocupadas no Rio.* ■ **PLUNGE (STH.) INTO** *The Redhead and the Lead Man both **plunge a flag into** the snow that covers the ice.*

(<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4931973-EI17320,00-Bope+pretende+fincar+bandeira+em+favelas+ocupadas+no+Rio.html>)

(http://www.900daysthemovie.com/uploads/6/5/8/9/6589363/on_the_ice.pdf)

G

GUIAR ATÉ (CONDUZIR) *Pegamos o carro e **guiamos até** um barzinho perto da estação de metrô Vergueiro.* ■ **DRIVE AS FAR AS** *If you don't want to **drive as far as** the Catskills (...), try going to the Shawangunks in New Paltz.*

(<http://www.texton.com.br/contos/1607>)

(<http://www.washington-heights.us/yabbse/index.php?topic=1611.5;wap2>)

I

INJETAR EM (INTRODUZIR) *Absurdo: EUA **injetou** secretamente plutônio **em** cidadãos sem que eles soubessem.* ■ **INJECT INTO** *People should never **inject into** an artery.*

(<http://jornalciencia.com/sociedade/diversos/1395-absurdo-eua-teria-injetado-secretamente-plutonio-em-cidadaos-sem-que-eles-soubessem>)

(http://www.heroinhelper.com/user/admin/avoiding_arteries_part_1.shtml)

INTRODUZIR EM (PÔR, COLOCAR) *O TESTA NOTA **introduziu em** seu aparelho uma lâmpada especial, pela qual consegue-se identificar com clareza essa impressão invisível.* ■ **INTRODUCE INTO** *It is a further purpose to specifically **introduce substances into** cellular interiors that will be involved in reactions intracellularly (...).*

(<http://www.testanota.com.br/site/testanotapluscheque.htm>)

(<http://www.patentstorm.us/patents/6146766/description.html>)

IR 1. **A, PARA** (DIRIGIR-SE) *À tarde, **iremos ao** mais novo parque aquático de Orlando, o Aquatica, onde você poderá deslizar em toboáguas passando ao lado de botos e golfinhos. // Quando eu **fui para** a escola, me perguntaram o que eu queria ser quando crescesse. Eu escrevi “feliz”.* ■ **GO TO** *'We **went to** pupils' homes and got them out of bed'.* 2. **ATÉ** (ATINGIR, CHEGAR) *Em 1974, a inundaçã **foi até** a calçada da igreja do Senhor do Bomfim, no Centro.* ■ **REACH Ø** *After the flood waters recede, if the water **reached** your well casing, assume your well is contaminated.*

(<http://www.mgmoperadora.com.br/pagina/121/12/10/0/419/orlando-disney/orlando---fly--drive//orlando-top/roteiro>)

(<http://pensador.uol.com.br/frase/NzAxMzUy/>)

(<http://www.independent.co.uk/news/education/schools/rachel-de-souza-we-went-to-pupils-homes-and-got-them-out-of-bed-2376273.html>)

(<http://www.defesacivil.gov.br/midia/corpo.asp?id=45856>)

(<http://www.health.state.mn.us/news/pressrel/2011/flood031511.html>)

J

JOGAR 1. **A, EM, PARA** (ARREMESSAR, DIRIGIR, LANÇAR) *Em 16 anos, canadense já **jogou ao** mar 4.800 garrafas com mensagens. // O clube identificou o torcedor que **jogou o objeto no** gramado e levou a informação ao árbitro Alício Pena Júnior, que deve relatar em súmula. // “A gente sabe que, quando a situação estiver complicada, pode **jogar a bola para** ele, pois o Rafinha gosta de chamar a responsabilidade”.* ■ **THROW AT, TO** *The knife was not recovered, but investigators did find several pieces of paper Calvaire allegedly **threw at** the victim, including a piece of mail addressed to one of his family members. // Step forward and **throw the ball to** your partner, keeping the arms straight.*

(<http://www.radioprogresso640.com.br/2011/10/em-16-anos-canadense-ja-jogou-ao-mar-4-800-garrafas-com-mensagens/>)

(<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/floripatequerobem/19,0,2010020,Gremio-identifica-torcedor-que-jogou-objeto-em-campo.html>)

(http://www.lancenet.com.br/minuto/Coritiba-confianca-Rafinha-derrotar-Paulo_0_782921767.html)

(<http://www.metro.us/boston/local/article/1146988--t-stabbing-suspect-held-on-25k-bail>)

(<http://www.brianmac.co.uk/medball.htm>)

JUNTAR A (ADICIONAR, MISTURAR) *É essencial **juntar** água **ao** gelo, pois os cubos de gelo rodeados unicamente de ar não produzirão o efeito desejado (...).* ■ **ADD TO** *Why do you **add** salt **to** boiling water?*

(<http://www.mulher.palpitedigital.com.br/temperatura-dos-vinhos-como-servir-gelar-ou-nao-gelar/>)
(<http://askville.amazon.com/add-salt-boiling-water/AnswerViewer.do?requestId=772340>)

L

LANÇAR A, PARA (ARREMESSAR, JOGAR) (...) *Renato Abreu, em vez de jogar para fora, **lançou** a bola **ao** campo de ataque e Marcos Assunção a dominou quando todos pararam. // (...) a equipe adversária não consegue **lançar** a bola **para** o outro lado da rede.* ■ **PASS (THE BALL) TO, LAUNCH (THE LIFEBOAT) INTO, THROW (THE TOY) Ø FAR AWAY** *At no time may the ball carrier **pass** the ball **to** herself. // In locations where there is no natural harbour it is necessary to use an inclined slipway to **launch** the lifeboat **into** the sea. // I **throw** the toy far away, then I run somewhere to hide.*

(http://placar.abril.com.br/brasileiro/palmeiras/kleber-gladiador/noticias/kleber-se-defende-em-confusao-no-fim-e-diz-que-flamengo-nao-adotou-fair-play.html?print=true&post_id=86710)
(<http://www.jocjogos.com/jogos-de-beach-volleybal.html>)
(<http://www.newton.k12.in.us/hs/stuco/images/ppfootballrules.pdf>)
(<http://staffprofiles.bournemouth.ac.uk/display/publication13063>)
(<http://answers.yahoo.com/question/index?qid=20100805140113AAa54Ra>)

LANÇAR (pr.) **SOBRE** (ARROJAR-SE, ATIRAR-SE) (...) *um escravo, cuja vida bastante longa se passara quase toda naqueles corredores subterrâneos, **lançou-se sobre** mim com uma faca.* ■ **THROW (ONESELF) INTO (STUDIES), THROW (ONESELF) ONTO (A BED, A PERSON)** *"Are you bored with life? Then **throw** yourself **into** some work you believe in with all your heart, live for it, die for it, and you will find happiness that you had thought could never be yours". // I **throw** myself **onto** the bed and fall asleep.*

(<http://www.nossacasa.net/recomeco/default.asp?item=037>)
(<http://www.quotedb.com/quotes/841>)
(<http://www.windowsproject.co.uk/ancil/weanspoems/pxhdysy.htm>)

M

MANDAR 1. **A, PARA** (ENVIAR COMO PRESENTE, OFERECER) *Taunay, autor da iniciativa, mandou o presente ao destinatário acompanhado de um ofício no qual reforçava o papel do presidente de Estado na criação do museu (...). // O diretor de núcleo do programa, Boninho, e Ana Furtado também mandaram flores para Ana (...).* ■ **SEND TO** *Financial restraints might mean this can't be done too often, but it can be lovely to send a gift to your partner.* 2. **A, PARA** (ENVIAR, EXPEDIR, REMETER) (...) *antes de mandar a carga ao destinatário é preciso que se tomem alguns cuidados. // OVJ presenteia 36 crianças que mandaram carta para o Papai Noel pelos Correios.* ■ **SEND TO** *When I called the rebate center they said that I had to send the mail to Montreal and then they sent it to Minnesota.* 3. **A, PARA** (FAZER IR, ORDENAR QUE VÁ) *É a mesma coisa que estar em um consultório e o médico mandar você à sala ao lado. // Seja rápido para criar a sua base e obter estruturas que lhe darão dinheiro mais rápido, para recrutar soldados e mandá-los para a linha de frente (...).* ■ **SEND (SB.) TO** *These are examples of Measure 11 crimes that will send you to prison (...).*

(<http://www.itu.sp.gov.br/?area=210>)

(<http://www.ilustrado.com.br/2011/ExibeNoticia.aspx?NotID=32257&tipo=impressao>)

(http://www.thestudentroom.co.uk/wiki/Long_Distance_Relationships:_How_to_cope)

(<http://www.conexlog.com.br/noticias>)

(<http://tj-go.jusbrasil.com.br/noticias/2040934/ovj-presenteia-36-criancas-que-mandaram-carta-para-o-papai-noel-pelos-correios>)

(<http://s88563448.onlinehome.us/Consumer/Michelin.html>)

(<http://pjtsalina.codigolivres.org.br/news/linux/123658.html>)

(<http://clickjogos.uol.com.br/Jogos-online/Acao-e-Aventura/1-Will-Survive-2/>)

(<https://web.multco.us/dcj-juvenile/measure-11>)

MANDAR EM (ATACAR ALGUÉM COM ALGO, DESFERIR EM) *Gritou uma ameaça para mim e, sem esperar resposta, antes que pudesse sequer me levantar, mandou o braço no meu rosto, com fúria.* ■ **STRIKE Ø, PUNCH Ø, KICK Ø** *Beverley Jones, from Swansea, told Michael Rees to close his eyes for a Christmas present and count to three before she struck him on the nose. // "I just got into an altercation with my father. He punched me and threatened to choke me," the girl told a 911 dispatcher. // When the officer tried to detain the boy, he says the boy kicked him in the chest.*

(http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_agressao_do_maiorana)

(<http://www.bbc.co.uk/news/uk-wales-south-west-wales-19715132>)

(<http://www.sickcrimes.us/2012/06/the-sclc-defends-creflo-dollar-what-a-bunch-of-asshats-5987>)

(<http://sierrastar.us/past/11-24-99/1124attack.html>)

METER 1. **EM** (COLOCAR, DEPOSITAR, GUARDAR) *Os poços não eram todos iguais, por isso, embora alguns se tenham conformado, outros pensaram no que teriam de fazer para continuar a meter coisas no seu interior...* ■ **PUT INTO** *Can you put coins into an envelope and send it as ordinary letter in the U.S.?* 2. **EM** (FAZER ENTRAR, INTERNAR) *Se metermos objetos muito pequenos na boca, podemos engolir e engasgar.* ■ **PUT INTO** (...) *all you have to do is take this little bluish pill and put it into your mouth and swallow.*

(http://www.conversaentreamigos.com.br/sub-conversa_na_midia.php?id=46)

(<http://www.italki.com/answers/question/43023.htm>)

(<http://pinguinhosdesaber.site50.net/?tag=seguranca>)

(<http://www.pillblue.co.uk/blue-pils-a-right-remedy-fo-erection-troubles.htm>)

P

PARTIR PARA (PÔR-SE A CAMINHO) *Menino de Almeirim já partiu para a Alemanha.* ■ **LEAVE FOR** *I'm leaving for Paris (...).*

(<http://www.rederegional.com/index.php/entertainment/1288-menino-de-almeirim-ja-partiu-para-a-alemanha.html>)

(<http://www.azlyrics.com/lyrics/rufuswainwright/leavingforparisno2.html>)

PÔR 1. **EM** (DEPOSITAR, GUARDAR) *Acrescenta Booth: "Nos mercados, o risco está sempre mudando. Não é aceitável pôr o dinheiro das pessoas em depósitos ou bônus do governo".* ■ **PUT INTO** *Money may be taken to the cafeteria before school begins in the morning and the cafeteria manager will put the money into the student's account.* 2. **EM** (ACRESCENTAR A) *Gosto de pôr tempero na comida.* ■ **PUT IN, ON** *Can I put salt in my baby's food? // In the next fact sheet we will start to put numbers on the scale.* 3. **EM** (USAR OU FAZER USAR, VESTIR) *Zoey põe a camisa no Mike e ele volta a ser Mike.* ■ **PUT (SB.) INTO** *Just because Ma's put him into trousers, / He tells me now to go and play at houses.* 4. **EM, SOBRE** (COLOCAR) *"Vou pôr o livro na mesa por uma questão de organização". // Depois de sentar o cliente, ajude-o a colocar a banda elástica no cabelo e a pôr a toalha sobre os ombros.* ■ **PUT ON** *You're going to want to buy a copy and put it on your desk for others to think you're reading.*

(<http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/10/9/regulacao-empurra-fundos-de-pensao-para-bonus-de-governos>)

(<http://www.parkhill.k12.mo.us/ParkHillHighSchool/Pages/Cafeteria.aspx>)

(<http://www.ueego.com.br/noticias/page/2>)

(<http://www.babycentre.co.uk/baby/startingsolids/safety/saltexpert/>)

(http://www.gtchild.co.uk/content/index.php?option=com_content&task=view&id=195&Itemid=68)

(http://fanfiction.com.br/historia/270110/Drama_Total_A_Ilha_esta_de_volta/capitulo/2)
 (<http://www.traditionalmusic.co.uk/songster/54-just-because-they-put-him-into-trousers.htm>)
 (<http://www.jhoje.com.br/14022009/radar2.php>)
 (<http://www.nikkenuk.com/po/feat3adec02.htm>)
 (<http://www.forbes.com/sites/ericjackson/2012/06/19/89-business-cliches-that-will-get-any-mba-promoted-to-middle-management-and-make-them-totally-useless/>)

S

SOBREPOR A, SOBRE (COLOCAR SOBRE, PÔR EM CIMA DE) *Exercício de topografia (...).*

5. *Sobrepor ao perfil natural um greide (perfil de projeto) com duas rampas que minimizem cortes e aterros. // O mundo de Luz que está **sobreposto sobre** o mundo de sombras é um mundo de esperanças, um mundo que amplia tudo o que é belo, harmonioso e que está repleto com amor de irmãos/irmãs, paz, alegria e abundância. ■*

SUPERPOSE ON, OVER *Waves can **superpose on** one another, bend around corners, reflect off surfaces, be absorbed by materials they enter, and change direction when entering a new material. // We **superpose over** the maps the information on the proper elements and proper frequencies of the real objects (...).*

(<http://pt.scribd.com/doc/95066890/Exercicio-8-Nivel-Geometrico-Resolvido-Parcial>)
 (<http://www.luzdegaia.org/amiguel/ronna/m050jan02.htm>)
 (http://www.project2061.org/publications/rs1/online/Compare/NRC/BSL2NRC/CH4/B_NRC225.HTM)
 (<http://adsabs.harvard.edu/abs/2010IAUS..263..240M>)

T

TOPAR 1. COM (APROXIMAR-SE DE, AVISTAR) *Caminharam sempre ao poente, e depois de*

*vencerem sete léguas de espessura, **toparam com** o agregado de serras (...). ■ **COME***

ACROSS Ø *To the north and south lay the brood of warriors that **came across** the mountains from the north, in those times when memory was dark and strange. 2. **COM***

*(DEPARAR-SE COM, ENCONTRAR) **Topei com** outro clássico da década de 1980: UNITRON*

■ **COME ACROSS Ø** *I recently **came across** an article entitled "Synthetic biology: 'playing God' is vital if we are to create a better future for all".*

(<http://www.chapadadosguimaraes.com.br/nomemt.htm>)
 (http://www.europabarbarorum.com/factions_lusotannan.html)
 (<http://www.evolucaotecnologica.com.br/?p=1443>)
 (http://www.science20.com/gerhard_adam/playing_god-92558)

TORNAR A (RETORNAR, VOLTAR) *Adquiriu a cidadania norte-americana em 1946, mas tornou à Europa em 1953 (...).* ■ **RETURN TO** *Perth sex attacker may have returned to scene to destroy evidence.*

(<http://www.tiosam.org/?q=Hindemith>)

(<http://www.thecourier.co.uk/News/Perthshire/article/25481/perth-sex-attacker-may-have-returned-to-scene-to-destroy-evidence.html>)

TROMBAR COM (CHOCAR-SE, COLIDIR) *Na tentativa de uma pedalada, jogador escorregou, caiu e trombou com o adversário.* ■ **BUMP INTO** *While walking home she bumped into a woman who said the necklace Sam found was hers, so Sam gave it to her.*

(http://acritica.uol.com.br/craque/tentativa-pedalada-escorregou-trombou-adversario_0_536348719.html)

(<http://www.episodeguide.us/goosebumps/be-careful-what-you-wish-for.../episode/49619/summary.html>)

V

VIAJAR 1. A, ATÉ, PARA (FAZER VIAGEM, PERCORRER) *Dilma faz exames em SP antes de viajar à Argentina. // Que tal viajar até o espaço em um balão? // Se o menor for viajar para o exterior desacompanhado de um ou de ambos os pais, estes deverão preencher e assinar autorização de viagem, com firma reconhecida em cartório.* ■ **TRAVEL TO, AS FAR AS** *U.S. and Canadian citizens can travel to Iceland or Europe on holiday or business for 90 days or less, in accordance with the Visa Waiver Program. // The storm could take most of the day to travel as far as Baton Rouge, 70 miles to the northwest.*

(<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/dilma-faz-exames-em-sp-antes-de-viajar-a-argentina>)

(<http://www.mundodeluxo.com.br/aviacao/que-tal-viajar-ate-o-espaco-em-um-balao>)

(<http://www.dpf.gov.br/simba/passaporte/documentacao-necessaria/documentacao-para-passaporte-comum/documentacao-para-menores-de-18-anos>)

(<http://www.icelandair.us/information/before-you-go/travel-documents/>)

(<http://www.travelweekly.co.uk/Articles/Details/41481>)

VIR A, PARA (CHEGAR, COMPARECER, ENCAMINHAR-SE) *Robert Plant poderá vir ao Brasil em outubro. // O baixista Caniço não veio para o show e foi substituído por um amigo da banda.* ■ **COME TO** *The Church of Scientology said Orth came to the church only after the article was written.*

(<http://rollingstone.com.br/noticia/robert-plant-podera-vir-ao-brasil-para-shows-em-outubro/>)

(<http://www.zerozen.com.br/musica/planetars20012.htm>)

(<http://www.cnn.com/2012/09/04/showbiz/cruise-vanity-fair/index.html>)

VIRAR (pr.) **CONTRA** (INVESTIR, ATACAR) *Um levantou rapidamente a arma e o cão virou-se contra ele, rosnando. Quando lhe apontou a faca, por trás um terceiro cão pulou em cima dele (...).* ■ **ATTACK Ø** *The animal attacked after spotting the fake deer apparently trespassing on its territory in Western Montana.*

(<http://www.recantodasletras.com.br/contosdesuspense/2841492>)

(<http://www.animaltalk.us/stag-attacks-plastic-rival/>)

CONCLUSÕES

No contexto social em que vivemos, é inegável a importância dos dicionários, aos quais geralmente se recorre para a busca de informações conceituais sobre as palavras, o esclarecimento de questões de língua, ou até mesmo para a obtenção de conteúdos enciclopédicos. No que diz respeito à solução de questões linguísticas, sejam elas estruturais ou semântico-pragmáticas, não raro eles substituem as gramáticas na preferência dos usuários, dado o seu caráter facilitador na aprendizagem da língua. Assim, acreditamos que, dentre as características essenciais de um dicionário, deveria estar incluída a de facilitar a consulta a informações específicas requeridas pelos seus usuários. Contudo, isso nem sempre ocorre, muitas vezes devido à falta de critérios bem definidos na sua elaboração ou à existência de fatores externos relacionados à sua publicação.

Ser usado para fins tão variados torna o dicionário um instrumento de consulta de grande autoridade, com finalidade pedagógica e diretrizes normativas típicas de um livro didático. Entretanto, há que se ponderar que as obras lexicográficas não estão isentas de imperfeições, nem sua autoridade é inquestionável. Por exemplo, um “defeito” inerente a todo dicionário é o fato de que ele é um produto “inacabado”, no sentido de que não pode abarcar a totalidade do léxico de uma língua, pois esta é um “organismo vivo” em constante transformação. Por essa razão, um dicionário precisa passar por processos de revisão permanentemente. Acrescente-se a isso o fato de que o prestígio dos dicionários, por outro lado, faz com que o olhar de determinado grupo de pesquisadores, os lexicógrafos, volte-se para eles de forma crítica, consolidando o seu estudo em uma das inúmeras ramificações das ciências da linguagem, com aparato teórico-metodológico próprio.

A autoridade linguística aparentemente inabalável desse produto lexicográfico também pode ser enfraquecida quando os dicionários existentes não são suficientes para sanar nossas dúvidas sobre questões linguísticas pontuais. Entre os fenômenos linguísticos que suscitam dificuldades e questionamentos está o da regência verbal, que, a nosso ver, não tem recebido a devida atenção por parte de pesquisadores e lexicógrafos. As dúvidas sobre regência tendem a aumentar se temos que compreender e/ou produzir em língua estrangeira.

Conseqüentemente, a regência de uma perspectiva comparativa pode consolidar-se como um estudo de significativo interesse para a comunidade acadêmica. Além disso, a elaboração de verbetes para um dicionário especial bilíngue de regência verbal, com a indicação das preposições adequadas para os verbos tanto da língua de partida quanto da língua-meta, pode contribuir para o esclarecimento de dúvidas relativas a esse fenômeno linguístico. Por isso, defendemos a produção de estudos e a elaboração de instrumentos de consulta que ajudem a dirimir as dificuldades de estudantes e consulentes, de língua materna ou estrangeira, em relação a questões específicas da língua.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, esperamos ter colaborado para os estudos de natureza contrastiva já existentes, e também para o surgimento de futuras propostas de dicionários dedicados ao tema da relação verbo-preposição, máxime se bilíngues ou multilíngues, uma vez que no mercado editorial atual não é grande a oferta de dicionários voltados para essa temática e, ao mesmo tempo, são cada vez mais crescentes as necessidades de trânsito interlinguístico no universo altamente globalizado em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, R. E. A concise history of the COD. In: HARTMANN, R. R. K. **The history of lexicography**. Exeter: John Benjamins, 1986, p. 1-11.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BÉJOINT, H. **The Lexicography of English**. New York: Oxford University Press, 2010.
- BERBER SARDINHA, T. Visão geral da linguística de corpus. In: _____. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004, p.1-43.
- BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. V. 2. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 185-200.
- BORBA, F. da S. (Coord.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.
- _____. **Dicionário de Usos do Português**. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- CAMBRIDGE **Dictionary of American English for speakers of Portuguese**. Martins Fontes, 2005.
- CATFORD, J. Os limites da possibilidade de tradução. In: _____. **Uma teoria linguística da tradução**. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 103-114.
- CELCE-MURCIA, M.; LARSEN-FREEMAN, D. **The grammar book**. Boston: Heinle, 1999.
- COLLINS-COBUILD **English Grammar**. London: Harper Collins Publishers, 1990.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- DAPENA, J. A. P. Lexicografía y Diccionario. In: _____. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arcos/Libros, S.L., 2002, p. 15-41.
- DOLEZAL, F. How abstract is the English dictionary? In: HARTMANN, R. R. K. **The history of lexicography**. Exeter: John Benjamins, 1986, p. 47-55.
- DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Lexicografia Pedagógica: atores e interfaces. **D.E.L.T.A.**, 23:2, 2007, p. 203-222.

- FERNANDES, F. **Dicionário de verbos e regimes**. 45 ed. São Paulo: Globo, 2009.
- FERNÁNDEZ, D. A. La lexicografía como disciplina lingüística. In: GUERRA, A. M. M. (Coord.). **Lexicografía española**. España: Editorial Ariel, S.A., 2003, p. 31-52.
- FERNÁNDEZ-SEVILLA, J. **Problemas de lexicografía actual**. : Instituto Caro y Cuervo, 1974.
- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio eletrônico Século XXI**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. **Dicionário Aurélio eletrônico**. Versão 7.0. 5 ed. Positivo Editora, 2010.
- HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.
- HOUAISS, A. *et al.* **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- _____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IGNÁCIO, S. E. Parâmetros para um dicionário de valência verbal. **Alfa**, São Paulo, v. 49, n. 1, 2005.
- ILARI, R. *et al.* A preposição. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (Org.); CASTILHO, A. T. de (Coord.). **Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 623-804.
- JACKSON, H. **Lexicography: an introduction**. London and New York: Routledge, 2002.
- LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. V. 2. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, p. 133-152.
- LEMMENS, M. La grammaire dans les dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H.; PHILIPPE T. (Ed.). **Les dictionnaires bilingues**. Aupelf-Uref-Editions Duculot: Louvain-la-Neuve, 1996, p. 71-102.
- LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2011.
- MILTON, J. **Tradução: teoria e prática**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- OLIVI, L. C. R. **Contribuição para o estudo das construções verbo + partícula adverbial no inglês**. Araraquara: 1989, 157f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –

Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

OSSELTON, N. E. The first English dictionary? A sixteenth century compiler at work. In: HARTMANN, R. R. K. **The history of lexicography**. Exeter: John Benjamins, 1986, p. 175-184.

OXFORD **Escolar para estudantes brasileiros de inglês**. Oxford do Brasil: 2007.

PERINI, M. A.; FULGÊNCIO, L. Notas sobre a transitividade verbal. In: KIRST, M. H. B.; CLEMENTE, E. (Org.). **Linguística aplicada ao ensino de português**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 63-82.

QUIRK, R. *et al.* **A comprehensive grammar of the English language**. New York: Longman, 1989.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

RODRIGUES-FEITOSA, V. C. **Dicionário Houaiss de verbos da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

SAID ALI, M. Verbos transitivos e intransitivos. **Idioma**, Rio de Janeiro, n. 20, ano XVII, 1998, p. 71-83.

SCHMITZ, J. R. Reflexões sobre dicionários bilíngues inglês-português decorridos 23 anos. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (Org.). **Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: < <http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf> >. Acesso em: 18 nov. 2012.

SEABRA, M. C. T. C; WELKER, H. A. Questões teóricas e genéricas. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 29-37.

SOUTO, M. C.; PASCUAL, J. I. P. El diccionario y otros productos lexicográficos. In: GUERRA, A. M. M. (Coord.). **Lexicografía española**. España: Editorial Ariel, S.A., 2003, p. 53-78.

SWAN, M. **Practical English usage**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

VILELA, M. **Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

WELKER, H. A. Tipologia de dicionários. In: _____. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004, p. 35-54.

_____. A valência verbal em três dicionários brasileiros. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 1, 2005.

ZAVAGLIA, C. **Sistematização crítica de produção científica em Lexicografia e Lexicologia**. São José do Rio Preto: 2009. 92f. Tese (Livre-docência em Lexicografia e Lexicologia) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto. Disponível em: <http://www.claudiazavaglia.com/Formacao_files/2009_sistematizacao_lexicologia_lexicografia_zavaglia_LD.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2012.

ZAVAGLIA, C.; SILVA, R. M. Dicionário Multilíngue de Regência Verbal: uma proposta. **Cadernos de Tradução** (UFSC), v. 18, 2006, p. 67-92.